

**INSTITUTO VALE DO CRICARÉ  
FACULDADE VALE DO CRICARÉ  
MESTRADO PROFISSIONAL EM CIÊNCIA,  
TECNOLOGIA E EDUCAÇÃO**

**BRUNA SILVEIRA SCHULTZ**

**A ESPETACULARIZAÇÃO DO ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA: UMA  
FERRAMENTA PEDAGÓGICA PARA ALUNOS DO SÉCULO XXI**

**SÃO MATEUS**

**2019**

BRUNA SILVEIRA SCHULTZ

**A ESPETACULARIZAÇÃO DO ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA: UMA  
FERRAMENTA PEDAGÓGICA PARA ALUNOS DO SÉCULO XXI**

Dissertação apresentado ao Programa de Mestrado Profissional em Ciência, Tecnologia e Educação da Faculdade Vale do Cricaré, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciência, Tecnologia e Educação.

Orientador (a): Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ivana Esteves Passos de Oliveira

SÃO MATEUS

2019

Autorizada a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na publicação

Mestrado Profissional em Ciência, Tecnologia e Educação

Faculdade Vale do Cricaré – São Mateus – ES

S387e

Schultz, Bruna Silveira.

A espetacularização do ensino da língua portuguesa: uma ferramenta pedagógica para alunos do século XXI / Bruna Silveira Schultz – São Mateus - ES, 2019.

193 f.: il.

Dissertação (Mestrado Profissional em Ciência, Tecnologia e Educação) – Faculdade Vale do Cricaré, São Mateus - ES, 2019.

Orientação: prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ivana Esteves Passos de Oliveira.

1. Espetacularização. 2. Ensino-aprendizagem. 3. Ferramentas pedagógicas. 4. Ficção. 5. Gramática. I. Oliveira, Ivana Esteves Passos de. II. Título.

CDD: 372.61

Sidnei Fabio da Glória Lopes, bibliotecário ES-000641/O, CRB 6ª Região – MG e ES

**BRUNA SILVEIRA SCHULTZ**

**A ESPETACULARIZAÇÃO DO ENSINO DA LÍNGUA  
PORTUGUESA: UMA FERRAMENTA PEDAGÓGICA PARA  
ALUNOS DO SÉCULO XXI**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência, Tecnologia e Educação da Faculdade Vale do Cricaré (FVC), como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Ciência, Tecnologia e Educação, na área de concentração Ciência, Tecnologia e Educação.

Aprovada em 18 de outubro de 2019.

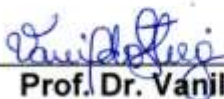
**COMISSÃO EXAMINADORA**



**Prof. Dra. Ivana Esteves Passos de Oliveira**  
Faculdade Vale do Cricaré (FVC)  
Orientadora



**Prof. Dra. Adriana Pin**  
Faculdade Vale do Cricaré (FVC)



**Prof. Dr. Vanildo Stieg**  
Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)

## DEDICATÓRIA

A minha família e a Deus.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço esta conquista ao meu esposo, Felipe de Carvalho Dias, que me incentivou com apoio incondicional e me ajudou a dar o primeiro passo para realizar este sonho. Se não fosse por você, eu não teria conquistado o almejado título de Mestre.

A minha mãe, que sempre acreditou em mim e em meu potencial, que demonstrou desde minha infância que a educação é o melhor caminho a ser trilhado e que com ela eu cresceria profissionalmente e pessoalmente. Mãe, minha companheira de vida, obrigada por estar sempre ao meu lado incondicionalmente!!!

À Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ivana Esteves Passos, mais do que uma orientadora no caminhar da dissertação, você foi uma grande incentivadora do meu trabalho, me inspirando a cada encontro e destacando meus potenciais. Foi a professora que soube decifrar minhas inquietações e vislumbrar um potencial em meu trabalho.

Aos professores, colegas de trabalho, cúmplices das minhas ideias malucas para uma educação afetiva e construção do saber, obrigada.

A todos os meus amigos que me apoiaram e me incentivaram.

Ao Colégio Panorâmico, especialmente, a diretora, Marilza Rosetti Chisté, por me permitir desenvolver a pesquisa na escola e acreditar em meu trabalho por 10 anos nessa instituição.

Aos alunos, pela participação e dedicação no decorrer do desenvolvimento da pesquisa e da minha carreira docente, tudo isso é por vocês e para vocês!

Ao meu Pai (in memoriam), Adavir Schultz, que mesmo não estando aqui, tenho certeza de que está me vendo e dizendo: "Este é o meu Fizin"!!!

Assim, esta pesquisa somente foi possível graças à amabilidade e à disponibilidade de várias pessoas, de forma direta ou indireta, às quais manifesto meus sinceros e reconhecidos agradecimentos.

A todos, Muito Obrigada!

“Tudo que é bom aparece, e o que é bom  
precisa aparecer”.

Guy Debord

## RESUMO

SHULTZ, B.S. **A espetacularização do Ensino da Língua Portuguesa: uma ferramenta pedagógica para alunos do século XXI.** 2019. 194 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade Vale do Cricaré, 2019.

Com a metodologia autoetnográfica observamos o ensino da Língua Portuguesa no segmento do Ensino Fundamental (11 a 15 anos), tanto em escolas públicas como particulares, e ficou evidente a dificuldade deles relacionada ao ensino da gramática normativa, mais especificamente a compreensão dos elementos morfossintáticos da Língua Portuguesa. Essa dificuldade de aprendizagem e a desmotivação dos alunos com os estudos de modo geral foram o ponto inicial para buscar soluções, a fim de gerar comprometimento e envolvimento no processo de ensino. Com base em estudos de Guy Debord (2003) sobre a sociedade do espetáculo nasceu um personagem ficção (objeto de estudo para o presente trabalho), capaz de sensibilizar e motivar os alunos por meio do espetáculo e convocá-los para uma aprendizagem ativa. Inspirada pelas ideias dialógicas de Paulo Freire, a Professora Maluquinha estabelece uma conexão imediata com seus alunos e cria uma ferramenta de códigos espetaculares para ensinar gramática. Com seu Show, com suas músicas, de uma forma irreverente e caricata, ela consegue transportá-los para um mundo ficcional e fazê-los compreender não somente a morfossintaxe, mas estimular a criatividade para os estudos e motivá-los para uma educação cooperativa. Na fronteira entre o ficcional e o real está a espetacularização como ferramenta que se mostra eficaz para ensinar Língua Portuguesa no século XXI. O resultado é aprendizagem interativa e criativa, com melhoras significativas. Nessa perspectiva, os resultados alcançados vão além do ensino da Língua Portuguesa, eles perpassam por uma mudança de conduta na escola e torna os alunos protagonistas de seu aprendizado. Nesse jogo entre verdade e ficção, os alunos, sujeitos ativos da sociedade espetacular sentem-se capazes de participar do processo de ensino-aprendizagem. A conexão entre personagem e alunos extrapola o tradicional e se lança em uma forma de aprendizagem diferenciada e interacional. A pesquisadora Paula Sibília (2008) destaca que o indivíduo moderno tem dificuldade de ouvir narrativas demasiadamente longas, por isso, os alunos, geração permeada pela mídia e pela tecnologia, necessita de uma forma diferenciada de trabalho, capaz de acompanhar o contexto atual. Um trabalho permeado pela inovação da ficção e por metodologias ativas insere os alunos como protagonistas do processo de ensino. Como aporte teórico, este trabalho está fundamentado em autores como Paula Sibília (2008), Guy Debord (2003), Alexandre Gobbo (2013) e Edgan Morin (2004) e outros, a fim de nortear o trabalho proposto e torná-lo significativo.

Palavras chave: Espetacularização. Ensino-aprendizagem. Ferramenta-pedagógica. Ficção. Gramática.



## ABSTRACT

SHULTZ, B.S. **The spectacularization of Portuguese Language Teaching: a pedagogical tool for 21st century students.** 2019. 194 f. Dissertation (Master) - Vale do Cricaré College, 2019.

With the self-ethnographic methodology we observed the teaching of Portuguese in the elementary school segment (11 to 15 years old), both in public and private schools, and it was evident their difficulty related to the teaching of normative grammar, more specifically the understanding of the morphosyntactic elements of Portuguese language. This learning disability and the lack of motivation of students with their studies in general were the starting point to seek solutions in order to generate commitment and involvement in the teaching process. Based on studies by Guy Debord (2003) on the society of the spectacle, a fiction character (object of study for the present work) was born, able to sensitize and motivate the students through the spectacle and to call them to an active learning. Inspired by Paulo Freire's dialogical ideas, Professor Maluquinha establishes an immediate connection with her students and creates a spectacular code tool for teaching grammar. With her show, with her songs, in an irreverent and caricature way, she can transport them to a fictional world and make them understand not only the morphosyntax, but stimulate creativity for studies and motivate them for a cooperative education. At the frontier between fictional and real is spectacularization as a tool that is effective for teaching Portuguese in the 21st century. The result is interactive and creative learning, with significant improvements. From this perspective, the results achieved go beyond the teaching of the Portuguese language, they go through a change of conduct in the school and make the students protagonists of their learning. In this game between truth and fiction, students, active subjects of spectacular society feel able to participate in the teaching-learning process. The connection between character and students goes beyond the traditional and throws itself into a differentiated and interactional form of learning. Researcher Paula Sibília (2008) points out that the modern individual has difficulty hearing too long narratives, so students, a generation permeated by media and technology, need a different form of work, able to keep up with the current context. A work permeated by innovation of fiction and active methodologies inserts students as protagonists of the teaching process. As a theoretical basis, this work is based on authors such as Paula Sibília (2008), Guy Debord (2003), Alexandre Gobbo (2013) and Edgan Morin (2004) and others, in order to guide the proposed work and make it meaningful.

Keywords: Spectacularization. Teaching-learning. Pedagogical tool. Fiction. Grammar

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Teatro: O Mágico de Oz. Alunos do 7º ano.....	93
Figura 2	Teatro: Peter Pan. Alunos do 8º ano.....	94
Figura 3	Teatro: o Fantástico Mistério de Feiurinha. Alunos do 9º ano.....	94
Figura 4	Teatro: Alice no País das Maravilhas. Alunos do 6º ano.....	95
Figura 5	Teatro: O Auto da Compadecida. Alunos do 7º ano.....	95
Figura 6	Teatro: Finalização do evento.....	96
Figura 7	Café Literário: Murais. Produto Final Alunos 6º ao 9º ano.....	97
Figura 8	Café Literário: Apresentações. Alunos do 6º ao 9º ano.....	98
Figura 9	Comidas : Café Literário. Lanche compartilhado.....	98
Figura 10	Gêneros Literários: Produção dos alunos do 6º ao 9º ano.....	99
Figura 11	Gêneros Literários: Murais: Produto final Alunos do 6º ao 9º ano	100
Figura 12	Bullying: Murais: Produção Alunos do 6º ao 9º ano.....	101
Figura 13	Bullying: Murais: Produto Final Alunos do 6º ao 9º ano.....	102
Figura 14	Dengue: Murais: Produção Alunos do 6º ao 9º ano.....	103
Figura 15	Lugar de Mulher é onde ela quiser: Murais: Produção Alunos do 6º ao 9º ano.....	104
Figura 16	Lugar de Mulher é onde ela quiser: Murais: Produção Alunos do 6º ao 9º.....	105
Figura 17	Lugar de Mulher é onde ela quiser: Murais: Produção Alunos do 6º ao 9º ano.....	106
Figura 18	Lugar de Mulher é onde ela quiser: Delegada Palestrante.....	107
Figura 19	Lugar de Mulher é onde ela quiser: Passeata: Alunos do 6º ao 9º ano.....	108
Figura 20	Lugar de Mulher é onde ela quiser: Passeata: Alunos do 6º ao 9º ano.....	108

## LISTA DE SIGLAS

EaD	Ensino a Distância
EJA	Educação de Jovens e Adultos
ES	Espírito Santo
HEP	Altas Escolas Pedagógicas
HES	Altas Escolas Especializadas
HQ	História em Quadrinhos
IDEB	Índice de Desenvolvimento da Educação Básica
IBOPE	Instituto Brasileiro de opinião e Estatística
IFES	Instituto Federeal do Espírito Santo
LP	Língua Portuguesa
PUC	Pontifica Universidade Católica
USP	Universidade de São Paulo
TV	Televisão

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>13</b>
<b>2 ESPAÇO PARA FABULAÇÕES E REESCRITURA DE ESTUDOS .....</b>	<b>26</b>
2.1 SER PROFESSOR - BRASIL E MUNDO .....	37
2.1.1 A tradição enraizada na prática dos professores – Canadá .....	38
2.1.2 A inquietação sobre o perfil dos profissionais aspirantes a docentes – Brasil .....	42
2.1.3 Modelo Prático Reflexivo - uma mudança na prática pedagógica dos professores – Bélgica .....	45
2.1.4 A interferência da localidade no status da formação de professores – Inglaterra .....	48
2.1.5 A interferência da localidade no status da formação de professores – Suíça .....	52
2.1.6 Ensino colaborativo comunitário – Estados Unidos .....	54
2.1.7 Massificação da educação: dificuldades na ação de lecionar – França .....	56
<b>2.2 METODOLOGIAS ATIVAS .....</b>	<b>61</b>
<b>2.3 RELIGAÇÃO DOS SABERES – INTERDISCIPLINARIDADES .....</b>	<b>67</b>
<b>2.4 APAREÇO, LOGO EXISTO – METODOLOGIAS NA PRÁTICA .....</b>	<b>76</b>
<b>3 METODOLOGIA .....</b>	<b>84</b>
<b>4 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....</b>	<b>91</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>113</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>115</b>
<b>ANEXO A – Solicitação de autorização para a pesquisa.</b>	<b>118</b>
<b>ANEXO B – Autorização institucional.....</b>	<b>119</b>
<b>ANEXO C – Depoimentos dos alunos sobre o festival de teatro.....</b>	<b>120</b>
<b>ANEXO D – Vestígios encontrados nas redes sociais: Gêneros.....</b>	<b>121</b>
<b>ANEXO E – Vestígios encontrados nas redes sociais: Bullying.....</b>	<b>122</b>
<b>ANEXO F – Vestígios encontrados nas redes sociais: Projetos.....</b>	<b>123</b>
<b>ANEXO G – Vestígios encontrados nas redes sociais: Passeata.....</b>	<b>124</b>
<b>ANEXO H – Vestígios encontrados nas redes sociais: Mídia.....</b>	<b>125</b>
<b>ANEXO I – Vestígios encontrados nas redes sociais: Professora Maluquinha – Ela Existe (2015).....</b>	<b>126</b>

<b>ANEXO J – Vestígios encontrados nas redes sociais: Professora Maluquinha (2017).....</b>	<b>127</b>
<b>ANEXO K – Vestígios encontrados nas redes sociais: Professora Maluquinha (2019).....</b>	<b>128</b>
<b>ANEXO L – Vestígios encontrados nas redes sociais: Depoimento ex-aluna (2016).....</b>	<b>129</b>
<b>ANEXO M – Aceite do trabalho – University de Aarhus - Dinamarca</b>	<b>130</b>
<b>APÊNDICE A – Convite Palestrante .....</b>	<b>131</b>
<b>APÊNDICE A.1 – Convite Palestrante .....</b>	<b>132</b>
<b>APÊNDICE B – Ofício Polícia Militar.....</b>	<b>133</b>
<b>APÊNDICE B.1 – Ofício Polícia Militar.....</b>	<b>134</b>
<b>APÊNDICE C – Ofício Polícia Militar: Viatura Maria da Penha .....</b>	<b>135</b>
<b>APÊNDICE C.1 – Ofício Polícia Militar: Viatura Maria da Penha .....</b>	<b>136</b>
<b>APÊNDICE D – Convite: Mídia .....</b>	<b>127</b>
<b>APÊNDICE D.1 – Convite: Mídia .....</b>	<b>138</b>
<b>APÊNDICE E – Autorização para uso de Imagem e depoimento pesquisa...</b>	<b>139</b>
<b>APÊNDICE F – Produto: História em Quadrinhos .....</b>	<b>140</b>

## 1 INTRODUÇÃO

“Os próprios jovens costumam pedir para serem constantemente motivados e estimulados.”  
Gilles Deleuze

No início da carreira docente alguns professores manifestam o desejo de influenciar mudanças comportamentais e intelectuais sem seus alunos. Há claramente um anseio de utilizar a educação como processo fundamental para a ascensão social e psicológica do alunado, inserindo valores considerados importantes para a sociedade, além de incentivá-los intensamente de que a educação é o melhor caminho para o crescimento. No entanto, ao se deparar com a realidade da sala de aula, todos esses objetivos e essa utopia acadêmica parecem difíceis de ser alcançados.

No ambiente escolar existem diversas realidades: alunos em situação de vulnerabilidade social, abandono, pobreza, falta de acompanhamento familiar, de estrutura emocional e psicológica, de autoestima e, algumas vezes, há escolas que carecem de recursos para melhorar a aprendizagem dos estudantes. E nesse ambiente, falar da educação como ferramenta de crescimento e ascensão social fica cada vez mais distante.

Quando pensamos na complexidade de tudo o que ocorre na escola, percebemos a multiplicidade de relações em que está envolvido o ensinar e o aprender. Relações econômicas, materiais, relações sociais e institucionais, relações entre conteúdos e métodos de ensino, crenças, concepções, teorias. O cotidiano da escola é sempre permeado por tudo isso e, dessa forma, não é tarefa simples procurar aprendê-lo, analisá-lo e compreendê-lo (FONTANA; CRUZ, 1997, p. 4).

No caso da Língua Portuguesa, alcançar esses alunos para a gramática normativa, a língua culta e de prestígio fica ainda mais distante. O que é o ensino da gramática diante desses enormes problemas? Além de tudo isso, quando os iniciantes no processo da docência vão conversar com os colegas de trabalho encontram uma total desmotivação com a carreira, com o processo pedagógico e com a crença de que é possível fazer diferente.

Nesse cenário, esse professor cheio de desejos e vontades vê-se sem perspectivas, sendo que, de um lado, se depara com a desmotivação dos alunos em aprender e, do outro, com a indiferença de alguns professores diante dessa realidade. No entanto, é necessário cumprir um cronograma de habilidades e competências, que o aluno precisa aprender em cada série, é exigida uma avaliação

para aprovar esse aluno, e também cumprir rigorosamente as imposições do sistema educacional, independentemente de qualquer outra situação que o aluno esteja vivenciando. Então, diante de tudo isso, surge a criatividade no fazer diferente, a utopia de mostrar que a aprendizagem pode ocorrer de diferentes formas e que é possível transformar por meio da educação.

Assim, após observar tanto em escolas públicas quanto em particulares o baixo rendimento, a dificuldade dos alunos para estudar a gramática e a barreira criada por eles, justificada por uma dificuldade com a Língua Portuguesa, emergiu uma grande inquietação e decidimos buscar uma solução que se configurava um problema latente. Surgiu, então, a ideia de criar um personagem de ficção, capaz de estimular um enlace do aluno com o saber a ser adquirido. Para tanto, tem-se como alicerce as reflexões de Guy Debord sobre uma sociedade do Espetáculo, visto que poderia ser um mecanismo capaz de convocá-los para a aprendizagem, para a transcendência entre o real e o ficcional nos moldes midiáticos, contexto no qual eles estão imbricados.

Isso porque os alunos encontram-se em um espaço da espetacularização: espetaculariza-se a vida, a religião, a política e, até mesmo, a violência. “O espetáculo constitui o modelo presente da vida socialmente dominante” (Guy Debord, 2003). O que nos une é a imagem. Frequentemente surge um convite para assistir imagens espetaculares, o homem virou uma imagem, da sua própria vida. Essas imagens irreais materializam-se por meio do espetáculo e contemplá-la torna-se realidade e verdade.

Diante dessa constatação, um personagem ficção poderia atrair a atenção dos alunos e auxiliá-los no processo de ensino-aprendizagem. Mas quem seria esse personagem? Como ele se travestiria? Qual seria a diferença dele para a professora regente da turma? E seu nome, como ele seria chamado? Tais questões delinearam nossas reflexões e nos impeliram a configurá-lo no contexto da escola, contudo, relacionando-o com os elementos espetaculares da cultura Pop. Nasceu, então, a Professora Maluquinha.

Uma professora com óculos engraçados, atitudes exageradas, uma professora cantora Pop. É importante ressaltar que a personagem foi batizada pelos alunos: Maluquinha, fazendo uma referência à Professora Maluquinha, de Ziraldo,

denotando as inferências da mídia sobre esses alunos, inclusive em seus processos criativos.

A Professora Maluquinha, criação de Ziraldo Alves Pinto, foi um apelo dos educadores brasileiros a Ziraldo para criar um personagem que incentivasse os alunos à leitura e que demonstrasse como um professor pode se tornar inesquecível e ser um divisor de águas na vida de um estudante.

Ziraldo, apesar de não possuir formação docente nem grandes conhecimentos pedagógicos, criou uma personagem tipicamente no modelo construtivista, no qual a professora construía com seus alunos as respostas para as questões, tornando a aula participativa e acolhedora.

Assim, os alunos, ao identificarem os traços da professora regente e sua maneira de conduzir a aula, sob influência da mídia, transformaram-na em uma pessoa real, em um personagem ficção, capaz de, assim como os alunos da história da Professora Maluquinha, do escritor Ziraldo, aprender de forma lúdica e atraente. Essa ação dos alunos, no processo de criar o nome do personagem ficção, inseriu-os na posição de sujeitos ativos e coparticipantes da interação da sala de aula e, mais, demonstrou claramente como a mídia tem um poder avassalador na vida das pessoas em geral e em seus processos de criatividade.

[...] mas essa idealização da mente não é a única possível: existem diversas abordagens externalistas, inclusive na cultura ocidental moderna, tais como aquelas que consideram a consciência humana como sendo um fruto da interação social. De acordo com essas perspectivas, seria na trama intersubjetiva que as individualidades nascem e se desenvolvem, sem interiorização de nenhum tipo. Essas visões procuram superar as persistentes limitações do dualismo interior/exterior: a mente seria uma construção intersubjetiva e de algum modo “exterior” às entranhas do sujeito. (SIBILIA, 2008, p. 92).

Como Paula Sibilia (2008) afirma em seu livro, estamos tão conectados com os meios de comunicação atuais que, até mesmo, os processos subjetivos já não podem ser considerados algo próprio, inédito, pois já estão “contaminados” por essas influências externas.

Dessa forma, os alunos criadores do nome do personagem ficção Professora Maluquinha também se consideraram participantes desse mundo imaginário e se travestiram de público, ansiosos para que sua personagem iniciasse o próprio “Show”.



Com isso os alunos envolvidos nessa aula interagiam como se estivessem em uma brincadeira, sem perceberem, de fato, que a forma lúdica de desenvolvê-la era, na verdade, a construção de uma ferramenta pedagógica de aprendizagem.

Era perceptível que a professora regente não possuía o domínio do canto, não conhecia as notas, ou tocava qualquer instrumento, mas, por meio da simplicidade, do ambiente criado e projetado pelos alunos, como uma história em quadrinhos, ela era capaz de unificar as pessoas de diferentes contextos: faixas etárias, classes sociais, raça, religião etc. Estava nítido o poder transformador e unificador da música; tem-se, portanto, uma característica importante dessa personagem: o Show, a música.

Nesse contexto, a partir daí, foi importante utilizar papel e criatividade, pois a ideia era transformar a gramática normativa em música para alcançar os alunos e motivá-los aos estudos. No entanto, deveria ser algo simples e fácil de memorizar. Logo, a solução foi parodiar. Buscamos as cantigas folclóricas como base para a criação e inserimos a gramática. Desse modo, em qualquer local que fossemos ensinar as músicas, elas seriam aceitas e rapidamente absolvidas.

Primeiramente, as músicas foram criadas com preposições e, em seguida, com pronomes, figuras de linguagem etc... A personagem virou uma celebridade na escola em que foi criada, uma escola privada na cidade de Cariacica-Sede, e passou a ser solicitada pelos alunos. Sua aparição não dependia mais do nosso planejamento, mas do desejo da “plateia” em assistir ao “show da Maluquinha”, conseqüentemente, esse desejo dos alunos pelo show foi para a professora uma oportunidade de aprendizagem, “celeiro fértil” de conhecimento, motivação de aprendizagem.

Como dizia Debord,

Onde o mundo real se converte em simples imagens, estas simples imagens tornam-se seres reais e motivações eficientes típicas de um comportamento hipnótico. O espetáculo, com tendência para fazer ver por diferentes mediações especializadas [...] (DEBORD, 2003, p. 19).

Os alunos, sujeitos ativos da sociedade espetacular do século XXI, perceberam por meio desse personagem a possibilidade de fugir do ensino tradicional e linear e de ter uma forma de aprendizagem diferenciada. A Professora Maluquinha pôde estabelecer uma conexão com esses jovens educandos e ensinar

gramática, conteúdo importante da Língua Portuguesa, mas considerado enfadonho, em algo divertido, atrativo e singular.

Paula Sibília (2008) destaca justamente isso em seus textos: o homem moderno tem dificuldade de ouvir uma narrativa explicativa de conteúdos por horas e horas, no caso dos nossos alunos, por aulas e aulas. A vida contemporânea é mais ávida por rapidez e agilidade, logo, os alunos, sujeitos ativos desse processo necessitam de uma nova forma de trabalho didático, capaz de acompanhar o contexto atual.

[...] essas artes narrativas exigiam uma entrega e uma distensão na escuta: um dom de ouvir intimamente associado ao dom de narrar, um grau de calma e sossego aparentado com o sono, no qual flutuava certo esquecimento de si mesmo. Algo que naquele universo pré-moderno era perfeitamente possível, porém hoje se torna cada vez mais raro: uma disposição do corpo (e do espírito) que se localiza no extremo oposto da tensão, da ansiedade e da aceleração que turbinam nossos corpos (e espíritos) na contemporaneidade. (SIBILIA, 1998, p.40).

Com as ideias de Paula Sibília (2008) sobre a dificuldade do homem pós-moderno ouvir passivamente por muito tempo e da leitura do livro de Guy Debord (2003) “A Sociedade do Espetáculo” elaboramos um método de trabalho que pode ser considerado uma ferramenta eficaz de atração para ensinar os alunos do século XXI. Esse modelo imaginário de show possibilitou criar um elo entre os alunos e a professora, e outros enlaces pedagógicos foram sendo construídos e recriados para melhorar o processo de aprendizagem.

Com o vínculo afetivo criado, o respeito e a amorosidade dos alunos, novos espaços de construção surgiram dentro dessa perspectiva de aula show e os desafios para ensinar esses “alunos do século XXI” foram reduzidos. Vários projetos e infinitas possibilidades de trabalho também apareceram: Café literário homenageando diversos autores, Bulliyng, Ciranda da Leitura, Dengue, Copa do Mundo e Copa das Confederações (trabalho interdisciplinar), Festival de Teatro, e, o mais recente, Violência contra a mulher. A princípio esses projetos foram trabalhados apenas na disciplina de Português, porém com o engajamento dos alunos, outros professores entraram e participaram.

Convém destacar que o trabalho com projeto cria uma rede de possibilidades, além de ser uma forma diferente de trabalho com os alunos. Todos os projetos têm

um ponto inicial norteador que, geralmente, é baseado em uma necessidade imediata detectada e uma culminância.

A Maluquinha foi o primeiro passo para a espetacularização do ensino da Língua Portuguesa, foi uma iniciativa própria, demandando uma proatividade da minha metodologia de ensino. Ela não “nasceu” de uma solicitação institucional, de performance para despertar a atenção dos alunos como ocorre em pré-vestibulares ou em plataformas digitais de EaD (Educação a Distância). O código audiovisual foi criação própria, nascido do desejo de mostrar aos alunos que a escola pode ser um ambiente divertido.

“A arte da conversão está morta”, Guy Derbord (2003) vaticinou isso em seu livro “A sociedade do Espetáculo” para justificar que a imagem e o espetáculo são os opostos do diálogo, as pessoas do século XXI não dialogam mais nem mesmo escutam umas às outras. Nesse contexto incluem-se nossos alunos, também, *eu* e *você*, como diria Paula Sibília.

Os alunos do século XXI já não querem mais ouvir um professor horas e horas explicando conteúdos, nem fazer tarefas e atividades fixativas. Eles compõem uma geração pautada pelo espetáculo: tudo foi espetacularizado, a religião, a violência, a urbanização, a vida privada, a política, entre outros seguimentos.

Tudo é permeado pelo espetáculo, sem deixar praticamente nada de fora. Os contornos desta gelatinosa definição ultrapassam aquilo que exhibe na mídia, pois o espetáculo recobre toda a superfície do mundo e se banha definitivamente em sua glória. (SIBÍLIA, 2008, p. 44).

O espetáculo dilacera o homem e o homem deixa-se levar pelo espetáculo de forma passiva e afetiva. As aulas de Língua Portuguesa, nesse cenário espetacular, não eram diferentes. O ensino tradicional, conteudista, marcado de frases sem significação para o aluno, sem contexto histórico e totalmente fora da sua realidade linguística, pouco os atraía, já que estamos falando de uma geração marcada pelo Show, pelo espetáculo midiático e agressivo das redes de computador e da televisão.

Mais que um conjunto de imagens, o espetáculo se transformou em nosso modo de vida e em nossa visão de mundo, na forma como nos relacionamos uns com os outros e na maneira como o mundo se organiza. (SIBÍLIA, 2008, p. 44).

Fez-se necessário, portanto, criar mecanismos para convocar essa geração

de “ouvintes preguiçosos”, impregnados na sociedade espetacular de Guy Debord, e utilizar o mecanismo da espetacularização como ferramenta pedagógica, capaz de vinculá-los ao processo de ensino aprendizagem e torná-los seres ativos nesse processo.

O personagem ficção, criado para a sociedade do espetáculo compromete o aluno com a aprendizagem, impõe a ele sua participação no processo estudantil e colabora para que o ensino pareça mais simples, mais sutil, mas não por isso, menos eficaz.

A personagem ficção é solicitada por eles, pois por meio desse personagem eles se direcionam para um mundo irreal, fantasioso e divertido, diferente do contexto da sala de aula em que estão acostumados, e nesse mundo show, os alunos se transformam em fãs ao vivenciarem uma experiência de aprendizagem diferenciada.

**“Ô, Maluquinha, cadê você, eu vim aqui só para te ver”** (chamado da turma para a Professora Maluquinha).

Percebemos nessa invocação do personagem ficção outro indicativo do efeito da espetacularização sobre o ser humano e como esse efeito influencia as atitudes da sociedade em geral. Ao analisarmos essa expressão, é possível observar claramente outro indicio de que o homem vive da irrealidade e faz dela sua realidade para viver.

Ao ouvir esse chamamento da turma, a personagem consegue aproximar-se deles e envolvê-los com a espetacularização a que estão acostumados. Os “ouvintes preguiçosos” com a aprendizagem mecanizada e tradicional demonstram vínculo, afeto e se tornam sujeitos ativos no processo de ensino aprendizagem; o professor personagem, agente ficcional, passa a alcançar o aluno em todas as suas possibilidades socioemocionais.

Segundo Guy Debord (2003), a sociedade atual vive um processo de espetacularização, nesse caso, o professor ficcional é capaz de entrar em conversa com o aluno, compreendê-lo e motivá-lo no processo de ensino aprendizagem. Sua aula torna-se um “Show do Eu”, como corrobora Paula Sibília, e, por consequência, um ambiente favorável à aprendizagem.

Assim sendo, com base no exposto, apresentaremos uma forma diferenciada de ensinar a Língua Portuguesa, tendo como enfoque ensinar de forma lúdica e prazerosa, buscando despertar a afetividade e a aproximação com os alunos, bem como mostrando para eles que é possível aprender de forma lúdica.

A intenção não é descartar métodos antigos, já comprovados que são eficazes, mas aprimorá-los para que o aluno do Ensino Fundamental II ainda tenha prazer em aprender, assim como tinha quando cursava a Educação Infantil e o Ensino Fundamental I.

A ideia central é perceber o aluno como sujeito agente no processo educacional, um sujeito que já possui conhecimento de mundo, o qual deve ser valorizado no ambiente escolar como instrumento de trabalho prazeroso. Por isso a proposta é ensinar Língua Portuguesa de forma contextualizada, utilizando a música, a ludicidade e a encenação, que tanto encanta e diverte o ser humano, como uma ferramenta transformadora no ensino da gramática normativa, capaz de gerar saber e interação.

A construção de professores críticos e reflexivos, de intelectuais engajados e capacitados para a construção da cidadania na sala de aula é um desafio emergente e imprescindível em qualquer tentativa consequente de transformação da escola. Favorecer, incentivar, estudar e/ou provocar as condições para que este desenvolvimento ocorra, capacitando os professores para enfrentar estes desafios, é tarefa que a universidade não pode (mais) se furtar. (DIAS-DA-SILVA,1998, p. 42, grifos do autor).

O show ou espetáculo será utilizado como fonte de inspiração para essa proposta didática no ensino da Língua Portuguesa, não descartando a variedade linguística, o contexto histórico social e as formas de interação desses alunos, pois os métodos não podem ser engessados, mas aprimorados de acordo com a realidade em que eles estão inseridos.

O ensino, nesse caso, além de estimular a aprendizagem do aluno e motivá-lo aos estudos, em especial da Língua Portuguesa, também será um propulsor para ele perceber que a educação pode ser estimulante e que, por meio dela, é possível fazer diferente, ser diferente. Além de, quem sabe, também pode estimulá-lo a seguir a carreira docente.

[...] mas, então, uma guinada aconteceu. No 3º ano do Ensino Médio, conheci Terezinha Pimenta, professora de Biologia que me encantou com seu mundo de lesmas, sapos, cobras e lagartos. Ela me apresentou a fauna, a flora e a vida com tanta paixão e emoção que me apaixonei pela

Biologia. Esta é uma das magias que a nossa profissão, professores, oferece: a possibilidade de marcar e mudar, definitivamente, a vida de um jovem. Terezinha operou esta mágica! Foi exemplo e mudou o rumo da minha vida! (GOBBO, 2013, p.19).

Muitos estudiosos já mencionaram em seus trabalhos a importância de os professores utilizarem metodologias diferenciadas para atrair a atenção dos alunos e convocá-los a uma aprendizagem efetiva. No entanto, de acordo com a revisão literária feita, não observamos a ficção, ainda, como recurso pedagógico, tampouco sua eficácia para comprovar que a espetacularização pode ser uma ferramenta pedagógica.

Certamente, a afetividade e a relação emocional já são consideradas um diferencial para propiciar o ensino, pois alunos que possuem uma relação mais próxima do professor conseguem assimilar o conteúdo com mais facilidade. Vygotsky (2003) em seus trabalhos já citava a importância da relação professor X aluno no campo da aprendizagem e impulsionava os docentes a trabalhar a afetividade e o estabelecimento de vínculo, para obter resultados mais efetivos.

As reações emocionais exercem uma influência essencial e absoluta em todas as formas de nosso comportamento e em todos os momentos do processo educativo. Se quisermos que os alunos recordem melhor ou exercitem mais seu pensamento, devemos fazer com que essas atividades sejam emocionalmente estimuladas. A experiência e a pesquisa têm demonstrado que um fato impregnado de emoção é recordado de forma mais sólida, firme e prolongada que um feito diferente. (VYGOTSKY, 2003, p. 121).

A personagem ficção Maluquinha, analisada no âmbito desta pesquisa, pôde estabelecer esse vínculo afetivo e emocional com os alunos. Ao aproximá-los do conteúdo e criar um ambiente propício para a aprendizagem é possível observar que a alegria e a motivação estiveram presentes durante o trabalho com Show da Maluquinha. Todavia, é necessário nos aprofundar nesse recurso pedagógico e investigar como a espetacularização e a autoficção podem promover sujeitos ativos no processo ensino-aprendizagem?

Esse problema tentará comprovar como a espetacularização pode se tornar, efetivamente, um recurso pedagógico a ser trabalhado com uma geração considerada, segundo Debord, a sociedade do espetáculo.

Apesar de a Língua Portuguesa ser a língua oficial do Brasil, ela ainda é vista por muitos como uma disciplina difícil de ser aprendida. Alguns alunos, inclusive,

dizem que não gostam e que nunca a aprenderão. Trata-se de uma disciplina repleta de regras e exceções que, muitas vezes, confundem o aprendiz da língua portuguesa.

A língua padrão culta, a ensinada nas escolas, não se aproxima do dialeto dos alunos, que tendem a falar informalmente, utilizando falas com gírias, frases curtas, proclíticas. Logo, a regra gramatical, o padrão culto, encontra-se distante do falante nativo, e isso faz com que os professores que lecionam a disciplina de Língua Portuguesa também se tornem enfadonhos e cansativos, já que utilizam uma linguagem mais culta, distante dos alunos.

Outra questão que deve ser considerada é que o falante já possui uma gramática internalizada, que julga ser correta. Assim, ao se deparar com o ensino da língua normativa, ele percebe uma lacuna do que achava correto e do que é considerado certo.

Tudo isso faz com que a Língua Portuguesa fique distante do aluno e pareça muito abstrata, sendo necessário, portanto, analisar como aproximá-la dos alunos, motivá-los à aprendizagem e concretizá-la em sua realidade.

Sendo assim caberá ao professor da Língua Portuguesa a quebra de paradigmas a cerca da sua forma de lecionar, e um olhar observador para compreender seu aluno e seus anseios por aprender de uma forma diferenciada e inovada! A capacidade para atuar como mediador e conhecedor da realidade de seus alunos em todas as dimensões (pessoal, social, familiar e escolar) é de fundamental importância para que, de algum modo ele (o professor) ofereça possibilidades permanentes de diálogo, sabendo ouvir, sendo empático e mantendo uma atitude de cooperação que possa oferecer experiências de melhoria de qualidade de vida, de participação, de tomada de consciência e de elaboração dos próprios projetos de vida. (...) Dessa forma, resgata-se a importância de se considerar o professor em sua própria formação, num processo de autoformação, de reelaboração dos saberes iniciais em confronto com a prática vivenciada. Assim seus saberes vão se constituindo a partir de uma reflexão na e sobre a prática. Essa tendência reflexiva vem-se apresentando como um novo paradigma na formação de professores, sedimentando uma política de desenvolvimento pessoal e profissional dos professores e das instituições escolares. (NUNES, 2001, p. 30).

Por isso a necessidade de criar alternativas na prática docente. Nesse sentido, a personagem fictícia criada para ensinar LP (Língua Portuguesa) trabalha o imaginário dos alunos, transporta-os para um mundo irreal, é capaz de atraí-los e torna ficcional o ambiente de aprendizagem, a escola, que até então era enfadonha e desgastante, em um local de interesse e desejo de aprendizagem.

Esse processo de comunicação entre o real e o imaginário desperta o aluno para a aprendizagem e, por consequência, motiva-o a aprender. Portanto, o objetivo central deste trabalho é evidenciar os processos dessa incomunicação no mundo real e a necessidade de criar códigos espetaculares e ficcionais em sala de aula como recurso para efetivar o processo ensino-aprendizagem.

Para que esse objetivo principal seja contemplado é preciso atentar-se a objetivos específicos, fundamentais para a trajetória desta dissertação, bem como comprovar que esses códigos apresentados adquirem significados concretos no processo de ensino-aprendizagem. Entre eles:

- Listar todos os projetos realizados na sala de aula envolvendo a personagem ficção;
- Mapear os retornos comunicacionais dialógicos obtidos com a estratégia de autoficção;
- Pesquisar bibliografias para consolidar, corroborar e contrapor a pesquisa ensejada;
- Evidenciar os códigos da espetacularização do processo de ensino-aprendizagem envolvendo a interdisciplinaridade;
- Elaborar uma revista em quadrinho, incentivando os professores a criar estratégias capazes de alcançar seus alunos no processo de aprendizagem e demonstrar como trabalhar as HQ em sala de aula.

A comprovação de que esses códigos espetaculares podem afetar o aluno de forma direta, ou mesmo o corpo docente, produzirá todo um movimento educacional diferenciado. É uma forma de trabalho que pode atrair os alunos do século XXI e modernizar o ensino, não só da Língua Portuguesa, mas de outras disciplinas também.

Isso porque o personagem ficção tende a despertar os talentos pessoais dos professores e torná-lo por si só uma ferramenta pedagógica, dentro de sua disciplina.

Segundo Gobbo (2013), em seu livro *Marketing Educacional*, é justamente a necessidade de fazer diferente, de buscar a inesquecibilidade para alunos. Porque não dizer, ser esse show, dentro da sala de aula.

Cresce a necessidade, um anseio, de se destacar, se diferenciar, ser



reconhecido, ser alguém no meio da multidão. Não queremos ser mais um e, então, passamos a focar para nossos próprios umbigos e a procurar o nosso “EU”. (GOBBO, 2013, p. 53).

A geração espetacularizada, que, para a maioria, parece preguiçosa e desmotivada para a prática educativa, seria, na verdade, uma geração que demonstra mais fielmente o retrato de uma geração que necessita de determinadas mudanças no processo ensino-aprendizagem. Cabe aos educadores avaliar as próprias práticas e rever seus métodos de ensino. O primeiro passo para ter novas iniciativas de mudanças das práticas é se debruçar sobre a realidade e avaliar o que ocorre no meio educacional acadêmico acerca das novas formas de trabalhar a Língua Portuguesa dentro do ambiente escolar.

Em um primeiro momento será analisado como o processo de inovação é entendido no ambiente acadêmico e como a palavra inovação pode diferenciar-se em vários contextos. Após analisar o que é inovação, segundo alguns pesquisadores, serão analisadas as alterações nas maneiras de abordar e aplicar o ensino da Língua Portuguesa em sala de aula. Mais adiante, serão analisados o ofício dos professores em diferentes países (MAURICE & CLAUDE, 2014), buscando entender como a formação pode influenciar os modelos de ensino e as práticas pedagógicas da sala de aula. Além disso, também como os conflitos, a história e o surgimento dos modelos educacionais podem ser indícios de fracassos ou sucessos da aprendizagem. Além de fazer um paralelo entre o sistema educacional do Brasil e do mundo.

No capítulo seguinte será apresentado o modelo de metodologias ativas, ligando-as com a criação da personagem ficção e analisando como ela pode se encaixar no modelo ativo de ensino. Esse capítulo também destaca as contribuições de Bauman acerca da geração líquida e sólida, e possibilidade de trabalhar com essas gerações.

Após essa abordagem serão descritas as práticas interdisciplinares segundo Edgar Morin (2004) e o quão positivas elas podem ser no que tange aos resultados pedagógicos. Além de verificar as ações positivas proporcionadas pela prática da interdisciplinaridade, ela será analisada na perspectiva de tendência do mundo global, influenciado pela mídia, que coloca o trabalho coletivo como forma inovadora do processo criativo. A rede de habilidades e competências produzida pela

interdisciplinaridade transborda-se em uma forma de trabalho cooperativo e competitivo.

Em seguida, no capítulo Apareço, Logo Existo – Metodologias na Prática, será apresentado o processo criacional da personagem ficção, pautado nos modelos de espetáculo de Debord e Paula Sibília, bem como a ideia de ruptura do modelo tradicional de ensino e a tangibilidade de criar um modelo no qual opera o inesquecível.

## 2 ESPAÇO PARA FABULAÇÕES E REESCRITURAS DE ESTUDOS

É notória a quantidade de produções acadêmicas sobre a necessidade de inovação no campo educacional. Muitos resumem a situação escolar com a famosa frase de autor desconhecido: “Alunos do século XXI, escolas do século XIX e professores do século XX” para caracterizar a situação atual da educação.

No ensino da Língua Portuguesa, em especial, não é diferente, muito se discute a respeito do ensino da gramática tradicional, se ainda é necessário trabalhá-la. Existem algumas dissertações que apontam para a desmotivação dos alunos acerca do aprendizado da Língua Portuguesa, o bloqueio com a disciplina e a dificuldade dos professores para atrair a atenção dos alunos ao ensinar e para aprender.

Nesse contexto, a princípio, a revisão literária teve como base norteadora propostas de inovação na educação, posteriormente, foram analisados trabalhos que propõem formas diferenciadas de trabalhar a disciplina de Língua Portuguesa e possibilidades de motivar os alunos. Após essas análises, em nível Brasil, foram elaboradas um panorama global sobre a educação e contribuições da interdisciplinaridade e das metodologias ativas.

Borges (2013), em sua dissertação de mestrado intitulada “Das inovações no ensino ao ensino inovador: a percepção dos estudantes na complexidade do sistema didático” objetivou investigar as percepções dos estudantes universitários sobre os elementos estruturantes das inovações no ensino e as possibilidades de organização no ensino inovador. O estudo consolidou-se por meio de uma pesquisa qualitativa do tipo exploratório-descritiva, foi realizada com 40 estudantes do último ano dos cursos presenciais de licenciatura em Ciências Biológicas (dez), Física (dez), Química (dez) e Pedagogia (dez), de uma universidade pública federal do sul do Estado do Rio Grande do Sul, Brasil. Para a produção de dados aplicou um questionário com questões fechadas e abertas. Também foram mapeadas 9 categorias referentes à percepção dos estudantes acerca das ações docentes inovadoras no ensino, tais como: teoria e prática, domínio de conteúdo, ensino de procedimentos, diferentes metodologias, contextualização, problematização, interdisciplinaridade, pesquisa e relação interpessoal.

A autora defendeu que o sistema didático é complexo e não linear, sendo assim, as inovações no ensino podem redimensionar um fazer diferente, que pode ou não proporcionar alterações na ação docente. No entanto, as inovações pontuais não garantem uma transição paradigmática, mas anunciam possibilidades de um ensino inovador. Borges cita, por exemplo, a chegada dos computadores nas escolas básicas na década de 90, quando os professores que atuavam nessas instituições sentiam suas atividades profissionais ameaçadas. Contudo, as novas tecnologias não substituíram o trabalho do professor, e sim serviram como fator de inovação e qualificação das práticas educativas. Segundo a pesquisadora, a aula é um dos lugares estratégicos, no qual o educador cria e recria sua ação docente. Além disso, a universidade pode tornar-se um território propício à inovação e à criação de diferentes formas de ensinar e aprender em razão da diversidade que a constitui e a integra.

Alguns questionamentos foram relevantes para essa pesquisa, entre eles destacam-se quais processos e estratégias conduzem e estimulam os alunos à aprendizagem. Por meio do questionário realizado com os estudantes verificou-se que a articulação entre teoria e prática constitui um fator relevante para esse processo e, ainda, que o aluno reconhece o docente que faz uso de diferentes estratégias didáticas objetivando essa articulação. Para a autora, a maneira de organizar as sequências de atividades de aprendizagem é uma das ações mais marcantes do ensino inovador. Nas diversas estratégias citadas pelos estudantes surgiram a demanda da ação, da autonomia e da participação deles no trabalho a ser realizado.

Assim, não basta colocar os estudantes em contato com os conteúdos de ensino. É necessário criar condições, por meio de diferentes estratégias, para que eles reorganizem seus esquemas de conhecimento, proporcionando situações de assimilação, desequilíbrio e acomodação de novos esquemas. Conforme a autora, em processo de ensino inovador, o conhecimento origina-se das interações entre sujeito e objeto, promovendo a construção de estrutura de pensamento. Alguns graduandos também evidenciaram como inovador a contextualização dos conteúdos de ensino. As questões atuais em aula, bem como as atividades propostas que se aproximam da realidade que os alunos enfrentarão ao se formarem despertam mais

interesse, incitam a curiosidade, o querer saber mais e, conseqüentemente, possibilitam um aprendizado eficaz.

A autora também menciona a interdisciplinaridade como elemento inovador, uma vez que por meio das atividades interdisciplinares os alunos podem desenvolver a capacidade de transferir habilidades, conhecimentos e atitudes de um contexto para o outro, entender diferentes pontos de vista e, principalmente, desenvolver uma atitude epistemológica reintegrada.

Além disso, as relações interpessoais entre professor e aluno foram anunciadas como inovações no ensino, já que o entusiasmo manifestado pelo brilho, esforço e pela competência do professor pode gerar efeitos benéficos. É válido ressaltar que, quando o professor valoriza o saber do aluno, considera-o, respeita e se mostra aprendiz, há uma troca exitosa na experiência pedagógica.

As inovações mencionadas são advindas de experiências formativas dos estudantes que expressaram suas percepções sobre as diferentes possibilidades de inovar o ensino, ainda que não garantam mudanças, mas possibilitam meios para um ensino inovador.

Outros autores que merecem destaque a respeito das inovações no campo educacional são Oliveira (2013) e Courela (2013), que contribuíram com o artigo “Mudança e Inovação em Educação: o compromisso dos professores”, destacando que para ocorrer à inovação dentro da escola são necessários três pilares estratégicos:

- Utilização de novos materiais ou tecnologias;
- Uso de novas estratégias ou atividades;
- Alteração da crença por parte dos intervenientes;

As autoras iniciam o artigo discutindo três vocábulos que se correlacionam: mudança, reforma e inovação. Muitas vezes esses vocábulos são confundidos, pois parecem representar o mesmo senso comum. Normalmente, a mudança parece radical. E mudar um processo totalmente pode trazer conseqüências catastróficas. Além disso, a mudança deve ser singela, suave, de forma que os componentes envolvidos possam participar da proposta de mudança e se envolver. Contudo, não é o que acontece, frequentemente a mudança é feita de cima para baixo, gerando

insatisfações e barreiras. Quando se fala em educação, mudar um processo que perdura por séculos é bem difícil, por isso a mudança deve ser estudada e trabalhada de modo cooperativo. Desse modo ela se torna um processo inovador porque assim, trabalhando de forma cooperada, é possível inovar por meio de mudanças positivas, desde que todos cooperem e percebam nela uma necessidade real.

Outro vocábulo utilizado pelas autoras é reforma. Com algo que já está sendo benéfico, que contém pontos positivos, reforma-se apenas para agregar ao processo novas colaborações por parte dos coparticipantes. A reforma também é considerada uma inovação, pois retira o sujeito agente do seu conforto didático e o coloca em outra linha de pensar, construir. Mudar e reformar muitas vezes parecem sinônimos estruturais, no entanto, ao utilizá-las os educadores colocam nelas o peso da tentativa de inovação no campo educacional. Mas seria isso mesmo a inovação?

Com esse questionamento as autoras dialogaram com vários teóricos para tentar explicar o que seria a inovação na educação, centrando-se no caminho de que a inovação é utilizar os três pilares citados anteriormente:

- Utilização de novos materiais ou tecnologia:

A utilização de materiais diferenciados como ferramentas de ensino é um artifício proposto pelas autoras em seus trabalhos. Elas também citam que a avaliação pode ser um instrumento inovador desde que aplicada de forma diferenciada. Ao falar de tecnologia, já parece que ela se encontra interligada à inovação, no entanto, é importante frisar que a tecnologia na educação por si só não denota uma inovação, é necessária a ferramenta tecnológica e a habilidade de trabalhá-la de forma inovadora, capaz de gerar motivação no aluno e desejo de conhecimentos.

- Novas estratégias de trabalho

Assim como a autora Daniele Simões Borges, Isolina Oliveira e Conceição Courela (2013) também acreditam que o trabalho colaborativo por parte dos professores, ou seja, a atividade interdisciplinar é um tipo de inovação na educação, visto que, ainda, a sala de aula e cada disciplina trabalham de forma muito individualista. Dentro desse segmento de trabalho elas apresentam uma proposta

colaborativa também por parte dos alunos. Dessa forma é possível criar um ambiente socializador de ideais e contribuições, e a educação seria globalizada.

- Alteração da crença por parte dos intervenientes

Ponto de destaque e de extrema importância para o processo inovador de sucesso, uma vez que se refere ao envolvimento de todos os participantes da escola. É necessário criar um ambiente de inovação e esse processo não deve abranger apenas as minorias, mas todos os envolvidos.

A inovação precisa acontecer em um primeiro momento na modificação do pensamento dos sujeitos agentes e, posteriormente, em todos os processos que envolvem a educação. Nada pode ser de cima para baixo, imposto, mas deve ocorrer em todos os aspectos escolares.

Como observado, as autoras inter cruzam suas linhas de pensamento acerca do processo inovador, mais do que isso, cada uma delas sugere objetos de estudos que devem ser avaliados e colocados em pauta no processo de inovação da educação. Percebe-se que elas propõem a inovação inicial no objeto centralizador do processo educacional, que é o professor, e por meio dele desencadear toda a metodologia didática. A consequência disso será a melhoria da aprendizagem e a motivação dos alunos de permanecer no ambiente escolar.

Pozzo e Cordeiro (2014), no artigo “O processo de Inovação na Educação: um estudo de caso da Rede Marista de Colégios”, apresentaram uma série de contribuições para o processo de inovação educacional, de forma a contemplar outras instituições ou mesmo demonstrar que os problemas enfrentados em um determinado contexto institucional pode ser algo que abrange outros sistemas de ensino. A contextualização feita pelos autores acerca do processo de inovação no ensino é direcionada para a gestão das escolas. Também se relaciona com o anseio que essas instituições têm por inovar, já que essa é uma tendência do mundo atual.

A pesquisa foi direcionada aos gestores da instituição referente a como eles veem a inovação. Os autores destacam que o processo de inovação na educação permeia os resultados do processo de ensino brasileiro, uma vez que,

historicamente, sabemos que o Brasil tem resultados bem baixos comparados a outros países, como Japão, Finlândia e Coréia do Sul.

O processo inovador não deve ser apenas para equipar as escolas de equipamentos eletrônicos de ponta, mas entender como o aluno contemporâneo aprende e como esses meios poderão se tornar ferramentas pedagógicas de ensino. É importante frisar que a escola permanece secularmente a mesma, mas o público é outro e é preciso inovar para esse público. Inovação, portanto, seria uma mudança em todo o processo educacional: educação inovada, metodologia, inovação do processo, foco na aprendizagem, desempenho do aluno, denominada *framework*.

No estudo de caso, os entrevistados (gestores do Colégio Marista), demonstraram preocupação com a inovação e citaram que ainda falta clareza sobre esse processo.

A instituição é conhecida pela educação tradicional, valorosa. Nesse caso, as dúvidas surgiram pelo fato de não saberem até que ponto a inovação não alteraria a característica principal da escola. Para tratar esse assunto constituíram um comitê que trabalha a Inovação Educacional. Tal comitê se reúne semanalmente para tratar a inovação na instituição, e é possível perceber na pesquisa que as respostas pautaram-se nos resultados, em uma educação de qualidade. Os entrevistados também informaram que os professores têm muita dificuldade em planejar aulas diferenciadas e modificar seus planejamentos engessados.

Um dos entrevistados mencionou a criação de uma cultura de inovações, na qual todos os participantes do processo devem trabalhar com o intuito de inovar, contudo, ainda respondeu de forma confusa como isso poderia ocorrer. É perceptível que a instituição possui preocupação relacionada à inovação e já criou mecanismos para fazê-la. Alguns pontos foram destacados por eles como norteadores de inovação: metodologias de avaliação diferenciadas, capacitação dos professores, modelos menos rígidos de disciplina, formação alunos críticos, uso da tecnologia, modelos de ambientes mais atrativos para os alunos, etc. Diante dessa realidade, o passo inicial para tornar tudo isso possível seria sensibilizar as pessoas sobre a importância da inovação na educação.

No final do texto, os autores Danielle Nunes Pozzo e Marcelo de Moraes Cordeiro concluíram que apesar de a inovação ser utilizada como meio de marketing



pela instituição, eles ainda não têm uma visão clara do que seria uma Educação Inovadora e, com isso, alguns conceitos ficaram vagos.

Como se pode observar é comum em todos os textos a necessidade da inovação na área educacional, e a dificuldade de como fazê-la. Por muito tempo pensou-se que a inovação estava ligada apenas ao aparato tecnológico, e que no momento em que as escolas possuíssem tal material, ela seria uma escola inovadora e com resultados positivos. No entanto, apenas possuir equipamentos de ponta, não significa que a escola é inovadora. Isso porque a inovação é muito mais complexa, é necessário mudar mecanismos antiquados, quebrar alguns paradigmas e reformular o modelo de educação.

Ao prosseguir com a revisão de literatura, além de analisar dissertações com temáticas sobre Inovação, também foram analisados trabalhos com enfoques no ensino da Língua Portuguesa, principalmente, os que contemplam um olhar diferenciado referente à prática pedagógica dos docentes.

Em um primeiro momento destaca-se Pinno (2018) com seu trabalho “Da Teoria à Prática no Ensino da Língua Portuguesa”. O autor menciona que o ensino da Língua Portuguesa no Brasil enfatiza os estudos morfosintáticos e a gramática normativa, utilizando o código linguístico da metalinguagem para ampliar o conhecimento dos alunos. No texto ele critica a forma como os professores exigem o conhecimento da LP enfatizando que a decodificação é considerada mais importante do que o aspecto interpretativo do que se diz. Esse fato, segundo a autora, ocorre devido à formação precária dos professores e à falta de planejamento. Seu trabalho pautou-se em buscar uma forma diferenciada de ensinar a LP, não colocando como meta principal o ensino das regras gramaticais, mas como objetivo o método teórico-metodológico. O objetivo principal de desenvolver essa pesquisa foi promover o aprimoramento do professor que leciona a disciplina da língua materna e a qualificação do aprendizado da Língua Portuguesa.

Sua pesquisa desdobrou-se em demonstrar ao professor/leitor a importância de buscar em seus discursos relações de sentido para que o aluno possa compreender o que o professor propõe no que tange ao ensino da Língua Portuguesa. A autora também reforça em sua pesquisa a importância da escolha dos conectores, pois tal escolha pode gerar sentidos diferentes no texto, e cabe ao professor organizá-los em encadeamento com o aluno.

A autora defende que o processo oratório do aluno seja utilizado de acordo com a situação enunciativa do aluno, pois não basta saber falar as regras gramaticais, analisar, classificar sintaticamente e morfologicamente as palavras, mas utilizá-las de acordo com o ambiente e objetivo a alcançar.

Para realizar a pesquisa ela propôs dois discursos e por meio deles demonstrou os possíveis encadeamentos semânticos. Dessa forma é possível comprovar que o professor, peça chave na intermediação do conhecimento, pode colaborar para que seu aluno compreenda o que está lendo.

Outro trabalho, o de Malcon (2007), intitulado “Ensino da Língua Portuguesa: Desafios e Encantamentos”, reflete como tornar o ensino de LP algo significativo para o aluno e para o próprio professor. Sua pesquisa é um estudo de caso realizado com quatro turmas do Ensino Médio, jovens com idade de 15 a 18 anos. Seu principal objetivo nessa pesquisa foi comprovar que o ensino da LP não é algo árduo e que pode ser significativo para o professor e para o aluno. Seu enfoque foi possibilitar ao aluno adquirir a habilidade de utilizar a língua de forma mais clara e eficaz. Ela admite que o aluno já tem um conhecimento prévio da língua, que não deve ser descartado pelo professor, mas aprimorado. Transformar o aluno em sujeitos pensantes, críticos e criativos é o dever da escola, segundo a autora.

No que tange ao ensino da gramática, a autora considera que ele é importante, desde que trabalhado de forma intertextual, pois frases soltas e descontextualizadas em nada contribuem para o aprendizado do aluno. Assim, não se nega a importância do ensino da gramática, visto que ele traz consigo um desenvolvimento cognitivo do aluno.

Para finalizar, ela utiliza uma retórica acerca da importância do professor motivado e da transmissão da motivação para o aluno. “É necessário que vibremos com as nossas matérias”, pois, assim, demonstraremos aos alunos o prazer de ensinar e, conseqüentemente, o de aprender.

Em diálogo com esta pesquisa, pela sua enorme importância, temos o trabalho de Nunes (2013) “Ensino da Língua Portuguesa no Ensino Fundamental: Limites e Desafios”, que aborda os desafios de ensinar tal disciplina no Ensino Fundamental, levando em consideração os aspectos das escolas públicas do Brasil. O estudo aborda os pressupostos teórico-metodológicos da formação do professor,

bem como as concepções de língua e aprendizagem. Tal estudo foi realizado em uma escola pública, com alunos do 8º ano do Ensino Fundamental, e pretendeu identificar quais são os limites comuns no ensino da Língua Portuguesa e como os alunos compreendem tal ensino.

Nunes debate em sua pesquisa que a formação do professor é um dos fatores mais relevantes, uma vez que uma formação precária e inadequada pode gerar uma educação ineficiente. Outro ponto destacado é que o aluno já é um usuário da LP e, por isso, muitas vezes não se motiva em aprender algo que já “sabe”, logo, é necessário motivar esse aluno ao ensino.

Inicialmente, a pesquisa foi descritiva, na qual o pesquisador observou e descreveu as ações realizadas, caracterizou os ambientes onde ocorreu a pesquisa, os alunos que a compunham, o IDEB da escola e o tempo de observações. Após essa descrição mencionou os sujeitos da pesquisa, professores de Língua Portuguesa das séries finais do Ensino Fundamental e os alunos (faixa etária, sexo). Foram três instrumentos utilizados para desenvolver a pesquisa: observação, entrevista semiestruturada e duas avaliações.

As avaliações aplicadas tinham como eixo norteador a pesquisa em si e foram trabalhadas com diferentes gêneros textuais, nos quais o aluno precisava identificar elementos importantes no texto (variedade, linguística, coesão, interpretação, compreensão etc.).

De acordo com os resultados dessa pesquisa, 75% dos professores sabiam identificar os elementos linguísticos trabalhados e conheciam bem o conteúdo do livro didático utilizado para ensinar. No entanto, 25% dos professores não conheciam a teoria linguística exigida no texto e em sua prática. Isso revelou que há professores atuando em determinadas áreas sem o devido preparo. No caso da escola pesquisada, muitos professores foram remanejados de suas áreas para trabalhar em outras devido à falta de especialistas na região. 50% dos entrevistados também reclamaram da falta de um coordenador que apoie os professores em sala de aula. É importante destacar que todos os professores pesquisados mostraram-se com a autoestima fragilizada no que se refere ao ensino da Língua Portuguesa porque, segundo eles, são apontados como os únicos responsáveis para aumentar o nível escolar dos alunos. No que tange à formação continuada, os professores entrevistados disseram que são formações gerais, que não pautam, de fato, o

problema das disciplinas e da educação. Em geral, tais formações ocorrem com leitura de textos e apresentações de seminários, tudo de forma bem geral e nada específica da disciplina, o que, segundo eles, não os auxiliam em suas práticas. Todos os professores pesquisados disseram saber identificar o gênero literário, sendo que 50% mudam o gênero semanalmente e os outros 50% algumas vezes por mês, na mesma proporção há professores que trabalham a gramática baseada em textos.

É importante ressaltar que 25% dos professores disseram que enfatizam o trabalho com a gramática uma vez por mês, enquanto os outros 25% disseram que não fazem. Os professores também apontaram que o aluno fica prejudicado diante da enorme carga horária a que seus professores precisam se submeter para ter um salário razoável. 75% dos pesquisados disseram que isso influencia bastante, enquanto para 25% a carga horária não influencia. Outro ponto relevante é que 50% dos professores pesquisados ressaltaram que o meio no qual o aluno vive influencia diretamente na aprendizagem. Também nessa mesma proporção, 50% dos professores apontaram que o desinteresse dos alunos para aprender é um fator para o baixo rendimento.

No que se refere às avaliações aplicadas aos alunos, o diagnóstico foi o seguinte: a maioria dos alunos, 71%, teve dificuldades em reconhecer a gramática normativa (advérbio, pronome, adjetivo), 44% conseguiram reconhecer os aspectos linguísticos do texto, e 74% não identificaram a variedade linguística. Além disso, 65% dos alunos pesquisados não conseguiram perceber as mensagens implícitas no texto.

Concluiu-se, portanto, que a aprendizagem desses alunos foi considerada parcial. Nesse contexto, o pesquisador constatou que melhorar a formação, as condições de trabalho etc. dos professores vão proporcionar melhorias aos alunos também, sendo necessário investir na formação de professores. Contudo, o problema é apenas do professor, mas apontando um problema significativo. É necessária uma renovação metodológica para reverter esse quadro.

É possível, por meio das revisões literárias feitas, afirmar que as pesquisas caminham para um novo olhar para a educação, para propostas que têm como objetivo reformular os métodos de ensino aplicados e promover o desafio de

estimular essa geração denominada espetacularizada a perceber a educação como o caminho para o sucesso profissional, pessoal e como cidadão.

Nesse cenário, conforme exposto, inúmeras são as dificuldades e barreiras enfrentadas pelos professores, sendo notória a desmotivação dos alunos diante do ensino, não só de Língua Portuguesa, mas em todas as demais áreas.

Entretanto, os primeiros passos para a mudança já vem acontecendo, uma vez que os pesquisadores já se debruçam em seus trabalhos e pensamentos sobre como mudar essa realidade e resgatar o professor como fonte de conhecimento e peça fundamental no processo ensino-aprendizagem.

Os desafios são enormes: famílias desestruturadas, localidades violentas, alunos que não acreditam que a educação seja transformadora, escolas totalmente depredadas, profissionais desmotivados, faltas de salários, ou salários dignos para ocupação da função, equipes desunidas... Entre outros... Pouco adianta ficar esperando a escola fazer algo, o sistema dizer como fazer, é preciso que os profissionais da educação acreditem e trabalhem para tentar mudar a própria postura, suas atitudes em sala de aula e sua prática pedagógica.

Assim, os educadores precisam encontrar esse novo caminho, capaz de promover o ensino, motivar o aluno e valorizar a profissão, resgatando também a importância do professor na sociedade.

E é por essa educação, tantas vezes considerada falida, sem efeito, que esta pesquisa se apresenta, ou seja, para colaborar de forma ativa, estimulando professores de Língua Portuguesa e demais áreas a criar mecanismos diferenciados para promover suas aulas e sua prática pedagógica; tornarem-se professores inesquecíveis, capazes de mudar a vida de seus alunos, conforme afirma Gobbo:

[...] Este,é um movimento individual. É uma mudança que começa internamente. De nada irá adiantar ficar esperando... esperando que a escola faça alguma coisa... esperando que o grupo se organize... Está na hora de parar de buscar justificativas para a inércia e procurar oportunidade de se destacar no meio da mesmice, de fazer diferente, de encontrar um modo pessoal de ministrar aulas melhores, de conseguir encantar seus alunos, de ter mais tranquilidade no seu trabalho, de ser mais feliz na sua profissão e se tornar um profissional disputado no mercado. É Hora de se tornar um professor inesquecível!!! (GOBBO, 2013, pag.70).

Esta geração de alunos, inseridos nessa sociedade espetacular, clama por uma forma diferenciada de educação. E para que isso aconteça é preciso que

professores se afastem da zona de conforto, dos planejamentos prontos, e recriem a forma de trabalhar. Não existe uma receita de bolo, pronta, para ser usada, nem ser considerada correta, mas há infinitas possibilidades de fazer diferente.

No caminho para entender mais esse ofício, que é a profissão do professor, será apresentado a seguir um estudo em diferentes países sobre as formações de docentes no Brasil e no mundo, e como essas formações impactam na prática de sala de aula do profissional Professor.

## 2.1 SER PROFESSOR – BRASIL E MUNDO

Como já relatado, é imprescindível fazer um levantamento do quadro educacional considerando as experiências coletivas de outras sociedades para poder traçar um perfil da formação do profissional da educação tanto no Brasil como no mundo, dos seguintes países: Canadá, Inglaterra, Bélgica, Estado Unidos, França e Suíça. O propósito é compreender a evolução do processo educacional e conhecer os anseios dos professores em diversas partes do globo.

Convém salientar que o ensino foi assimilado por muito tempo como uma vocação e até uma maternidade, que representava na maioria dos países estudados uma profissão desvalorizada, com baixa remuneração e que exigia um nível de formação irrisório.

Houve, contudo, uma evolução no sistema de ensino a partir da Segunda Guerra Mundial, período no qual as escolas passaram por um processo de democratização e, ao mesmo tempo, burocratização. A escola tradicional passa a ser a escola de todos, com responsabilidade do Estado, mais preocupada com uma pedagogia de aprendizado, no entanto ainda engessada nos modelos religiosos, heterogêneos e individualistas.

O processo de evolução educacional para alguns pesquisadores da educação é considerado lento e poucos avanços foram percebidos se comparados a outros campos profissionais, como afirmam Tardif e Lessard:

O sistema escolar parece um verdadeiro dinossauro. Erigido na época da sociedade industrial moderna, continua o seu caminho como se nada tivesse acontecendo e parece ter muita dificuldade em integrar as mudanças em curso. Mostra-se com uma estrutura congelada uma vez por todas, uma organização fossilizada. (TARDIF; LESSARD, 2014, p.12).

Além desse cenário, as inovações na educação parecem seguir em marcha ré, há poucos avanços no panorama mundial e muita resistência por parte de alguns professores. O processo de formação, em sua maioria, segue os modelos tradicionais, com pouco investimento em mudanças didáticas e pedagógicas. O resultado é um ensino desinteressante e um aluno desmotivado.

### **2.1.1 A tradição enraizada na prática dos professores – Canadá**

Davi Boote (1998), pesquisador da Universidade da Flórida, com Marvin Wideen, Jolie Mayer Smith e Jessamyn Marie O.Yazon, da Universidade Simon-Fraser, em Vancouver, em sua pesquisa “Da história e do futuro da formação dos professores no Canadá: a tradição na prática dos formadores dos professores” fez um levantamento histórico da formação dos professores desde o ano de 1700, no qual a educação era responsabilidade da Igreja até os dias atuais com os embates existentes acerca do novo modelo inovador a ser trabalhado.

Segundo os pesquisadores, aproximadamente no ano de 1700, as igrejas tornaram-se responsáveis pela educação, trabalhando em províncias antigas e enviando missionários a diversas comunidades para iniciar os trabalhos docentes. A docência misturava-se com a religiosidade e a fé. O ano de 1847 marcou a abertura das primeiras escolas. A partir daí criou-se a necessidade de contratar docentes para atender a demanda, no entanto, havia pouca preocupação em formar professores com níveis de excelência. Em geral, os candidatos à função eram deficientes físicos, pessoas idosas, imigrantes ou estudantes recém-formados, que viram na profissão de professores uma oportunidade de trabalho, até que algo melhor surgisse. Conforme relacionam os pesquisadores, a formação docente no Canadá pode ser dividida em etapas:

- 1) Em nossa análise do período tradicional, demonstramos como as pessoas aprenderam a ensinar antes da criação de verdadeiras instituições de ensino.
- 2) Denominamos o período que vai de 1816 ao fim do século XIX de fase colonial. No estudo deste período debruçamo-nos sobre a criação de inspetoria, do controle provincial das escolas e das escolas normais, dotando-se de meios legais, estas instituições se apropriaram sistematicamente do poder, por tradição detido pelo clero.
- 3) Estendendo-se aproximadamente do início do século XX até a Segunda Guerra Mundial, a fase de burocratização mostra a transformação

das escolas normais em colégios de docentes. Durante esse período, as instituições legais de formação dos mestres se implantaram solidamente, iniciando uma padronização na maneira de ensinar no Canadá.

4) Finalmente na análise da fase atual, que vai da Segunda Guerra Mundial até os nossos dias, debruçamo-nos sobre a passagem da formação dos mestres para as Universidades, permitindo aos formadores dos mestres um certo renome e um melhor status social [...] (1998 apud TARDIF; LESSARD, 2014, p.27).

Diante disso, é preciso fazer uma análise de cada um dessas etapas com mais atenção para esclarecer como ocorreu o processo histórico de formação dos professores do Canadá. Convém ressaltar que os professores não tinham status social, recebiam salários baixos, semelhantes aos salários dos trabalhadores braçais. Nesse cenário a educação não era valorizada, pois as comunidades valorizavam o saber oral.

No que se refere à formação dos candidatos ao cargo de professores prevalecia à observação, isto é, acreditava-se que bastava observar um professor experiente para aprender a ensinar”, conforme afirmam os pesquisadores. O conhecimento pedagógico não era considerado importante, apenas eram considerados os conhecimentos aritméticos e as letras, bastando que os candidatos aspirantes ao cargo de docentes possuíssem alguma habilidade com a leitura e com a Matemática para serem considerados candidatos em potencial para o cargo de professor.

A educação era tradicional<sup>1</sup>, primavam pelo passado, existia a crença de que as culturas passadas influenciavam os comportamentos presentes, assim, reproduziam-se comportamentos. O professor não precisava criar e inovar nenhum método de ensino, bastava replicar modelos prontos e, segundo eles, eficazes.

Nesse contexto, a autoridade moral e cívica era obrigação do clero e os professores não deviam questionar qualquer ação da igreja. É difícil determinar em qual momento a sociedade canadense desvencilhou-se da pedagogia tradicional, pois em vários momentos é possível observar essas amarras, inclusive ainda nos dias atuais. Entretanto, durante a primeira metade do século XIX ocorreram algumas

---

<sup>1</sup>Educação Tradicional

A denominação “concepção pedagógica tradicional” ou “pedagogia tradicional” foi introduzida no final do século XIX com o advento do movimento renovador que, para marcar a novidade das propostas que começaram a ser veiculadas, classificaram como “tradicional” a concepção até então dominante.



mudanças significativas que contribuíram para o declínio do poder tradicional, especialmente nos anos entre o período de 1816 a 1846, com os governos tornando-se responsáveis pela escola, tendo que inspecionar o ensino e capacitar os professores.

Por meio da lei sobre as escolas comunais de 1816, Jhon Strachan, Bispo do Alto Canadá, propôs ao governo financiá-las e por meio dessa lei estimularam a criação de um Escritório Provincial de Educação e o cargo de inspetor. As funções eram regulamentar o funcionamento das escolas, controlar as certificações e os recrutamentos dos professores, avaliar os métodos utilizados em sala de aula, inspecionar os equipamentos e as somas de valores que eram gastos em cada instituição, bem como a frequência dos alunos. Assim, por meio da inspetoria, o governo tinha o controle centralizado do ensino, que, de certa forma, permaneceu hierarquicamente sendo comandado pela Igreja e pelo antigo sistema tradicional.

A partir do século XIX, Durkeim<sup>2</sup> (1984) contribuiu com a afirmação de que “Não era certo que o mundo no qual uma criança cresceria seria o mesmo que aquele no qual a sua mãe vivera”. Isso mostrou que os pensadores já almejavam uma quebra da ruptura tradicionalista no modelo educacional. Assim, nessa época surgiu um movimento para valorizar o profissional da educação, um olhar diferenciado referente à sua formação e, conseqüentemente, para o modo de transmitir o conhecimento.

O investimento no processo de formação dos professores foi o primeiro passo para intensificar as mudanças no sistema de ensino canadense. Nos anos de 1900 e 1945, os canadenses passaram a valorizar mais a formação de seus professores, elevou-se o status social da profissão; o governo passou a padronizar as formações pedagógicas e investir em escolas formadoras de mestres.

---

<sup>2</sup>Educação Tradicional

A denominação “concepção pedagógica tradicional” ou “pedagogia tradicional” foi introduzida no final do século XIX com o advento do movimento renovador que, para marcar a novidade das propostas que começaram a ser veiculadas, classificaram como “tradicional” a concepção até então dominante. Assim, a expressão “concepção tradicional” subsume correntes pedagógicas que se formularam desde a Antiguidade, tendo em comum uma visão filosófica essencialista de homem e uma visão pedagógica centrada no educador (professor), no adulto, no intelecto, nos conteúdos cognitivos transmitidos pelo professor aos alunos, na disciplina, na memorização. Distinguem-se, no interior dessa concepção, duas vertentes: a religiosa e a leiga. (Dermeval Saviani).

Entretanto, apesar dessas mudanças, o salário dos professores ainda era considerado baixo diante de outras profissões, o que gerou uma escassez de profissionais na área educacional. Diante disso, o governo investiu em campanhas para incentivar os jovens a lecionar, já que muitos optavam pela carreira de professor até conseguir outros empregos mais rentáveis.

A formação de professores, embora tenha passado por mudanças inovadoras e por mais valorização, manteve-se defasada e a educação tradicional permaneceu enraizada. Porém, uma mudança significativa ocorreu em meados de 1945, quando as escolas de formação deixaram de oferecê-la e ela foi assumida pelas universidades devido à ascensão econômica pós-guerra e à necessidade de uma formação educacional mais planejada e organizada.

Com a universidade sendo responsável por essa formação, o currículo foi ampliado, bem como surgiram programas de pesquisa e incentivo ao bacharelado e ao mestrado. Com essa intensificação, o número de candidatos ao cargo de docente aumentou, passando de 667, entre 1940-1941, para 10.473, em 1960-1961.

Essa nova comunidade de professores gerou efeitos positivos na educação canadense, visto que o ensino passou a ser valorizado e sua qualidade tornou-se significativa. Contudo, o ensino tradicional não foi abandonado totalmente, e muitos jovens ainda carregam dentro de si o modelo de seus mestres tradicionais. Ainda hoje existe resistência a modelos diferenciados no campo da educação, embora esteja caminhando sob novas perspectivas.

Somado a isso, atualmente, o Canadá passa por mudanças interessantes no âmbito educacional, no que tange à formação dos mestres, com a criação de muitos programas nas universidades como propostas inovadoras de modelos educacionais de qualidade. No entanto, esses novos modelos criam apenas uma ilusão de inovação, não correspondem realmente aos objetivos almejados e demonstram que a educação ainda está em desenvolvimento. Assim, além de todo o engessamento e a lentidão existente, ainda há muito a aprender para poder ensinar aos alunos.

### **2.1.2 A inquietação como perfil dos profissionais aspirantes a docentes – Brasil**

A pesquisa de Isabel Lelis (1996), baseada em sua tese de doutorado apresentada na PUCRJ e intitulada “A construção social da profissão docente no Brasil: uma rede de histórias” “nasceu” de sua insatisfação referente à desvalorização dos profissionais da educação no Brasil. Em sua pesquisa, Lelis optou uma abordagem bibliográfica, no qual pesquisou três professoras que atuam no Ensino Fundamental. Seu trabalho pautou-se em analisar não só o ato docente dessas professoras, mas discriminar com uma análise mais detalhada a vida, as histórias e os percursos de cada uma para chegar à profissão de docência.

Analisar os hábitos desses profissionais faz com o olhar do pesquisador esteja mais atento a outros ângulos, muitas vezes não observado pelo poder público, que tanto critica o sistema de ensino. A vida do educador é uma “arena que se interpenetra a sua prática de ensino”, formando um conjunto de histórias e situações que deve considerar, conforme cita Lelis, tudo para analisar o sistema educacional de um país: a história da construção do campo intelectual, as lutas dos professores, a construção da escola e o saber que nela circula, a história de vida dos professores (como agem, pensam, sentem, vivem). Não é possível, portanto, separar a história de vida de um educador da sua prática pedagógica.

No Brasil, a situação dos professores é desfavorável, pois o público, destinatário do trabalho docente, não possui motivação para estudar e aprender. Os fatores que contribuem para essa realidade são muitos e de diferentes matizes: violência, falta de estrutura familiar, desmotivação, falta de perspectiva etc. Nesse cenário, o professor também se encontra desmotivado, seu ambiente de trabalho não colabora para uma educação de qualidade, os salários são baixos, não existe uma valorização da profissão, o acesso à cultura e ao lazer estão cada vez mais distantes devido à baixa remuneração, entre outros. O cenário da educação brasileira, então, aponta para um grave problema que pode ser considerado social. Em consonância a tudo isso, o professor, promovedor do saber e do conhecimento, não vê status na carreira escolhida. Diante dessa realidade, poucos alunos desejam se tornar futuros mestres, poucos se interessam pela carreira do magistério e por essa profissão. O problema dessa realidade? A maioria dos professores do Brasil vem de classes menos favorecidas, eles cursam suas graduações com dificuldades,

iniciam a docência, em geral em escolas públicas, com contratos temporários e, para se manter nas vagas, seguem conquistando títulos, visando ocupar boas posições nas salas de aula.

Como exemplo, a pesquisadora Isolda, uma professora primária negra, disse que sua trajetória na educação foi primada pela dificuldade econômica e financeira, que seu diploma de nível superior foi conquistado com muita dificuldade, graças a sua vontade pessoal de ter uma profissão. Esse exemplo evidencia a necessidade de repensar as estratégias acadêmicas nos cursos de licenciaturas. É preciso estimular todas as camadas sociais a ingressar em licenciaturas e não apenas a classe mais desfavorecida, pois isso impacta diretamente no status da profissão.

Todavia, é preciso se distanciar de rótulos de que a educação no Brasil é ruim e precária devido à formação e à história de vida dos seus professores. Pelo contrário, é necessário atentar-se que os professores, por pertencerem a camadas sociais mais baixas, quando formados, buscam meios de realização profissional. Nesse sentido, precisam cumprir inúmeras cargas horárias para obter salários melhores. Alguns, inclusive, cumprem jornadas de até 70 horas, que tomam todo seu tempo, ou seja, é quase impossível sair, ler, aprimorar-se culturalmente, viajar, ou simplesmente viver...

A dupla ou tripla jornada de trabalho tem repercussões no cotidiano das professoras de baixo status socioeconômico, por exemplo, a diminuição das viagens e da frequência aos museus, concertos ou cinema. Nos testemunhos obtidos, salvo exceções, observa-se certo ressentimento diante da perda gradual do gosto pela leitura, das restrições vividas em termo de acesso aos bens culturais e às suas repercussões sobre o estilo de vida e o trabalho destas profissionais. (1996 apud TARDIF; LESSARD, 2014, p.58).

A esse quadro pode-se acrescentar as dificuldades de aperfeiçoamento, de participar de cursos, palestras, seminários, conferências, ou, até mesmo, de comprar livros que podem contribuir para avançar, aperfeiçoar e mudar suas práticas pedagógicas. Essa dificuldade foi compartilhada por Ana, professora de Português da rede pública e também estudante de música e arte, em cuja narração esclarece que o poder aquisitivo do professor é baixo e compromete totalmente sua participação em bens culturais. O professor tem um diploma, mas não possui cultura (no sentido de não conseguir acesso a esses meios culturais). E como poderia esse profissional incentivar seus alunos a participar dos bens culturais se ele mesmo não

tem acesso? Isso, com certeza, configura-se como um problema para o educador no Brasil.

Nesse cenário, é preciso considerar que o professor, hoje no Brasil, sofre um isolamento cultural, de um lado há as universidades profissionalizando e reafirmando as retóricas pedagógicas e, do outro, o professor, diante da fome, da miséria, dos alunos desmotivados, e da sua busca por um padrão de vida melhor, dentro da sua profissão. Desse modo, é necessário contemplar como peça fundamental a biografia desses educadores brasileiros, bem como entender de onde ele veio para traçar caminhos e, assim, melhorar o sistema educacional no Brasil.

A profissão do professor ainda está ligada ao dom de ensinar, ao amor, à maternidade, sendo opção, em sua maioria, para mulheres que buscam estabilidade profissional, possibilidades no plano socioeconômico, flexibilidade de horários. A opção por ser professoras começa nas salas improvisadas em suas casas que abrangem os reforços escolares a crianças carentes, a condição de professoras particulares. “No trabalho em domicílio, as professoras jogam, o jogo que lhes é possível jogar”, cita Lelis, ou seja, faz-se da profissão uma forma de conciliar sala de aula e suas vidas, seu cotidiano.

Clara, outra pesquisada mencionou que seu desejo pela educação começou, em sua casa, na zona rural, no qual “brincava de dar aulas”, e a sua sala de casa virou sua “escolinha”. A domesticidade da educação, no Brasil, tornou-se um problema, pois se transformou em “um obstáculo ao processo de profissionalização do docente”, e esse obstáculo a ser superado envolve melhores condições salariais, status à profissão, revisão das competências etc.

Para modificar essa realidade, é necessário revisar as formações dos professores, rever os modelos de ensino praticados nas instituições de ensino de nível superior, e reorganizar as diversas instituições particulares que formam professores cotidianamente.

A última entrevistada, Katia, trabalha em duas realidades diferentes, na pública e na particular. Disse que se realizou profissionalmente na rede particular, na qual atua há 20 anos. Na rede particular ela destaca os infinitos recursos disponíveis para trabalhar, os materiais concretos que utiliza, e a formação de ideias

proporcionada pela escola, salientando que a escola pública está em processo de deterioração.

A fala dessa professora gera uma reflexão importante acerca do ofício de docente no Brasil: são profissionais com capacidade de atuar em diferentes classes sociais e estruturas de ensino, mas ao serem submetidos a modelos mais complexos, a culturas organizacionais mais bem geridas, a tendência a transmitir maneiras diferentes de ensinar e comportamentos pessoais diferentes.

Lelis, em sua pesquisa, procurou demonstrar que a educação no Brasil precisa ser analisada em um todo, não só do ponto de vista estrutural, pedagógico ou psicológica direcionado ao aluno, mas no reconhecimento dos profissionais que atuam no sistema de ensino brasileiro. Além disso, as análises devem ser feitas em toda a rede de ensino, pública ou particular, e a partir daí deve ser traçado um modelo de ensino eficaz. O professor deve ser o “eixo” para definir parâmetros de melhoria na Educação Brasileira.

### **2.1.3 Modelo Prático Reflexivo - uma mudança na prática pedagógica dos professores – Bélgica**

As escolas da Bélgica têm um modelo libertador de ensino, no qual cada instituição tem a liberdade e a heterogeneidade de criar seu próprio currículo e trabalhar de forma individualista e diversa. Esse modelo de ensino causou alguns problemas no sistema educacional da Bélgica, uma vez que essa diversidade gerou falta de qualidade no ensino e segregou a educação. Isso porque cada escola aplicava seus próprios métodos de ensino e essa diversidade prejudicava o desenvolvimento do aluno e o limitava em sua aprendizagem.

Em sua pesquisa, Christian Maroy (2000), da Universidade de Louvain, dissertou sobre todo o percurso na mudança do sistema libertador para a prática reflexiva. Ele abordou a imposição do governo e a necessidade de mudança por parte do sistema educacional belga, contemplando os pontos alcançados pelos educadores e os pontos que ainda precisam de ajustes para, de fato, pertencerem ao modelo reflexivo.

O governo belga reformulou a educação e criou mecanismos para que os professores pudessem trabalhar de forma mais democrática e homogeneia, pois,

conforme citado anteriormente, o modelo que era trabalhado, libertador, não atendia mais às mudanças educacionais emergentes. A educação passou por uma transformação desde a base da formação dos professores na universidade até a aplicação de formações pedagógicas com o objetivo de integrar a educação e a forma de trabalhar de seus docentes.

A reformulação do ensino foi necessária para homogeneizar a educação e, dessa forma, ampliar as possibilidades de ensino aos educandos. Em 1997 foi elaborado um decreto, explicitando os objetivos gerais do sistema escolar, em um texto de lei. Essas reformas foram o primeiro passo para a homogeneização do sistema de ensino e a caminhada para a melhoria na educação belga.

Tal decreto descreve um novo modelo de ensino: Modelo Prático Reflexivo, o qual os professores deveriam seguir em todas as escolas e unificar o ensino. Apesar das resistências docentes, o conservadorismo por parte de alguns professores, o Modelo Prático Reflexivo foi instituído e, baseado nele, todos os professores precisaram adaptar suas técnicas pedagógicas.

Além desse fator, a formação básica dos professores foi uma iniciativa do governo para impulsionar todos os envolvidos na educação e fazer com que todos obtivessem o conhecimento necessário para reformular a educação belga.

A reforma na educação não só aconteceu com a prática pedagógica, mas com seu status também. Ou seja, era necessário evoluir o ofício do docente, o professor deixou de ser considerado apenas uma pessoa detentora de conhecimento, de saberes, e se transformou em um especialista em aprendizagem, gerando uma valorização ao profissional da educação e um status.

Tal modelo propõe uma prática pedagógica mais autônoma. Cabia, então, ao professor reflexivo adaptar-se a todas as situações de ensino, analisá-las e agir; o professor deveria identificar seus sucessos e insucessos e criar novas formas de trabalhar com o aluno.

O professor reflexivo deve ser capaz de avaliar toda a estrutura educacional e perceber qual deve ser o caminho a seguir para que o aluno possa, de fato, aprender “O docente não poderia mais se contentar em produzir rotinas”, como dizia Maroy (2000 apud TARDIF; LESSARD, 2014, p.72), era necessário recriar formas infinitas de ensinar.

Segundo Maroy (2000), a característica principal da prática reflexiva é a autonomia em sala de aula e a busca pela melhor forma de ensinar, considerando-se todos os fatores que ocorrem na sala de aula:

O professor deve se tornar um ator (por oposição a figura do executante), não só capaz de agir e pensar por si só (capaz de autorregular sozinho a sua ação), mas também consciente de que pode ter o controle sobre os efeitos do seu trabalho, de que pode (re)agir diante das dificuldades do seu ofício, ao invés de sofrê-las. (2000 apud TARDIF; LESSARD, 2014, p.72).

A prática reflexiva constrói-se da problemática enfrentada pelas escolas em todo o mundo: fracasso escolar, alunos desmotivados, indisciplina, violência, famílias desestruturadas, problemas emocionais, entre outros. Nessa perspectiva não cabe mais ao professor apenas ser um transmissor de saberes, hoje é um tempo em que é preciso recriar as formas de lidar com tantos problemas e, ao mesmo tempo, ensinar.

Não pode mais apenas contentar-se em transmitir o seu saber, mas deve levar ao aluno a ser o ator da sua formação e ajuda-lo a tornar-se um sujeito que perceba o sentido da aprendizagem. Deve se praticar uma pedagogia diferenciada, particularizando seus métodos de aprendizagem (mas não os objetivos), para responder as necessidades específicas de cada aluno. (2000 apud TARDIF; LESSARD, 2014, p.72).

O trabalho do docente neste novo modelo de ensino contempla um estudo coletivo, cada professor deve interagir com os demais, contar experiências, sucessos e insucessos, a fim de que todo o corpo docente possa criar estratégias similares para lidar com as diferentes situações em sala de aula. A interação é a palavra importante para romper totalmente com ações individualistas e com o isolamento das disciplinas.

Para “produzir os novos docentes”, a Bélgica investiu em formações pedagógicas, visto que não se tratava apenas de uma mudança de um currículo, mas de uma mudança mais profunda, que deveria empenhar a identidade profissional ou o “hábito do docente”, como afirma a pesquisadora Maroy. Pode-se dizer que deveria haver uma conversão do professor para o modelo reflexivo.

Em 2000 e 2001, o decreto finalmente foi aprovado e o modelo reflexivo passou a vigorar na Bélgica, no qual 13 competências passaram a integrar o sistema educacional:



1) Mobilizar conhecimentos em ciências humanas para uma justa interpretação das situações vividas em classe e em torno da classe, e para uma melhor adaptação aos públicos escolares; 2) manter com a instituição, os colegas e os pais relações eficazes de parcerias; 3) estar informado sobre o seu papel no seio da instituição escolar e exercer a profissão tal como ela é definida pelos textos legais de referência; 4) dominar os saberes disciplinares e interdisciplinares que justificam a ação pedagógica; 5) dominar a didática disciplinar que guia a ação pedagógica; 6) ser detentor de uma cultura geral importante, a fim de despertar o interesse dos alunos pelo mundo cultural; 7) desenvolver as competências relacionais ligadas às exigências da profissão; 8) ponderar as questões éticas ligadas a sua prática diária; 9) trabalhar em equipe no seio da escola; 10) conceber dispositivos de ensino, testá-los, avalia-los e regulá-los; 11) manter uma relação crítica e autônoma com o saber científico passado e futuro; 12) planejar, gerir e avaliar situações de aprendizagem; 13) manter um olhar reflexivo sobre a sua prática e organizar a sua formação contínua. (2000 apud TARDIF; LESSARD, 2014, p.75).

É importante ressaltar que esse modelo gerou mudanças expressivas na educação da Bélgica, e sua implantação enfrentou grandes desafios, “Arrancar professores de suas rotinas passadas e individualizadas” Maroy (2000, apud TARDIF; LESSARD, 2014, p.76) e promover práticas coletivas e homogêneas foram obstáculos que precisaram ser enfrentados. Na pesquisa realizada por Christian Maroy, com 3.261 docentes, que responderam a um questionário de 100 perguntas, verificou-se que a maioria dos professores belgas considerava-se reflexiva, tinham mudado suas técnicas pedagógicas, mas ainda resistiam ao trabalho coletivo. Os professores entrevistados valorizaram a educação reflexiva, perceberam que seu *know-how* pedagógico ganhou destaque, mas claramente ainda tinham dificuldades para tomar decisões coletivas (diretores, coordenadores, gestores do sistema) e trabalhar em equipe. Alguns justificam esse problema com a falta de tempo para se reunir ou, mesmo, a falta de hábito. Não foi observada uma resistência ou conservadorismo ao modelo reflexivo, mas ainda há um longo caminho a percorrer para que ele possa, de fato, funcionar.

#### **2.1.4 A interferência da localidade no status da formação de professores – Inglaterra**

Robert Moon (1996), em sua pesquisa para a Universidade The Open University, Grã-Bretanha, “As políticas reformistas: transição na formação dos professores na Inglaterra” analisou um breve histórico da formação de docentes em 1978, em um bairro considerado pelos ingleses como de classe menos favorecida e os pré-conceitos que essa formação, fundamentada na localidade desfavorecida,

trouxe para o profissional da educação. Além disso, pontuou o percurso de mudanças no sistema Inglês em três fases, pelas quais passaram a reformulação do modelo educacional.

Segundo Robert Moon, em 1798 foi criado no Bairro Southwark, em Londres, (bairro considerado de classe baixa), a primeira escola de formação de professores. Os alunos, aspirantes ao cargo de docente, que ingressaram no curso de formação de professores tinham, em sua maioria dificuldades financeiras e eram apontados pelos estudantes das demais universidades como desprovidos de talento e criatividade. Diante dessa realidade, o curso de formação de professores não foi bem aceito pela sociedade devido ao bairro que o sediou. Além disso, gerou pouco status ao profissional formado e inserido no mercado de trabalho, diferentemente dos cursos de Direito e Medicina, que nasceram em Oxford, que conferiam um status mais pomposo e sofisticado.

A profissão docente, portanto, tornou-se uma profissão de status inferior, segundo a sociedade. Os governantes tentaram reverter esse quadro entre os anos de 1990 e 1995, não mediram esforços para mudar a formação de professores para universidades mais conceituadas, com o objetivo de promover o status do profissional da educação e angariar novos adeptos à profissão.

Contudo, enquanto a Alemanha e outros países vizinhos já desenvolviam seus sistemas educacionais, a Inglaterra permanecia com a falácia de que “Um bom nível de conhecimento em determinada matéria bastava para cumprir um programa secundário”, segundo Robert Moon. Ao ponderar essa afirmação, Robert dividiu em três fases o processo de formação dos professores, destacando as evoluções de cada uma delas:

Primeiramente, entre os anos de 1900 a 1970, uma forte tradição na formação de professores foi estabelecida, algumas escolas de formação docente ligaram-se às universidades, outras se desenvolveram independentes. O movimento de valorização nas formações docentes da Inglaterra ganhou destaque e obteve legitimidade

As escolas formadoras de docentes elevaram o status dos professores e trabalharam de forma mais empenhada no ato de educar. Convém ressaltar que, na Inglaterra, existe uma diferença entre *Train* (ensinar um técnico) e *Educate* (dar uma

instrução intelectual, moral e social). Assim sendo, no caso dos ingleses, eles aprimoraram a técnica *Educate*, e cabia ao professor não só transmitir conhecimentos científicos, mas ensinar a seus alunos o comportamento social e moral diante de uma sociedade. Esse novo modelo de formação atraiu muitos candidatos ao cargo de professores, e com o final da Segunda Guerra, eram muitas as crianças que voltavam às escolas, demandando muito por profissionais para educá-las.

Em segundo momento, nos anos de 1970 a 1985, os cursos de formação de professores passaram por um processo de universitização, que consistia na formação dos professores pelas universidades, o que trouxe status ao profissional e valorização de seu intelecto.

Em 1973 instituiu-se a obrigação de qualificar os docentes, todos que obtiveram a licenciatura antes de 1973 poderiam entrar em universidades para se qualificar, o que trouxe um grande entusiasmo aos ingleses a respeito da profissão docente.

Por volta de 1980 foi criado um comitê para avaliar os certificados emitidos pelas universidades, a fim de avaliar o curso de formação dos professores e, conseqüentemente, pautar a qualidade do ensino que os alunos recebiam desses professores.

As universidades inglesas tinham liberdade para montar seus currículos, e a formação deste comitê avaliativo constituiu “uma pedra angular”, uma ameaça ao sistema universitário.

A terceira fase, compreendida entre os anos de 1970 a 1985, tornou-se símbolo de esperança e expansão do modelo educacional, surgiu da desilusão e se fortaleceu na esperança de novos tempos. A desilusão foi o sentimento que convergiu na educação, pois muitos professores abandonaram suas carreiras, desiludidos com os processos de reformas na educação e a intervenção do governo. Muitos professores publicaram textos contra essas reformas no sistema de formação docente, destacando que ele ameaçava o profissional e até o pessoal.

No final de 1980, células de reflexão do partido conservador começaram a revisar os processos de formação e detectaram que a formação de docentes

alinha-se a um pensamento esquerdista, que gerava uma educação de baixo nível, a fim de sucumbir à inteligência e o senso crítico dos seus alunos.

Uma grande revisão no processo de formação ocorreu e matérias como leitura e cálculos passaram a ser mais valorizadas. Um novo ministro da educação, Kenneth Clarke, foi nomeado e, com ele, reformas importantes tornaram-se parte da educação Inglesa: abolição do comitê e criação de uma agência de formação de professores; obrigação do cumprimento de uma carga horária de estágio, antes de sua formação; informação das universidades sobre as verbas; introdução de uma qualificação no curso de formadores de professores, o curso só receberia verba se comprovasse, por meio de uma prova, aplicada pelo inspetor, que possuía qualidade; indicação de que as escolas de formação, independentemente das universidades, poderiam formar professores.

Essas propostas instituídas por Clarke enfrentaram muitas resistências, no entanto, em 1980, sua abordagem foi introduzida e, a partir de 1984, surgiram outras iniciativas, e os cursos receberam mais de 1000 estudantes.

Atualmente, o modelo de formação dos professores na Inglaterra é semelhante ao brasileiro, os aspirantes ao cargo de docente cursam sua graduação nas universidades, em um curso de duração mínima de 4 anos. Porém, ainda há alguns problemas relevantes: os cursos secundários carecem de professores especialistas, e poucas pessoas optam por seguir essa profissão, gerando carência no mercado. Moon (1996) menciona:

O problema de recrutamento e da conservação dos efetivos é agudo. Os docentes originários da Austrália, da Nova Zelândia ou da África do Sul preenchem atualmente na Inglaterra o déficit notado no recrutamento. [...] Este problema é manchete a mídia. (1996 apud TARDIF; LESSARD, 2014, p.110).

Assim, como visto, apesar de haver pontos positivos na reforma das formações dos professores, ter criado mecanismos mais rigorosos para elevar a qualidade de ensino dos docentes e, conseqüentemente, da população, ainda assim, faltam estímulos e status ao profissional da educação e poucos são os verdadeiros incentivos para mudar esse quadro.

### **2.1.5 Formação docente: Universidades X Altas Escolas Pedagógicas – Suíça**

Philippe Perrenoud (1998), da Universidade de Genebra, contemplou-nos em sua pesquisa com os embates suíços na formação dos docentes e os entraves entre as universidades e as Altas Escolas Pedagógicas denominadas HEP.

As Altas Escolas Pedagógicas suíças situam-se entre a forma escolar e a forma universitária: as questões, o título dado a sua pesquisa, no qual ele menciona todos os conflitos acerca da formação dos professores e o quanto isso influencia o profissional da educação e os modelos práticos pedagógicos, além de trazer em seu trabalho diferenças entre as formações universitárias e as das escolas de formação de professores.

Na Suíça, a tarefa de formar professores ainda é responsabilidade das Altas Escolas Pedagógicas, ainda existe um grande conflito interno com a formação dos professores. Alguns estudiosos apontam que as formações deveriam ser responsabilidade das universidades, mas a burocracia e a resistência de outros faz com que as HEP permaneçam à frente da formação dos professores.

Assim, muitas são as diferenças detectadas na formação de estudantes nas universidades e na HEP, o que tem gerado debates sobre o que seria melhor para a educação.

A universidade de Genebra é a única que possui formação de professores, desde 1930. As demais formações cabem à HEP, que burocratiza o ensino e limita a formação docente. As HEP têm problemas de estrutura e infraestrutura, não investem no status da profissão docente, não incentivam a pesquisa e se fecham em suas práticas, evitam fazer parcerias eficientes e para aperfeiçoar a profissão.

As universidades também são resistentes à implantação de formações docentes, pois consideram os cursos como ciências inexistentes, pouco desenvolvidas, desvalorizando também a didática. Além disto, alguns cantões não têm universidades, dificultando, ainda mais a universalização das HEP.

Mas qual seria a diferença entre os cursos ministrados pelas universidades e pelas HEP? E quais mudanças ocorreriam se as universidades abarcassem os cursos de formação de professores?

Philippe Perrenoud destacou em seu trabalho algumas diferenças entre as universidades e as HEP apresentando alguns pontos que contribuiriam para melhorar o ensino docente caso as universidades fossem responsáveis pelas formações docentes.

- As HEP são administradas por um diretor escolhido, hierarquicamente superior, que também não se envolve em conteúdos e procedimentos de formação dos docentes-estudantes. Os professores não participam da votação, tem pouco espaço para se manifestar, encontram-se à margem das decisões, o que causa desinteresse e falta de estímulos, além de as tomadas de decisões administrativas não serem democráticas. As universidades, em contrapartida, escolhem democraticamente seus reitores, algumas decisões administrativas são tomadas com a aprovação de todos. Isso motiva os professores envolvidos no processo, pois eles se tornam participantes das decisões gerais.
- O tempo de trabalho dos formadores das HEP é de 18 a 24 horas, sendo que dos professores universitários é de 8 a 12 horas, isto é, há mais tempo para pesquisas, publicações e teses. Os professores das HEP terminam suas jornadas de trabalho *in locus* e seguem para suas casas, para as correções de avaliações e trabalhos, pois dispõem apenas da sala dos professores como ambiente extra, o que os impede de se reunir para trocar informações, promover debates e se encontrar com outros educadores. Nas universidades, cada professor tem seu escritório e, assim, tem tranquilidade para realizar seu trabalho e planejar suas aulas. Além disso, permanece mais tempo na universidade e pode dialogar com seus colegas de trabalho e traçar metas e objetivos para a educação;
- Os currículos das HEP dispõem de conteúdos fechados, ditados pelo plano de estudo anual, cabendo aos professores apenas executá-los. Nas universidades existem os departamentos de pesquisa e assuntos comuns, no qual os professores cooperam profissionalmente com suas habilidades e competências. Vale destacar que os professores das HEP têm cargos efetivos, vitalícios, o que gera certa acomodação nos docentes formadores relacionada a implantar mudanças na prática pedagógica pela educação dos futuros professores. No que tange aos professores universitários, eles são

contratados por tempo determinado, normalmente de quatro a sete anos. Após esse tempo, eles são avaliados e podem ser ou não recontratados. Esse ponto merece destaque, pois resulta em mais responsabilidade em relação ao ato de lecionar, de inovar ou fazer algo diferente para os seus alunos.

- O incentivo às pesquisas na HEP é limitado, o que engessa o sistema de formação e não estimula os futuros docentes às práticas científicas; nas universidades, por sua vez, as pesquisas são frequentes e os próprios professores possuem tempo e recursos para fazê-las;
- A administração de recursos financeiros das HEP é de responsabilidade dos Estados, o que limita a ação dos diretores e as tomadas de decisões; as universidades possuem mais liberdade para administrar e gerir os recursos recebidos e gerar tais recursos, o que lhes conferem mais status;
- Os alunos das universidades cumprem uma carga horária de 20 horas semanais, tendo, assim, tempo hábil para pesquisas, trabalhos e estágios, e também participar das tomadas de decisões, formar colegiados etc.; no entanto, os aspirantes ao cargo de docente cumprem de 30 a 40 horas semanais, são subjugados por suas notas e avaliados constantemente.
- A admissão dos estudantes de docentes ocorre segundo a necessidade do empregador, já os da universidade em função das vagas existentes.

Desse modo, a formação de docentes dirigidas pelas HEP tende muito a melhorar quando comparada ao ensino das universidades. Talvez esse seja o avanço que a educação necessita para ofertar uma formação eficiente e de qualidade. Porém, embora ainda haja muitas dúvidas e resistências acerca dessa afirmativa, o ensino suíço segue com essa dupla ambivalência de pontos positivos e negativos, entre as HEP e as universidades.

### **2.1.6 Ensino colaborativo comunitário – Estados Unidos**

O estudo referente à educação nos Estados Unidos foi baseado em um estudo de caso dos autores Stephen E. Anderson e Dennis Thiessen (1999), da Universidade de Toronto, que fizeram uma análise das comunidades docentes em transformação: “Comunidades docentes em transformação: a tradição da mudança

nos Estados Unidos”. O estudo de caso avaliou como escolas totalmente diferentes (localidades, estrutura, tamanhos, condições socioeconômicas e níveis de ensino) conseguiram por meio de iniciativas simples envolver a comunidade e fazê-la participar da educação de seus alunos.

Para compreender essa mudança no sistema de ensino dessas escolas é preciso atentar-se para os três eixos denominados pelos pesquisadores de “processos sócio-organizacionais pelos quais a aprendizagem pode ser gerada, no interior e no exterior das classes”: colaboração, integração e enquete.

A comunidade escolar (pais, alunos, professores, gestores e vizinhança) apresenta-se de forma ativa nas escolas, visto que a educação vai além dos muros, encontra-se presente nos corredores, nos diálogos entre professores e pais, em tomadas de decisões, votações. A aprendizagem perpassa a sala de aula, tem a comunidade como aliada e, conseqüentemente, envolve os alunos no processo ensino-aprendizagem. Esse envolvimento gera transformações e ações positivas tanto no processo de aprendizagem quanto na comunidade em que as escolas estão inseridas.

Os professores que fazem parte dessa força tarefa são chamados por Arderson e Thiessen de comunidades docentes em transformação e possuem papel fundamental na transformação educacional que as escolas estão passando.

As comunidades docentes em transformação têm dois componentes unificadores: todas elas enfatizam de modo sistemático e global, a aprendizagem no interior da classe e por parte dos grupos de alunos em classe; dedicando ao mesmo tempo uma atenção contínua aos laços com o interior da escola, em atenção aos três contextos de mudança: na classe, nos corredores e em outras comunidades. (1999 apud TARDIF; LESSARD, 2014, p.136).

Nessa perspectiva, o envolvimento de todos é que faz a diferença. Nessas escolas observa-se o envolvimento de mais pessoas no processo de aprendizagem dos alunos: os professores na sala de aula com seus conteúdos, com a interdisciplinaridade; nos corredores, com a extensão da aprendizagem nos trabalhos em grupo, nos debates, na troca de ideias; na comunidade, com a participação e colaboração de todos. Dessa forma, um professor, por exemplo, ao trabalhar determinado conteúdo envolve não somente o aluno na aprendizagem da sala de aula, mas seu colega de trabalho que possui um conhecimento a mais no assunto. Somado a eles, a comunidade contribui com exemplos e diálogos acerca



do assunto, produzindo, assim, coletividade no trabalho e, conseqüentemente, bons resultados.

Essas escolas têm uma proposta pedagógica diferenciada que sempre visa modelos coletivos de ensino, no qual os professores precisam adequar sua didática: a aprendizagem é cooperativa, as atividades são democráticas, as inteligências múltiplas destacadas, dá-se ênfase às tarefas de desempenho, e utilizam práticas alternativas de avaliação, projetos, entre outros.

O modelo transformador apresentado pelos Estados Unidos é algo que outros países podem também fazer. Para isso é preciso ter e estimular novas iniciativas. Inicialmente, a gestão deve permitir o acesso à escola de forma mais democrática e torná-la acessível a todos; e os professores precisam compreender a importância dos trabalhos interdisciplinares e das ações coletivas, importantes motivadores para os alunos, além de integrá-los no processo de ensino aprendizagem. E a comunidade também deve participar de forma ativa do processo educacional visando trazer resultados benéficos para seus filhos, os alunos dessa escola.

### **2.1.7 Massificação da educação: dificuldades na ação de lecionar – França**

O pesquisador Vincent Lang (2001), da Universidade de Nantes, apresentou em sua pesquisa um panorama das mudanças ocorridas na educação francesa: das escolas direcionadas somente ao ensino das elites à massificação do ensino para a comunidade em geral. Sua pesquisa “A profissão de professor na França: permanência e fragmentação” mostra exatamente as modificações feitas no processo educacional quando coletivizou a educação.

Lang (2001) expôs as dificuldades vivenciadas pelos educadores, uma vez que a educação para todos estava impregnada de diversos aspectos: sociais, racionais, violência e desestrutura familiar, e isso fez com que o professor, além de ser um mediador de conhecimentos, também precisasse se inventar e lidar com outros problemas.

Conforme a pesquisa de Lang, o perfil dos professores da França é semelhante a do Brasil: 77% dos professores são do sexo feminino, a maioria estabelece-se na rede pública de ensino e existe uma forte rixa entre os professores que atuam no ensino primário e os que atuam no ensino secundário. Vincent Lang

menciona que essa rivalidade fundamenta-se no fato de os professores do secundário ter características socioculturais mais elevadas do que os do primário. Isso também ocorre devido à faixa etária de muitos professores do primário. Todavia, espera-se que em 10 anos essa grade mude com as aposentadorias e os afastamentos e chegue uma nova geração de professores para mudar radicalmente essa visão sociocultural, que ficou estabelecida em cada grupo.

Para compreender melhor a evolução do aparelho educativo da França destacam-se alguns pontos que subjazem necessários para compreender como ocorreu o processo de movimento coletivo da educação:

- Prolongamento da escolaridade. Historicamente, as pessoas faziam o primário e abandonavam os seus estudos. Com o passar dos anos, as pessoas foram incentivadas a permanecer nas escolas;
- Massificação dos estudos secundários;
- Incentivos governamentais para a escolarização da população;
- Desconcentração e descentralização do aparelho educativo; o governo permitiu que as escolas tivessem mais autonomia para gerir seus recursos e criar estratégias educativas.

Com a massificação e o incentivo do governo para que mais pessoas adentrassem as escolas, a quantidade de alunos matriculados aumentou consideravelmente e, com isso, outros problemas surgiram na educação francesa:

- Heterogeneidade: a heterogeneidade passou a ser um problema para os professores, pois eles não estavam acostumados a lecionar para salas tão diversas e conflituosas. Antes do incentivo do governo, quem permanecia nas escolas eram alunos mais abastados e, por isso, a sala apresentava-se bem homogênea;
- Perfil dos alunos matriculados: o perfil dos alunos que permaneceram nas escolas mudou consideravelmente; esses jovens representavam a sociedade real e traziam consigo marcas dessa sociedade (drogas, violência, abandono, falta de estrutura familiar etc.) para o ambiente escolar, em especial, para a sala de aula. Os professores, portanto, precisaram se adaptar a esse novo perfil de aluno, que possuía uma bagagem, não muito positiva, mas que não poderia ser desconsiderada dentro da sala de aula em prol da sua

escolarização. Muitos professores justificavam não estar preparados para lidar com essa situação;

- Expectativas dos alunos: os alunos traziam um sentimento de distanciamento e, até mesmo, de desconfiança dos professores, eles não se motivavam ao ensino e não tinham expectativas de que poderiam crescer intelectualmente e profissionalmente por meio dos estudos. Isso gerou uma baixa qualidade no ensino e trouxe desmotivação profissional aos professores;

Esses conflitos fizeram com que a proposta educativa francesa tomasse outros rumos. Assim, a partir de 1980, houve a necessidade de “trabalhar de outra forma”, tratando os problemas emergenciais tal como eles se apresentavam e buscando soluções para saná-los. Iniciou-se uma forte pressão para que os jovens permanecessem nas escolas até os 18 anos. E para atender esse público, com suas características peculiares, investiu-se em três alavancas: refundamentação da formação inicial, desenvolvimento de uma formação em curso e modernização da organização.

A refundamentação da formação inicial dos professores foi a primeira iniciativa governamental para reverter o quadro de falta de preparo para lidar com a nova geração de alunos que as escolas francesas estavam recebendo. A universalização foi o caminho encontrado pelo governo para requalificar a classe docente, dando a eles novamente o status necessário à função ocupada. Outro modelo implantado pelo governo foi referenciar a prática reflexiva do professor, por meio da qual o professor, além do saber tradicional científico, aprenderia a lidar com os diversos problemas sociais existentes e trazidos pelos alunos para a sala de aula.

Ainda trabalhando com o modelo reflexivo, caberia à nova geração de educadores desenvolver competências para lidar com os problemas gerais que poderiam ocorrer nas salas de aula, com as heterogeneidades e as novas formas de pensar dos educandos. Essas situações não poderiam ser obstáculos para oferecer uma educação de qualidade e motivadora, mas foi preciso criar mecanismos e competência para lidar com elas.

A implantação dessas mudanças gerou uma satisfação e um sentimento de reconhecimento no corpo docente francês, refletindo-se nas escolas e na qualidade do ensino. Contudo, esses novos professores também passaram por grandes

dificuldades em sua atuação, até mais do que a geração anterior, cujas salas eram mais homogêneas, porém se mostraram mais fortes para acompanhar os novos modelos educacionais.

As práticas profissionais estão estreitamente ligadas às condições reais de exercício e, mais do que outro, os estabelecimentos que acolhem os públicos populares e imigrantes devem inventar soluções pedagógicas e organizacionais para melhorar o nível de instrução, assumir as diferenças escolares dos alunos, e também levar em conta as culturas particulares familiares, locais ou juvenis, assim como as políticas da cidade (segurança, luta contra exclusão). (2001 apud TARDIF; LESSARD, 2014, p.161).

Nesse contexto, os professores passaram a considerar as concepções dos alunos e construir novos caminhos para trabalhar o ensino. Essas transformações por parte dos professores criaram novas relações de aprendizagem, estimularam a socialização dos alunos, a proximidade com o professor, mais interação, cidadania, e a relação entre professor e aluno, entre o saber e o aprender ficou menos distante. As mudanças são lentas, o tradicionalismo ainda persiste embutido nos professores, e a resistência ainda tem força na mudança de postura profissional e de identidade docente, mas a maioria conseguiu perceber que os velhos métodos aplicados tornaram-se obsoletos e era necessária uma mudança pedagógica e reestrutural do sistema de ensino francês.

Pelo exposto, após estudar e analisar o panorama educacional de vários países é possível afirmar que a educação passa por problemas similares em diversas partes do globo. Além disso, esses problemas têm reflexos históricos, que abrangem desde a formação do docente, a falta de status, as baixas remunerações, o dom de lecionar, até os dias de hoje, bem como os problemas estruturais das instituições, o público-alvo e a lacuna na formação para abarcar tamanha responsabilidade social delegada à escola.

Em 1974, Reboul disse que o sistema educacional estava falido e pouco, muito pouco foi feito para mudar essa teoria desde então.

Nossa civilização está em crise. E o sinal mais convincente é sem dúvida a falência da nossa educação. Pela primeira vez na história, talvez, o homem se reconhece incapaz de educar seus filhos. Nossas prodigiosas descobertas na psicologia, nossas iniciativas pedagógicas, muitas vezes tão interessantes e generosas, não podem evitar essa constatação de fracasso; elas fazem com que o fracasso pareça ainda mais escandaloso. [...] Pode ser que esta desordem seja, na verdade, uma passagem para uma ordem superior, que essa destruição preceda uma criação. Pode ser; mas nada sabemos. Não temos outro recurso senão fazer um julgamento lúcido sobre aquilo que é (1974 apud TARDIF; LESSARD, 2014, p.217).

A falência da educação, como cita Reboul, relaciona-se bastante com a ausência de estrutura social dessa geração espetacularizada, a do século XXI. Os alunos, muitas vezes, não reconhecem a escola como local propício para a aprendizagem e etapa para o crescimento pessoal e profissional, nem os professores são vistos como pessoas capazes de auxiliar o processo educativo ou mesmo facilitar a aprendizagem. Essa nova geração de alunos não conseguem estabelecer conexões com as disciplinas oferecidas e com o saber de mundo que já possuem e, muitas vezes, para eles, o estudo é algo desmotivante.

Para reverter isso é necessário que o sistema educacional reestabeleça essa ligação, promova e estimule a criação de novos métodos de trabalho, capazes de integrar os jovens aos estudos. E ao propor mudanças no sistema educacional, isso envolve todos que nele se interligam: professores, coordenadores, diretores, currículo, formação etc.

Yves Dutercq (1999), pesquisador do Institut Francais de l'éducation, em sua pesquisa "Pluralidade dos mundos e cultura comum: professores e alunos à procura de normas consensuais" delimitou justamente essa vertente sobre a relação entre os professores e alunos e a dificuldade de compreender a explicação dos professores no momento das aulas.

Se nos situarmos num ponto de vista didático, poderemos formular a hipótese de que a lógica do professor não se casa com a dos alunos, porque o seu procedimento é conduzido sem correspondência com uma necessidade ou uma demanda dos alunos; de certa forma ele é "sobreposto". Embora o professor seja aberto e atento à reação dos alunos, ele constrói o saber apenas na sua lógica, e não na dos alunos. (1999 apud TARDIF; LESSARD, 2014, p.177).

Essa problemática de compreender os conteúdos gramaticais da disciplina de LP gera uma desmotivação nos dois envolvidos no processo ensino-aprendizagem; no aluno, por não entender e precisar buscar outros recursos de compreensão, e no professor, que não consegue alcançar seus objetivos. Além disso, essa falta de conexão entre aluno e professor pode gerar outros problemas para a sala de aula, como baixo rendimento, indisciplina, fracasso escolar, evasão etc.

Nesse sentido, portanto, para o diálogo estabelecer-se em sala de aula é necessário um comprometimento e uma mudança de postura tanto do professor quanto do aluno: do professor, ao tentar projetar sua aula de forma mais acessível;

do aluno, para sentir-se à vontade com o professor para questionar, caso não entenda, e de sugerir uma nova linguagem.

Com certeza, dentro do espaço de construção do saber, são várias as possibilidades que auxiliam o processo ensino-aprendizagem, e o diálogo é apenas uma delas, mas não somente uma, mas uma das ferramentas mais importantes de motivação e afetividade.

Ao refletir sobre a sociedade do espetáculo já mencionada por Debord (2003), de que “A sociedade do espetáculo, escolhe o seu próprio conteúdo”, cabe aos professores desses alunos, imbuídos nessa geração espetacular, criar estratégias para intermediar o diálogo, que sejam atrativas ao mundo irreal em que vivem esses alunos reais.

## 2.2 METODOLOGIAS ATIVAS

O conceito de metodologias ativas já vem sendo debatido há algumas décadas. No entanto, vem ganhando ênfase atualmente devido à educação a distância e o preceito de sala de aula invertida e o uso das tecnologias em sala de aula.

No Brasil, a metodologia ativa chegou em 1930 com os pesquisadores Anísio Teixeira e Fernando Azevedo, que se empenharam com a mudança do modelo educacional e com a abertura da Escola Nova.

A educação tradicional hoje vive um grande impasse: de um lado tem alunos que pertencem a uma geração moderna, que prima pela agilidade no conhecimento, acesso fácil a diferentes meios de comunicação, preferem a imagem e o ter, ao invés de ser, e do outro, a forma tradicional das aulas, o conhecimento advindo do professor, a forma tradicional de ensinar, no qual o professor detém o conhecimento e cabe a ele, somente a ele, transmiti-lo aos demais.

Esse impasse tem gerado alguns conflitos no espaço escolar e estimulado a quebra de alguns paradigmas didáticos pelas escolas, bem como aprecie outros movimentos pedagógicos, como a metodologia ativa.

A metodologia ativa expandiu-se por meio de várias pesquisas no campo educacional e social, no qual identificaram que uma pessoa aprende melhor quando

ela interage com outros e quando usa a linguagem como instrumento de aprendizagem. Diferentemente do modelo tradicional, no qual o professor possui o conhecimento e o aluno, para aprender, precisa concentrar-se nessa explicação, o modelo de metodologia ativa coloca o aluno como participante do processo de aprendizagem - um sujeito ativo na construção do saber.

Nessa perspectiva, para formar alunos proativos é preciso adotar metodologias nas quais o aluno se envolva, que o estimule a tomar decisões, avaliar resultados, decifrar problemas, ter iniciativas e se mostrar mais criativo, conforme diz Moran “Se queremos que sejam criativos, eles precisam experimentar inúmeras novas possibilidades de mostrar essa iniciativa”.

Essa geração de alunos, a espetacularizada, está acostumada a receber inúmeras informações e, ao mesmo tempo, o estímulo com jogos, a linguagem de desafios, as competições, a cooperação etc. atraem esses alunos e os estimula a uma aprendizagem mais lúdica e divertida. Os alunos aprendem brincando! O professor nesse processo torna-se um articulador, mediando conflitos, analisando resultados, intervindo e criando um ambiente propício para a aprendizagem.

Nas metodologias ativas, os problemas sintetizam a vida real, o que antecipa situações que o aluno possa viver e trabalha seu comportamento antecipadamente.

Além disso, a área educacional está em constante transformação, os pais dessa geração se mostram cada vez mais interessados em uma pedagogia capaz de tornar seus filhos mais independentes para o mundo, pois muitos pais trabalham fora dos seus lares, e seus filhos, nas escolas, são educados por professores e equipe educacional.

Frente a essa realidade, a escola precisa estar atenta para o novo público que está recebendo, deve utilizara “crise” educacional para reavaliar as metodologias e criar estratégias para motivar essa geração aos estudos. Gobbo (2008), em seu livro Marketing Educacional, menciona justamente isto, ou seja, os professores devem assumir a situação e transformar a ausência dos pais em benefício tanto para o aluno como para a escola.

Acredito que chegou a hora de o professor dar a volta por cima, virar a mesa e mostrar o seu valor e sua importância para a sociedade que se apresenta. Não como o dono do conhecimento ou simplesmente como transmissor de informação, mas como aquele que educa, aquele que, a partir de seu conteúdo, reflete sobre as questões e os valores da vida, que

trabalha conhecimentos que não estão de graça na internet. Está na hora de o professor mostrar sua importância, vestir sua camisa, jogar pelo seu time. Eis nossa oportunidade. Eis nossa chance de resgatarmos o nosso valor! (GOBBO, 2013 p.69).

Diante desse desafio, as metodologias ativas são recursos que os educadores podem se apropriar para criar uma rede educacional renovada. Para isso, as escolas também precisam readaptar-se, avaliar seus espaços quadrados, transformar as salas de aula em ambientes mais cooperativos, de forma a trabalhar momentos coletivos e também individuais. Os professores, por sua vez, precisam planejar aulas mais dinâmicas, trabalhar com projetos, com temas atuais, de vivência de mundo, trazer para sua sala assuntos acerca da vida, exemplificando-os em suas matérias. É preciso trazer o mundo para a escola e levar a escola para o mundo.

Pode-se dizer que a primícia da metodologia ativa é justamente auxiliar o aluno no processo de resolução de conflitos com o mundo real, é torná-lo empreendedor em assuntos gerais, levando-o ao saber ativo e coletivo. Com os alunos conectados com as mais diversas tecnologias, o educador deve, portanto, apropriar-se delas, que já são muito estimulantes para eles, e enxertar as aulas de modernismo e atualidade.

Apesar, como citado anteriormente, de a prática da metodologia ativa não ser algo recente no Brasil, muitos pesquisadores procuraram aprofundar seus estudos a respeito desse tema e trazer contribuições mais atualizadas referentes aos benefícios que ela pode trazer para as salas de aula.

As pesquisadoras Aline Diesel, Alda Leila Santo Baldez e Silvana Neaum Martins, da Universidade de Lajeado – RS, no artigo publicado na Revista Thema (2017) “Os princípios das metodologias ativas de ensino: uma abordagem teórica” contribuem com um estudo voltado para essa prática em sala de aula ao apontar os benefícios desse método para as aulas e o ambiente escolar.

No artigo reafirmam a necessidade de haver mudança no sistema educacional, uma vez que a humanidade passou por uma série de transformações e a educação deve acompanhá-las.



Citam no texto Bauman<sup>3</sup> (2009), que tem um estudo sobre a sociedade sólida e a sociedade líquida. A sociedade sólida, segundo Bauman, era a que acreditava que os conhecimentos adquiridos possuíam durabilidade de uma vida toda; já a sociedade líquida, a que estamos vivendo, caracteriza-se pelo imediatismo, possui uma fluidez no conhecimento, no qual nada é certo, e tudo é gerado por uma inconstância de conhecimentos. Com essa reflexão, as pesquisadoras dissertaram sobre a postura do professor em sala de aula, que, em sua maioria, ainda trabalha de forma solidificada, mas para um público líquido.

Essa disparidade de objetivos entre o professor e o aluno gera uma série de problemas para a educação. Não basta ao professor dominar seus conteúdos de forma plena, é importante que ele se posicione como mediador no processo de ensino aprendizagem, devendo ser mais um instrumento do saber e não apenas o único.

Um exemplo que evidencia essa dualidade reside nos discursos comumente verbalizados por docentes e estudantes em que estes últimos reclamam das aulas rotineiras, enfadonhas e pouco dinâmicas, ao passo que os primeiros destacam a frustração pela pouca participação, desinteresse e desvalorização por parte dos estudantes em relação às aulas e às estratégias criadas para chamar atenção destes. (DIESEL; BALDEZ; MARTINS, 2017 p.267).

O desinteresse e tédio gerado pelo aluno é a prova concreta de que os métodos devem ser modificados e novas estratégias traçadas para que a educação se remodele ao público destinado a ela. No artigo, as autoras trazem como afirmativa uma educação global, no qual todos se conectam e vivem imersos em uma quantidade significativa de informações, em tempo real. Assim, a metodologia ativa contribui com essa proposta ao ativar o processo de aprendizagem dos alunos, colocando-o no centro do planejamento, contrapondo-se à posição de expectador e se transformando em agente.

Diante do exposto, é desse modo que a personagem ficção Professora Maluquinha constitui-se, ela intermedia o diálogo entre os estudantes, no qual ambos tornam-se produtos de um contexto pautado pela mídia e atravessa cada indivíduo na pós-modernidade. A personagem ficção impulsiona os alunos a serem

---

<sup>3</sup>Zygmunt Bauman (1927-2017) foi um sociólogo, pensador, professor e escritor polonês, uma das vozes mais críticas da sociedade contemporânea. Criou a expressão “Modernidade Líquida” para classificar a fluidez do mundo no qual os indivíduos não possuem mais padrão de referência. Esse conceito é formulado por meio de alguns pontos de inflexão: modernidade, consumo, relações sociais e Estado.

agentes do processo ensino-aprendizagem, em um diálogo simples, capaz de interagir com o sujeito aprendiz. A metodologia ativa está intrinsicamente presente na personagem ficção, transpõe o mundo real ao irreal e cria um ambiente diferenciado de aprendizagem.

O professor que utiliza a metodologia ativa em seu processo de ensino problematiza um conteúdo de acordo com a realidade vivenciada pelo aluno e o coloca como protagonista no processo de aprendizagem: ouvindo, falando, criando, refletindo acerca do problema, contextualizando.

O trabalho em equipe é uma das características mais importantes da metodologia ativa. Segundo as pesquisadoras do artigo, é por meio dele que o aluno deve criar enlaces para trabalhar os conflitos e criar estratégias para resolver os problemas.

Paulo Freire foi um dos pioneiros a questionar sobre a educação unidirecional, ele já mencionava em suas obras a importância de colocar o aluno para resolver conflitos e gerir problemas, ou seja, ser partícipe de seu processo de ensino-aprendizagem. O educando precisa ser conflitado, removido da sua zona de conforto de espectador para se tornar protagonista ativo na aprendizagem.

As crianças precisam crescer no exercício desta capacidade de pensar, de indagar-se e de indagar, de duvidar, de experimentar hipóteses de ação, de programar e de não apenas seguir os programas a elas, mais do que propostos, impostos. As crianças precisam ter assegurado o direito de aprender a decidir, o que se faz decidindo. Se as liberdades não se constituem entregues a si mesmas, mas na assunção ética de necessários limites, a assunção ética desses limites não se faz sem riscos a serem corridos por elas e pela autoridade ou autoridades com que dialeticamente se relacionam (FREIRE, 2000, p. 25).

Ao ser desafiado no processo de construção do saber, o aluno coloca-se como parte integrante do processo educacional, revelando sua criticidade e senso coletivo. O papel desempenhado pela personagem de ficção é justamente colocar em evidência a importância do papel de mediador do professor e a posição do aluno como peça fundamental no desafio do saber. A Professora Maluquinha retira o aluno do seu lugar de ouvinte passivo e o direciona a uma nova forma de agir e participar da aula, estimulando-o na afetividade, a aprendizagem e recriando formas de aprender e ensinar.

A metodologia ativa faz o aluno se destacar no momento da aprendizagem e não apenas permaneça um mero expectador da aula. A personagem ficção ultrapassa essa barreira do conforto do aluno e o desafia para uma aprendizagem mais lúdica e divertida, criando um ambiente propício para a comunicação e a interação entre o professor e o aluno.

A pesquisadora Iara Yamamoto (2016), em sua pesquisa “Metodologias ativas na aprendizagem interferem no desempenho dos estudantes”, apresentado na USP, relata justamente que o envolvimento do aluno no processo do ensino traz benefícios muito mais satisfatórios do que quando aprende de forma individualizada.

[...] como seres no mundo e com o mundo, tanto mais se sentirão desafiados e quanto mais desafiados, mais obrigados a responder ao desafio. Porque captam o desafio como um problema em suas conexões com outros, num plano de totalidade e não como algo petrificado, a compreensão resultante tende a tornar-se crescentemente crítica, por isto, cada vez mais desalienada, o que provoca novas compreensões de novos desafios, que vão surgindo no processo da resposta, e se reconhece, mais e mais, como compromisso. Assim é que se dá o reconhecimento que engaja. (YAMAMOTO, 2016. p.17)

O desafio estimula o estudante e, conseqüentemente, o aluno, na solução dos problemas mediados pelo professor, engaja-se nas aulas, tornando seu rendimento muito mais satisfatório. O sociólogo e filósofo Edgar Morin (2004) já mencionava em seus trabalhos a necessidade de o aluno saber para que veio e qual seu papel neste mundo. Essa geração líquida, pautada pelo imediatismo e pela superficialidade, precisa ser envolvida na aprendizagem para que possa construir suas conexões com o ambiente escolar.

Debord (2003) já indicava uma característica marcante da sociedade do espetáculo: a escolha do que quer assistir, “A sociedade do espetáculo é, pelo contrário, uma formulação que escolhe o seu próprio conteúdo”. Diante disso, o educador não deve impor os conteúdos que serão aplicados ou obrigar os alunos a cumprir currículos sólidos, porque desse modo não será possível alcançá-los. É preciso, portanto, criar mecanismos para inseri-los no processo de ensino. Para fomentar ainda mais a discussão sobre a geração líquida espetacular, Paula Sibília já a mencionava em sua obra, conforme a seguir.

Em uma época tão atual, tão arrasada pelas incertezas como fascinada pelos simulacros e pela espetacularização de tudo quanto é, noções outrora mais sólidas como realidade e verdade foram seriamente estremecidas. Talvez por este motivo, já não cabe à ficção recorrer ao real para se

contagiar do seu peso e ganhar veracidade. Ao contrário, a realidade parece ter perdido tal potencia legitimadora. Este real que hoje está em pleno auge já não é mais autoevidente: sua consistência é permanentemente contestada e colocada em questão. (SIBÍLIA, 2008, p.198)

Nesse sentido, os alunos precisam interagir com o meio para se sentirem participantes do processo educacional. Para isso a ficção deve ser utilizada como ferramenta de captura, de desafio e de intermédio entre essa geração e a educação. A ficção presente na personagem é um tipo de metodologia ativa, pois consegue convocar os alunos para a educação, para a seleção de conteúdos, para a protagonização do processo de aprendizagem.

Com esse chamamento, dessa junção ativa de aluno e professor, é possível, por meio da ficção, estabelecer métodos ativos em sala de aula. A conexão do professor regente com a turma propicia o diálogo, a criatividade, a criticidade e o trabalho coletivo, por intermédio de projetos e interdisciplinaridade.

### 2.3 A RELIGAÇÃO DOS SABERES – INTERDISCIPLINARIDADE

A metodologia ativa propõe o aluno como centro protagonista da aprendizagem, sendo o professor um mediador de conhecimentos e conflitos. Seu papel, nesse caso, é problematizar situações e desafiar o aluno e, dessa forma, estimulá-lo à aprendizagem interacionista. O trabalho coletivo vem como consequência, pois o aluno aprende por meio da cooperação e da coletividade. Na cooperação com seus colegas, em um processo de debates e discussões, surge a solução do problema e, assim, o aluno aprende.

A aprendizagem, portanto, torna-se coletiva e não mais individualizada como nos modelos tradicionais de ensino. Ora, ao tornar isso uma verdade, que o aluno é capaz de aprender com mais facilidade de forma coletiva, pode-se concluir que os saberes não estão compactados em caixas separadas e armazenadas no cérebro. Os saberes estão interligados, formam redes de conexões entre uma disciplina e outra, e, assim, com os desafios propostos permitem solucionar problemas.

Significa dizer que, o cérebro, na solução dos problemas utiliza informações diversas e não fragmentadas. Isso é bem diferente da maneira de se trabalhar as disciplinas na escola: a fragmentação.

Edgar Morin (2004), em sua obra “A religação dos saberes”, destaca justamente isso: que tudo está conectado, em redes globais, no entanto, as escolas trabalham os conteúdos de forma fragmentada, dificultando a compressão dos alunos, que não conseguem conectar tais informações.

O aluno, no decorrer de sua aprendizagem, precisa compreender as diversas disciplinas que lhe são impostas, além de conseguir um bom rendimento em cada uma delas. Elas são trabalhadas como se cada uma fosse um pedaço do saber, algumas de mais importância, outras nem tanto, mas no final é necessário apresentar um bom rendimento de cada uma para obter a aprovação. Tudo isso bem fragmentado e “solto”. A educação não precisa ser assim:

Edgar Morin (2004) já citava que o saber fragmentado não estimula o jovem a aprender, e a geração atual é ávida por conhecimentos diversos, que a estimule a pensar, mas esses conhecimentos devem estar interligados.

Enquanto fragmentado, o saber não oferece nem sentido, nem interesse, ao passo que, respondendo as interrogações e curiosidades, ele interessa e assume sentido. Como o mundo do professor e o da matéria ensinada, apesar de interferirem reciprocamente, são ao mesmo tempo próximos e distantes um do outro [...] (MORIN, 2004. p.22).

Contudo, para conhecer o todo, é preciso conhecer as partes que formam esse todo para, assim fazer essa conexão. No que se refere à educação, é preciso conhecer todas as disciplinas para conhecer o todo, que é a aprendizagem geral. Além disso, no século XXI existe uma nova tendência acerca do conhecimento, à união desse todo. “É preciso separar, distinguir, mas também é necessário reunir e juntar” (Morin, 2004), e nessa junção surgiu um problema educacional e bastante egocêntrico, pois alguns educadores do século XXI ainda não entenderam a dinâmica “cósmica” de que tudo está interligado.

Para Morin (2004), essa desordem e desorganização do sistema separado por fragmentos disciplinares, em que um professor se considera superior a outro, seja em decorrência da carga horária ou mesmo da nomenclatura da disciplina que leciona, se esquece de que a junção de todos os conteúdos prepara o aluno para o mundo. O mundo globalizado anseia por pensamentos em rede, pensamentos que se conectem com propósitos únicos, no caso dos alunos, com o propósito de ensinar.

O desafio do século XXI é justamente propor essa reunião de conhecimentos e criar um ambiente que faça sentido para o aluno. Cabe, então, aos educadores disponibilizar elementos de formação para o trabalho em equipe. Essa deve ser uma iniciativa emergente, que deve se refletir no cidadão a ser formado.

Eis os desafios da complexidade e, claro, eles encontram-se por toda a parte. Se quisermos um conhecimento segmentário, encerrado a um único objeto, com a finalidade única de manipulá-lo, podemos então eliminar a preocupação de reunir, contextualizar, globalizar. Mas, se quisermos um conhecimento pertinente, precisamos reunir, contextualizar, globalizar nossas informações e nossos saberes, buscar, portanto um conhecimento complexo. (MORIN, 2004. p.566)

A percepção de Morin sobre a ligação dos saberes não é uma proposta educacional imposta aos professores, mas um estímulo reflexivo a respeito do trabalho coletivo. Existe a visão dos alunos acerca de tantos professores, com características individuais, personalidades distintas, linguajares próprios da sua área de conhecimento, saberes direcionados para sua área, que colocam o aluno diante de um quebra-cabeça educacional, em que ele precisa organizar as peças para conseguir o resultado esperado no final do ano. A educação não precisa ser homogênea, na qual todos falam do mesmo assunto, agem da mesma forma, visto que ela é composta por seres diversos, e se encontra inserida em mundo cheio de diversidade e pluralidade de conhecimentos. A homogeneidade refere-se às conexões, à criação de uma “Passarela permanente do conhecimento das partes ao do todo, do todo a das partes” (Morin, 2004), no qual os professores trabalham de forma coletiva para criar estratégias educacionais capazes de religar os diversos saberes do currículo e auxiliar os alunos no processo de ensino aprendizagem.

Para compreender melhor como fazer essa ligação de saberes, ou disciplinas, vale considerar algumas análises sobre essa compartimentação de disciplinas: a abordagem analítica e sistêmica. Segundo Morin (2004), a abordagem analítica avalia o conhecimento isoladamente, enquanto a sistêmica unifica esse conhecimento, contempla seus efeitos, causas, busca compartilhamentos de informações. A abordagem analítica projeta-se para um conhecimento isolado sobre algo “é uma abordagem de natureza enciclopédica” (Morin,2004). Logo, essa afirmativa permite refletir sobre os métodos de trabalho do professor, será que ele ainda está trabalhando de forma enciclopédica? Ou será que trabalha de forma sistêmica, globalizada?

Infelizmente, o atual modelo de ensino ainda está atuando de forma analítica. Contudo, o problema não é fazer essa constatação, a questão é que o trabalho está sendo desenvolvido de forma analítica para uma geração espetacularizada líquida e sistêmica. O que decorre dessa afirmativa? Alunos desmotivados, aulas repetitivas, desconexas e pouco produtivas.

Diante dessa realidade, é importante fazer uma autoanálise das abordagens do ensino. Isso não significa abandonar o modelo enciclopédico analítico de ensino, que traz uma abordagem fragmentada de determinado conteúdo ou disciplina, mas fundir a visão analítica com a sistêmica, de forma que uma complemente a outra, gerando uma eficácia na aprendizagem.

Ensinar para agir deve ser a regra, possibilitando ao aluno fazer uma ligação entre as diversas disciplinas e saberes, bem como aluno tenha prazer pelo estudo e pela educação. O aluno precisa entender a importância de determinado conteúdo ou aprender mais do que isso, qual o significado daquele conteúdo no mundo global em que vive. Tudo se encontra ligado, tudo se sustenta e tudo se encaixa, e dizer tudo significa que o mundo é esse tudo. Por isso, a educação, como base formadora do cidadão, não pode permanecer nos velhos moldes da fragmentação, desprezando totalmente a complexidade do todo.

Pode-se estabelecer uma relação entre estes saberes contentando-se em aprender um mesmo objeto de diversos pontos de vista, para fazer com que o aluno se dê conta concretamente da quantidade de olhares possíveis que se pode dirigir a um objeto, mas pode-se também apreendê-lo de maneira extremamente abstrata, olhando a partir do nível mais externo, que faz com que as diferentes ciências que apreendem esse objeto possam juntar-se e desconjuntar-se. (MORIN, 2004, p.529).

A abordagem refere-se a diferentes pontos de vista de um determinado conteúdo ou assunto, ou mesmo de diferentes abordagens daquele assunto por diferentes disciplinas, de forma que o aluno possa ter uma visão mais ampla do assunto e uma assimilação mais concreta dessas redes de conhecimento.

Todo esse conjunto de reflexões sobre a importância de dar sentido aos conteúdos por meio das diversas disciplinas contempla o trabalho coletivo e cooperativo dos professores: a interdisciplinaridade.

O trabalho do professor tem um papel fundamental na formação de sujeitos agentes e transformadores da sociedade em diversos aspectos. O espaço escolar é

um espaço articulador, de promoção social, capaz de promover uma conscientização crítica dos sujeitos em suas práticas cotidianas. No entanto, para que isso ocorra de forma mais satisfatória, é necessária uma ação conjunta por parte dos educadores.

Nessa perspectiva, para este estudo, o objetivo é estimular o trabalho interdisciplinar e comprovar, por meio dos estudos de Edgar Morin, que os resultados são amplos e relevantes no que tange à educação do século XXI.

A educação fragmentada e pautada nos modelos sólidos e homogêneos segrega a sociedade, não estabelece conexões com os alunos, transforma-os em sujeitos alienados e compartimentados, e essa insatisfação e inquietação é visível em suas atitudes em sala de aula. Por isso a educação precisa fazer sentido, precisa ter objetivo real. O trabalho educativo está sendo desenvolvido para uma geração que prioriza o imediatismo e a imagem, requer conhecimentos mais precisos e concretos, pois “O homem, tanto no decorrer de sua existência quanto ao longo da sua história, tenta incansavelmente estabelecer relações entre os saberes” (Morin, 2004). Assim, é preciso estar atento aos indícios apresentados pelos alunos a respeito da necessidade de estabelecer novas conexões ao ato de ensinar para dar mais sentido ao trabalho em sala de aula.

Nesse cenário, desenvolver um trabalho de forma interdisciplinar é uma opção, apesar de ela ter se tornado um jargão técnico em meio às escolas, que até “dá um status” aos professores que dizem trabalhar dessa forma. Mas o que seria um trabalho interdisciplinar que, de fato, gere um produto final, capaz de promover a mudança?

Segundo Nicolescu (2000),

[...] a interdisciplinaridade corresponde à busca da integração de conhecimentos, por meio do estudo de um objeto de uma mesma e única disciplina, por várias delas ao mesmo tempo. Este tipo de pesquisa traz contribuições significativas a uma disciplina específica, porque “ultrapassa as disciplinas, mas sua finalidade continua inscrita na estrutura da pesquisa disciplinar” (NICOLESCU, 2000. p. 14).

Nessa perspectiva, o trabalho interdisciplinar é muito mais do que o simples ato de direcionar um conteúdo parecido aos alunos, desse refere ao fato de fazer com que esse conteúdo tenha sentido para o docente e desperte nele uma



criticidade acerca do tema trabalhado. As disciplinas associam-se para realizar algo em comum, estimulam o surgimento de diversas ideias a respeito do tema e de vários pensamentos críticos e ativos para determinado assunto.

Para a interdisciplinaridade ocorrer de forma totalizada é necessário o envolvimento de todos os professores e também que desempenhem seu papel transformador. Cada disciplina deve contribuir dentro do seu conhecimento de analítica, mas com uma projeção sistêmica, baseada em resultados coletivos. Por exemplo, quando um professor de uma área aborda um tema que “parecia ser de determinada disciplina”, ele chama a atenção do aluno e desperta nele um interesse particular no assunto. Isso colabora para que o referido assunto seja elevado a outro patamar.

Convém ressaltar que este estudo não está propondo um ensino no qual a educação seja homogeneizada, mas uma articulação capaz de desenvolver várias habilidades do aluno. Desafiá-los em diversas áreas e demonstrar a ele que Tudo se conecta, que Tudo faz sentido, e que Tudo faz parte do Todo fragmentado.

Conforme afirma Morin,

Querer reunir saberes não acarreta o desenvolvimento de um transdisciplinaridade homogeneizadora, mas leva, isso sim, a situá-los com precisão uns em relação aos outros em função de suas alteridades históricas, antropológicas e epistemológicas (sem, por isso, excluir suas possibilidades de alteração mútua) (MORIN, 2004,p.558).

Desse modo, ao trabalhar determinado tema de forma unificada, os alunos passam a vê-lo como algo importante a ser aprendido, obtêm mais conhecimentos para debater sobre o assunto e, desse modo, são instigados a criar ações positivas e transformadoras.

Morin (2004) menciona uma metáfora que requer uma análise dentro do contexto de que tudo está interligado: para reconhecemos a Terra, é preciso reconhecer todas as diversas partes que a compõe e, mais, é preciso religar essas partes para entender o todo. Assim, “Para compreender a Terra, é preciso passar das partes ao todo”. Vale refletir essa metáfora e criar outra para exemplificar o anseio de refletir a mudança da prática pedagógica do século XXI: “Se uma só voz, a do professor da área, pode gerar consciência crítica e mudança de postura no

sujeito, um coro teria uma ação ainda mais transformadora e eloquente no trabalho educacional”.

Segundo Bochniak (1998) o pensar interdisciplinar parte da premissa de que nenhuma forma de conhecimento é em si mesma racional. Utiliza o diálogo com outras formas de conhecimento, deixando-se interpenetrar-se por elas. Amplia por meio do diálogo o conhecimento científico, tendendo a uma dimensão, ainda que utópica, capaz de permitir o enriquecimento da nossa relação com o outro e com o mundo.

De modo geral, a interdisciplinaridade esforça os professores em integrar os conteúdos de história com os da geografia, os de química com os de biologia, ou mais do que isso, em integrar com certo entusiasmo no início do empreendimento, os programas de todas as disciplinas e atividades que compõem o currículo de determinado nível de ensino, constando, porém, que, nessa perspectiva não conseguem avançar muito mais. (BOCHNIAK,1998, p.21).

O trabalho interdisciplinar não tem como objetivo criar uma nova disciplina, tampouco fazer com que uma tenha mais importância do que a outra. Seu objetivo principal é utilizar o conhecimento de várias disciplinas como estratégia de ensino para alunos com características particulares no século XXI.

Segundo os Parâmetros Curriculares:

[...] É importante enfatizar que a interdisciplinaridade supõe um eixo integrador, que pode ser o objeto de conhecimento, um projeto investigação, um plano de intervenção. Nesse sentido ela deve partir da necessidade sentida pelas escolas, professores e alunos de explicar, compreender, intervir, mudar, prever, algo que desafia uma disciplina isolada e atrai a atenção de mais de um olhar, talvez vários. Explicação, compreensão, intervenção são processos que requerem um conhecimento que vai além da descrição da realidade mobiliza competências cognitivas para deduzir, tirar inferências ou fazer previsões a partir do fato observado. (Parâmetros Curriculares Nacionais – Ensino Médio. Brasília: MEC,2002, p.88 e 89).

Assim, o sistema educacional não deve ser separado por saberes de conhecimentos ou conhecimentos fragmentados por disciplinas, sem comunicação ou diálogo. É preciso ensinar os alunos a relacionar, a cooperar e a fazer os assuntos se comuniquem, cabendo aos professores validar essa ligação de conhecimentos tão complexas.

No século XVI, vive-se a era midiática, na qual uma gama de informações é projetada todos os dias por diferentes meios de comunicação: religião, economia,

política, étnica, demográfica, etc. É difícil compreender de forma analítica cada assunto, sem compreender o modo global. Da mesma forma, a educação não pode ser “fatiada”, esse paradigma na educação precisa ser quebrado, isto é, o de que primeiro fatia-se e, depois, se junta.

Cabe aos professores, responsáveis pela mediação da educação, entender a complexidade de suas disciplinas e gerar conhecimentos coletivos, pertinentes aos alunos. O conhecimento pertinente é aquele capaz de analisar um assunto de modo global. Nesse sentido, cada disciplina isolada é importante para que o conhecimento global seja formado, contudo, utilizar somente a disciplina isolada “atrofia a aptidão global da mente” (Morin, 2004).

O trabalho interdisciplinar gera ganhos significativos para todos os envolvidos: os professores, por terem a oportunidade de trabalhar em equipe e repensar sua prática docente; os alunos, por terem a oportunidade de integrar as diversas disciplinas em um saber compartilhado e, conseqüentemente, a escola, se tornará espaço de diálogo e promoção do saber globalizante.

Morin, em seus estudos sobre a complexidade do conhecimento, vai além da interdisciplinaridade, na qual as disciplinas colaboram entre si para a promoção de um projeto. Ele mencionou a transdisciplinaridade, que consiste em um modo de pensar organizado, que tem a capacidade de ultrapassar as disciplinas e encontrar nelas uma unidade de conhecimento.

Convém esclarecer que o propósito não é a extinção das disciplinas, mas sim a possibilidade de ir além do engessamento que a disciplina pode trazer ao professor. Um exemplo bem simples seria quando um aluno, na aula de Matemática, pergunta algo sobre gramática, e o professor, mesmo tendo esse conhecimento, se limita a não responder, pois não faz parte da sua competência acadêmica. Esse exemplo é bem claro quando se fala de educação compartimentada e não sistêmica.

No mundo global deste século, tudo se entrecruza, ninguém está mais sozinho, engessado em sua disciplina e focado apenas nos próprios resultados. Assim, é preciso alinhar-se com os outros para provocar os alunos ao ensino e à aprendizagem.

Na proposta desta pesquisa, a professora Maluquinha, personagem ficção, criada para ensinar gramática de forma mais criativa, tenta atuar, por meio da intermediação, com professores x alunos esse processo de interdisciplinaridade. A conquista de um ambiente mais favorável para trabalhar diversos saberes também deve ser considerada. Os alunos, apesar de construírem uma geração líquida e espetacularizada em sua jornada estudantil, ainda estão em processo de criar essas conexões entre disciplinas.

Com relação aos professores, eles têm dificuldades para se interligar. Contudo, por meio do espetáculo e do show, com a garantia da afetividade e a ligação entre o personagem e os alunos, essa proposta é simplificada, bem como possibilita que todos consigam criar modelos de aprendizagem significativa.

Tudo está conectado: as metodologias ativas estimulam o aluno como centro do processo de ensino-aprendizagem; os professores atuam como mediadores e problematizadores de contextos, no quais os alunos sentem-se desafiados para aprender, a personagem ficção cria um ambiente show para aprendizagem, em que os alunos, por meio do irreal, são enlaçados pelo o chamamento da aprendizagem. Conseqüentemente, esse manifesto arrebatador consegue estimular outros professores a participar de forma criativa do processo de ensino-aprendizagem por meio da interdisciplinaridade, dando sentido aos estudos mediados. Observa-se essa ação do personagem ficção em Paula Sibília:

[...] a figura do artista, como um ser especial, com uma forte marca individual que o distingue – um eu triunfal –, quanto os objetos por ele criados, ou sequer aqueles que ele toca com suas mãos ou que alguma vez tenham passado perto da sua aura, todos se tornam subitamente auráticos graças a uma operação metonímica de transferência de valores. [...] Tudo isto deve ser fruto, também, d dilatação do conceito de arte ocorrida ao longo do século XX. (SIBÍLIA, 2008. p 164)

O personagem ficção criado apenas para ensinar gramática e desenvolver a afetividade dos alunos vai além; o personagem cria vida real para a geração espetacularizada, ansiosa pelo show das imagens e irrealidades. Esse show emana uma força direcionada para a educação, como se tivesse o poder de levar os alunos a qualquer parte, pois eles já foram enfeitiçados pelo mundo das imagens e do espetáculo.

Esse poder transmissor e arrebatador de expectadores, pelo qual a personagem se apropria da ficção, consegue estimular os alunos em diversos trabalhos, além da disciplina de Língua Portuguesa. Essa área contagiante, que mistura show, espetáculo, encenação, imagem, excentricidade, estimula o ambiente escolar e propõe novas formas de trabalho e coletividade.

Além disso, o trabalho com projetos que engloba diversas disciplinas e unifica os saberes faz com que os alunos compreendam melhor determinados conteúdos e os correlacionem. Vale ressaltar que a interdisciplinaridade é outra forma de atuar da personagem ficção, que prima por envolver os jovens aprendizes em outros projetos, que estão além dos livros de Língua Portuguesa, ou melhor, não estão, pois os saberes estão interligados!

Paula Sibília (2008) destaca bem essa característica da sociedade espetacular citada e o como ela se deixa levar pela imagem e ficção:

Já não precisa fazer mais nada com as suas mãos. Basta apenas que ele emane uma boa dose de excentricidade palatável, e que obtenha a porção necessária de visibilidade para impor e vender certa imagem - ou um conceito. Sob essas novas regras do jogo, será a fulgurante personalidade do artista que emprestará sentido à obra, e não o contrário. (SIBÍLIA, 2008, p.170)

Nessa perspectiva, o personagem detém um poder sobre seus “expectadores”, é capaz de emoldurá-los em qualquer espaço de aprendizagem, dando sentido a diversos trabalhos e não só aos de Língua Portuguesa. O envolvimento com a ficção aprisiona o aluno e ele se entrega às diversas complexidades do conhecimento, por consequência, o trabalho interdisciplinar adquire bases sólidas para acontecer, pois foi intermediado por meio da afetividade e da proximidade com os alunos.

## 2.4 APAREÇO, LOGO EXISTO – A METODOLOGIA NA PRÁTICA

“Criar para sobreviver em espaços de ruínas”

Leonora Werfuck

Inicialmente, a professora regente, com seu personagem ficção, utilizou a música como recurso pedagógico para ensinar gramática de forma mais interativa e

dinâmica. A classe gramatical dos pronomes foi transformada em paródias ou ganhou uma roupagem musical para ser ensinada. O universo fictício transformou todos em personagens: alunos em plateia, professora em cantora e gramática em música, coreografada e encenada pela professora regente. Cada classificação de pronome recebeu uma musicalidade diferente, de forma a envolver o aluno, em diversos estilos. No apêndice F é possível ouvir as músicas sendo cantadas pelos alunos, por meio do QR-code, e visualizar como a aula foi conduzida.

- Pronomes pessoais do caso reto

Essa é a nova dança que eu vou te ensinar...

Eu, tu, ele, nós, vós, eles, vem, vamos dançar..(2x)

- Pronomes Oblíquos

Pronomes oblíquos nós vamos aprender: Me,mim,me, mim comigo( 2x)

Pronomes oblíquos nós vamos aprender: te,ti, te, ti contigo (2x)

Pronomes oblíquos nós vamos aprender: nos, conosco, vos convosco (2x)

Pronomes oblíquos nós vamos aprender: o,a, lhe, (2x)

- Pronomes demonstrativos

Samba Lelê tá doente, tá com a cabeça quebrada, Samba Lelê precisava é de uma boa estudada:

Este, esta, estes, estas, isto

Esse, essa, esses, essas, isso

Aquele, aquela, aqueles, aquelas, aquilo ( 2x)

- Pronomes Possessivos

POS-SE-SI-VO

Meu, minha, meus minhas,

Teu, tua, teus, tuas

POS-SE-SI-VO

Nosso, nossa, nossos, nossas,

Vosso, vossa, vossos, vossas

## POS-SE-SI-VO

- Pronomes interrogativos

Que, qual, quanto, como, porque?

Que?

Qual?

Quanto?

Como?

Porque?

Que, qual, quanto, como, porque?(2x)

Todo este transformismo promoveu mudanças na rotina da professora regente, na qual criar e recriar tornaram-se ações comuns. Não era mais possível voltar a ser uma professora tradicional e linear em seu processo de ensino. Era cada vez mais perceptível e necessário transformar o modelo tradicional em algo mais prazeroso e interessante para a geração atual de seus alunos.

A personagem ficção, Professora Maluquinha, originada das observações e inquietações da professora regente, a qual, motivada pelo desejo de invocar seus alunos a uma aprendizagem mais divertida e inusitada, transcendeu seu controle e foi além das músicas.

Suas características irreverentes, caricatas e exageradas “contaminaram” os alunos, criando um elo de afetividade, confiança, admiração e carinho. Os estudos dirigidos pela professora tornaram-se mais dinâmicos e espontâneos e novas formas de ensinar a gramática foram repensadas e postas em prática, tudo dentro de um universo de fantasia e imaginação e, às vezes, com uma pitada de ambiguidade para animá-los.

Ensinar a classificação dos substantivos foi além de nomeá-los e explicar suas características principais. Eles se transformaram em um grande reino de palavras, cujas palavras viviam soltas e em eternas discussões. Contudo, um grande mágico apareceu e resolveu dividi-las de acordo com suas características e, a partir daí, cada uma foi viver em seu reino, podendo visitar outros reinos que não fossem inimigos...

**“Cuidado com algumas palavras do reino dos compostos, elas possuem espãs, que se parecem com palavras do reino simples!”** (trecho da história, contada pela Professora Maluquinha).

“O espetáculo surge devido ao fato do homem moderno ser demasiado espectador”, (Derbord, 2003). Assim, na história dos substantivos, é possível observar os elementos fantasiosos e ficcionais que tornam os alunos expectadores da aula-show da professora regente, demonstrando como o espetáculo é capaz de atrair essa geração líquida.

Com essa postura, ao ensinar os verbos, a simples ação virava pulos, correria e danças na sala de aula. Para que os alunos compreendessem qual a pessoa verbal e a quem o verbo se referia ela havia um quadrado mágico, que anteposto ao verbo informava qual era a pessoa.

**“Mete o quadrado”** (alusão ao quadrado mágico, fala da Professora Maluquinha).

Acompanhado de um enorme quadrado anteposto ao verbo soavam as risadas e a malícia dos alunos em referência ao verbo meter!

Para identificar o modo verbal dos verbos, a brincadeira “morto e vivo” foi adaptada, mas agora com três modalidades: Indicativo, imperativo e afirmativo.

Desse modo, quando o verbo estava no modo indicativo, os alunos deviam ficar de pé e fazer o sinal do “jóia”, pois esse modo indica a certeza; para o modo subjuntivo, deviam ficar meio abaixados, tipo flexão, e fazer o sinal de dúvida com os ombros e braços; para indicar o modo imperativo, deviam se abaixar de cócoras e apontar o dedo em sinal de comando e ordem. A irreverência e a simplicidade nas ideias criavam uma atmosfera de alegria, e a brincadeira favorecia a aprendizagem.

O brincar está sendo cada vez mais utilizado na educação construindo-se numa peça importantíssima nos domínios da inteligência, na evolução do pensamento e de todas as funções superiores, transformando-se num meio viável para a construção do conhecimento. (SANTOS, 1999, p.115).

Como corrobora Santos, brincando, as crianças aprendem e ainda se sentem motivadas com a aula, pois o ambiente é transformado pela alegria e pela irreverência. Contudo, convém mencionar que as aulas não eram frequentemente direcionadas ao personagem ou as suas ações. A professora também demonstrava autoridade diante das situações de indisciplina e falta de compromisso na execução



das tarefas. Era perceptível também o laço afetivo entre ela e seus alunos, o qual a auxiliava em seu trabalho, pois muitas vezes os próprios alunos solicitavam a atenção dos demais durante a explicação e a explanação dos conteúdos. O ambiente da sala de aula, normalmente conflituoso, ficou mais “leve”, contribuindo para a aprendizagem.

Ao continuar trabalhando os conteúdos na perspectiva da Professora Maluquinha, da interdisciplinaridade, para ensinar as orações subordinadas substantivas foram criadas fórmulas matemáticas e isso facilitou identificá-las:

Oração subordinada substantiva objetiva direta: verbo (aceita perguntar o que) + que ou se + complemento do verbo (restante da frase).

Oração subordinada substantiva objetiva indireta: verbo + preposição + que ou se + complemento do verbo (restante da frase).

Oração subordinada substantiva objetiva subjetiva: É necessário, é possível, é importante + que ou se + sujeito (restante da frase).

Oração subordinada substantiva objetiva apositiva: verbo + que ou se + : (dois pontos).

Oração subordinada substantiva objetiva predicativa: verbo de ligação + que ou se + restante da frase.

Oração subordinada substantiva completiva nominal: substantivo abstrato + que ou se + complemento da frase.

É importante ressaltar que as fórmulas criadas têm como base as observações feitas pela professora regente, e elas somente eram divulgadas para os alunos após todas as explicações de cada parte da sintaxe que envolve as orações subordinadas substantivas. Foram utilizadas como complementos e facilitadoras da aprendizagem.

Ao explicar os conteúdos, a criatividade adquiriu extrema importância porque para os alunos aprenderem foi preciso criar novas estratégias de ensino. Pesquisas também fundamentaram algumas de suas criações ou mesmo memórias da sua época de estudante. Por exemplo, ao ensinar os pronomes oblíquos átonos, a professora “apropriou-se” de uma fórmula que aprendeu em seu tempo de escola:

**Me te se lhe nos vos se** (os pronomes eram lidos da seguinte forma para destacar a ambiguidade: mete-se o lhe nos vos se).

Essa maneira de ensinar foi acompanhada por muitas risadas dos alunos, que repetiam em coro os pronomes e não se esqueciam deles na aplicação de diversos conteúdos.

Assim, a personagem ficção transcendeu sua irrealdade e se tornou parte das aulas e dos métodos de trabalho da professora. Nesse sentido, segundo Paula Sibília (2008), “Essa nova geração espetacularizada valoriza o espetáculo em si, a obra às vezes pouco importa”, no caso da professora ficção, o que destacava era a forma de abordar o conteúdo, criando um protagonismo do ato de ensinar.

Paula Sibília (2008) exemplifica bem essa geração do espetáculo:

A enorme engrenagem que hoje comanda a indústria cultural e, acima de tudo, uma máquina de mostrar que já faz longo tempo é mais poderosa que qualquer outra obra individual a ser exposta. Esse gigantesco mecanismo de fabricação de exposições e festivais, com seu combustível mercantil e suas turbinas midiáticas, tornou-se autônomo: agora funciona por si só e precisa de alimentação constante, embora pouco importe quais são os nutrientes que lhes são ministrados a cada temporada. O que interessa é tornar visível \_\_ e, sobretudo, tornar-se visível. (SIBÍLIA, 2008. p.158).

Ao contextualizar a fala de Paula Sibília e os métodos da personagem ficção é possível perceber que essa geração valorizadora do espetáculo é ávida por novidades e métodos variados, pois a mesmice, a rotina e as formas engessadas de ensinar não mais atraem ou chamam suas atenções. Eles precisam se “alimentar” de inovações; o engessamento de algo faz com que percam o interesse e a vontade de aprender, bem como implica na falta de concentração e motivação na aula.

É importante destacar a última fala do trecho citado, “O que interessa é tornar-se visível”, para caracterizar a estratégia utilizada pela personagem; a visibilidade constante, a irreverência e a criatividade faz com que ela esteja sempre visível aos olhos de seus expectadores e, por meio dessa visibilidade, a professora se conecta aos seus alunos e consolida o vínculo para efetivar o ensino e a aprendizagem.

Além disso, mesmo diante de outros conteúdos da gramática, mesmo sem repertório musical, ela foi solicitada como forma de fuga da realidade tradicional para a diversão do show, do movimento e do caricato.

O engajamento na criação de um personagem foi uma estratégia pedagógica para conseguir transmitir os conteúdos curriculares exigidos pela grade curricular. O

sucesso pode ser atribuído ao aparecimento contínuo desse personagem, que trazia consigo novas habilidades e ações. Foi preciso, então, aparecer cada vez mais para nutrir esses expectadores, como menciona Paula Sibília (2008), “Cada vez mais é preciso aparecer”, e quanto mais criações eram elaboradas e visibilizadas, mais espetacular a personagem tornava-se e mais “seguida” era.

O trabalho com projetos envolvendo criações gigantescas colocavam em evidência os alunos, os quais também se transportavam para a irrealidade da fama e do espetáculo. Tudo era feito para ser visto e admirado, tanto pelos alunos quanto pelos seus pais.

Nessa realidade, o espetáculo impulsionava a geração líquida a criar, pois ela queria aparecer. Com essa gênese do espetáculo, surgiram performances, show de teatro, danças, apresentações musicais, tudo o que envolvia movimento e fazer artístico. E, na premissa de aparecer, tudo era fotografado ou filmado e postado nas redes sociais, como troféu ou contemplação do espetáculo criado no ambiente escolar.

Entretanto, ainda não é possível afirmar até que ponto essa relação da educação com o espetáculo pode ser positiva, mas ela foi uma ferramenta para captar os alunos da geração da tecnologia, da internet. Todavia, é possível analisar dentro de outra visão a respeito do que a educação tem se transformado, ou até que ponto os professores precisam ir para atrair os alunos e motivá-los a aprender.

Ao fazer uma comparação entre os alunos atuais e os alunos de 30 anos atrás, observa-se diversas e inúmeras mudanças. Os alunos de antigamente não precisavam ser agradados pelos professores para aprender, não havia a preocupação com a afetividade e com a motivação educacional. A escola existia para quem quisesse ou pudesse frequentá-la. O professor, detentor do saber, estava naquele ambiente para ensinar e ensinar da forma que lhe convinha, cabendo aos alunos prestar atenção, ouvir com cuidado, poucas vezes questionar, ou quase nunca, e procurar entender.

Não havia a preocupação de tentar ser diferente, ou melhor, o professor não precisava se reinventar, se recriar, para que os alunos pudessem aprender. Pode-se, inclusive, afirmar que os professores não precisavam se submeter a espetáculos didáticos para obter a atenção dos alunos para os estudos, ele se posicionava de

forma vertical, colocando-se no centro, hierarquicamente superior, e aos alunos competia a inferioridade e a aceitação do que estava sendo trabalhado.

No século XXI, essa geração espetacularizada e diversa não atende a esses padrões tradicionais de educação, é preciso recriar as formas de trabalho educativo, romper com paradigmas tradicionais e preconceitos, que colocam o sistema educacional em julgamento. Desse modo, para desenvolver um trabalho condizente com a realidade atual dessa geração e se tornar professores inesquecíveis, responsáveis pela educação e pela formação cidadã de seus alunos, é preciso fazer diferente, e a criatividade ou o estímulo dela pode ser uma ferramenta eficaz para a educação do século XXI.

Nesse sentido, conforme menciona Morin:

A educação deve favorecer a aptidão natural da mente em formular e resolver problemas essenciais e, de forma correlata, estimular o uso total da inteligência geral. Este uso total pede o livre exercício da curiosidade, a faculdade mais expandida e a mais viva durante a infância e a adolescência, que com frequência a instrução extingue e que, ao contrário se trata de estimular ou, caso esteja adormecida, de despertar. (MORIN, 2000, p. 39).

A prática pedagógica deve ser utilizada para despertar os alunos e estimulá-los à aprendizagem ativa, seja por meio da curiosidade, do espetáculo e do show, das ferramentas pedagógicas, da música, dos projetos, da história, ou, simplesmente, da afetividade. Urge fazer diferente e ser um professor diferente para ser ouvido e para conseguir alcançar os objetivos docentes com mais competência e eficiência.

A Professora Maluquinha precisou existir para que pudesse sobreviver nos espaços em ruínas que as escolas se tornaram. Foi preciso criar para sobreviver e aparecer no mundo tomado pela mídia e pelos computadores. Foi preciso transformar a sala de aula em um palco, a aula em show, o pincel em microfone, e a gramática em música para despertar os alunos para a aprendizagem. Foi preciso pensar para existir!

Assim, após analisar todos esses pesquisadores e teóricos da educação, os referenciais teóricos de destaque deste trabalho, entre eles, Guy Debord (2003), Paula Sibília (2008), Alexandre Gobbo (2013) e Edgar Morin (2004), com certeza, suas contribuições científicas têm muito a enriquecer e nortear o trabalho a ser desenvolvido.

### 3 METODOLOGIA

Esta pesquisa utiliza como metodologia o modelo autoetnográfico, no qual o pesquisador, ao observar o objeto de pesquisa, coloca-se como parte integrante da sua observação, dividindo-se em sujeito de pesquisa e pesquisador.

A metodologia autoetnográfica consiste na construção de um relato sobre um grupo a partir de si mesmo ou de suas observações. Pode-se dizer que o pesquisador analisará sua forma de trabalho com criticidade e detalhamento, a fim de construir cientificamente sua metodologia. Segundo Santos:

[...] podemos dizer que a autoetnografia é um método que se sustenta e se equilibra em um modelo triádico baseado em três orientações: a primeira seria uma orientação metodológica – cuja base é etnográfica e analítica; a segunda, por uma orientação cultural – cuja base é a interpretação: a) dos fatores vividos (a partir da memória), b) do aspecto relacional entre o pesquisador e os sujeitos (e objetos) da pesquisa e c) dos fenômenos sociais investigados; e por último, a orientação do conteúdo – cuja base é a autobiografia aliada a um caráter reflexivo. (SANTOS, 2017, p.218).

O modelo autoetnográfico reconhece a inclusão e a experiência vivida pelo pesquisador como fonte de sua pesquisa. Durante todo o seu desenvolvimento é levado em consideração seus relatos bibliográficos, sua memória afetiva, sua história de vida e todos os fatos que se correlacionam no decorrer da investigação. Com isso, o que se destaca nesse método é a importância da narrativa pessoal e da experiência do autor da pesquisa, o fato de o autor pensar criticamente sua relação com o tema pesquisado e se observar com um olhar científico, buscando em seu “eu” respostas para seus questionamentos científicos, tema da pesquisa.

Esse método também contém posicionamentos contrários referentes à sua eficácia e segurança, que serão citados, pois debates e criticidades tornam-se positivos para o crescimento do pesquisador e da sua obra, bem como uma preocupação ainda maior em torná-la verossímil e aplicável. Contudo, Delamont (2007) considera um entrave o enfoque autoetnográfico e destaca algumas objeções, importantes de se sintetizar, conforme aponta o pesquisador Benetti:

(1) a influência negativa determinada pela proximidade do pesquisador com os dados; (2) a falta de ética decorrente da identificação de outros indivíduos envolvidos (como consequência do sistema de investigação); (3) o caráter experiencial que acaba por carecer de resultados analíticos; (4) a centralização do olhar sociológico sobre o “poderoso” e não sobre o “impotente”; (5) a fuga ao dever de coletar dados; e (6) a importância do investigador como objeto de descrição para fundamentar artigos, como base

para o ensino, e para constituir-se a si próprio como um objeto da sociologia. (2007, apud BENETTI, 2017, p. 153).

Benetti (2017), ao analisar cada ponto negativo destacado por Delamont (2007), contribui e ressalta os pontos positivos da utilização da pesquisa autoetnográfica:

(1) a proximidade do investigador com os dados pode permitir o acesso a informações antes ocultas ou imperceptíveis sobre o sujeito da ação; (2) a ética da pesquisa pode ser mantida através da adaptação da metodologia em favor da preservação de identidades de acordo com a natureza e as possibilidades específicas de cada investigação; (3) o caráter experiencial da autoetnografia permite uma visão profunda sobre o fenômeno envolvido; (4) o pesquisador/objeto de estudo representa (e deve representar) uma amostra fidedigna individual sobre o evento; (5) no caso da autoetnografia, os dados coletados representam a própria experiência do pesquisador, e são válidos pela pertinência da inclusão do mesmo como objeto de estudo; e (6) o pesquisador é pertinente como objeto de investigação na medida em que neste enquadramento não atua como pesquisador, mas como elemento de ação sobre o fenômeno. (BENETTI, 2017, p.155).

Há diferentes posicionamentos a respeito dessa metodologia, mas nada que possa desqualificar seu modelo, pelo contrário, todas essas discussões fazem com que o método torne-se fonte de reflexões entre os pesquisadores. Apesar das críticas sobre o modelo autoetnográfico e sua veracidade no que tange a seus elementos pesquisados convém destacar que esse tipo de pesquisa não pretende fornecer respostas a todos os questionamentos intelectuais. Pretende sim se apresentar como método capaz de representar a experiência do autor-pesquisador e compreender sua relação com os sujeitos pesquisados e suas memórias pessoais. Anderson Lenon destaca uma característica central da autoetnografia:

[...] o pesquisador é um ator social altamente visível dentro do texto escrito". Os próprios sentimentos e experiências do pesquisador são incorporados à história e considerados como "dados vitais" para a compreensão do mundo social que está sendo observado. (ANDERSON, 2006, p.384).

Esta pesquisa, portanto, emana das experiências do autor, que na busca incessante por repostas para suas inquietações lançou-se no campo científico para compreender melhor suas práticas pedagógicas e as dos demais sujeitos que o cercam. Nesse caso, esta pesquisa pauta-se no processo criacional da professora regente, que, em busca de soluções para motivar e transformar suas aulas em algo atrativo, criou um personagem ficção, que se apresentou como real aos seus alunos,

sujeitos integrantes da pesquisa. Nessa perspectiva, Anderson Lenon tem ainda mais a colaborar:

Numa abordagem mais profunda, esse processo envolve uma consciência da influência recíproca entre etnógrafos, suas configurações e informantes. Implica uma introspecção autoconsciente guiada por um desejo de entender melhor tanto o 'Eu' e os 'Outros' através do exame de suas ações e percepções em referência ao e no diálogo com os outros. (ANDERSON, 2006, p. 382).

Com a influência de sua prática docente e sua percepção acerca dos alunos do século XXI, que se mostram apáticos diante do processo de ensino-aprendizagem, bem como em uma observação mais ampla, das demais disciplinas, surgiu a necessidade de criar estratégias para convocar seus alunos para uma aprendizagem ativa, capaz de colocá-los como centro da aprendizagem. Nesse sentido, a influência dentro do método autoetnográfico mostra que a pesquisa em si contém elementos de um trabalho desenvolvido durante anos e que se consagrou com resultados pertinentes propícios para serem analisados com um olhar científico.

É importante destacar que a opção pelo método autoetnográfico para pautar esta pesquisa traz consigo uma série de desafios, pois existe a preocupação de desenvolver e utilizar ferramentas de pesquisa adequadas para fornecer dados pertinentes à cientificidade, e não apenas permanecer no campo autobiográfico.

Anderson Lenon destaca algumas características importantes dos pesquisadores conceituados como autoetnógrafos:

(1) um participante mais analítico e consciente na conversação do que um membro típico do grupo, que raramente pode fornecer uma orientação particularmente abstrata e introspectiva para a conversação e as atividades; (2) introspecção autoconsciente guiada por um desejo de melhor entender a si próprio e aos outros através do exame das ações e percepções de si próprio em referência e diálogo com as dos outros; (3) são incorporados na história e considerados um dado fundamental para o entendimento do mundo social observado; (4) Diálogo informativo: necessidade do pesquisador em dialogar com os dados ou com outras fontes informativas para que este relacionamento contribua para a transformação do conhecimento sobre a matéria; (5) usar dados empíricos para conseguir compreender um leque de fenômenos sociais mais alargado do que aquele fornecido pelos próprios dados (ANDERSON, 2006, p. 382).

Diante do exposto é possível perceber que o fato de o objeto de pesquisa entrelaçar-se com o pesquisador tornando-o objeto investigado, não faz de sua pesquisa um modelo sem responsabilidade e idoneidade. Pelo contrário, o pesquisador precisa demonstrar ainda mais responsabilidade e comprometimento

com seu trabalho, a fim de obter resultados verossímeis, capaz de gerar reflexões e posicionamentos científicos acerca do objeto que se propôs a investigar. Segundo Anderson, a principal característica da autoetnografia é:

A qualidade acrescida de não somente representar verdadeiramente o mundo social em investigação, mas também de transcender esse mundo através de uma generalização mais ampla (ANDERSON, 2006, p.388 tradução nossa).

Assim, o fundamento está na inspiração e na curiosidade para investigar todos os envolvidos no show espetacular da Professora Maluquinha. O propósito é aprofundar os estudos e conhecer ainda mais a prática pedagógica da professora regente, bem como compreender como os métodos aplicados na sala de aula, com sua personagem ficção puderam, de fato, tornar-se uma ferramenta pedagógica, capaz de gerar resultados significativos no processo de ensino aprendizagem. Imbricados nesta proposta, o olhar reveste-se de mais atenção visando identificar todos os fatos que envolvem a professora ficção e sua relação com os alunos. Fotos dos trabalhos realizados, depoimentos dos alunos, sensações e emoções durante as aulas da professora ficção serão considerados para construir os resultados e também seus relatos de memória no que diz respeito ao nível de afetividade, à participação e à colaboração dos alunos durante as aulas.

Conforme corrobora Fortin:

Os dados etnográficos fornecem as chaves do mundo representado ou vivido pelo artista. Eles não fazem como as imagens e os símbolos dados a experimentar fora da tomada de contato com a produção artística, mas pela consignação dos detalhes da prática, os quais, relatados e examinados minuciosamente, desencadeiam o jogo da visão interior e confirmam ao leitor uma compreensão baseada sobre a experiência de pesquisador em presença íntima com a coisa a ser compreendida. A construção dos saberes no estudo da prática necessita observar o que é feito, escutar atentamente o que é dito e passar a uma escrita a partir dos modos perceptivos. (FORTIN, 2009, p.10).

É importante utilizar vários elementos para configurar a pesquisa e comprovar que a espetacularização pode se tornar uma ferramenta pedagógica, capaz de conectar os alunos do século XXI aos seus educadores.

### **Conhecendo o ambiente da pesquisa**

A pesquisa autoetnográfica será desenvolvida na instituição Educacional Menino Jesus de Praga EIRELI, CNPJ nº 28.540.789/0001-92, nome fantasia



Colégio Panorâmico, instituição privada de ensino situada na Rua São João, 536, em Cariacica – Sede, CEP.: 29.156-070, Tel.: 3254-1624, E-mail:colegiopanoramico@gmail.com. A opção por essa instituição foi pelo fato de a pesquisadora exercer, há 10 anos, a função de professora de Língua Portuguesa, no qual iniciou o processo de criação e desenvolvimento da personagem ficção. Os alunos, sujeitos ativos da pesquisa, também foram os pioneiros no encontro com a personagem e auxiliaram seu processo de construção, incentivando suas apresentações, bem como a batizando com o nome de Professora Maluquinha.

O Colégio Panorâmico foi fundado em 16 de junho de 1981. No processo de regularização da escola, muitas foram as pessoas que contribuíram na organização e no encaminhamento de diversos documentos, comprometendo-se com suas assinaturas para que essa instituição fosse autorizada. A solidariedade, o apoio e o incentivo lhes deram confiança e segurança.

Com o passar do tempo, por considerarem o nome Escola Menino Jesus de Praga grande e infantil, em um consenso, pais, alunos e professores escolheram o nome Colégio Panorâmico. Essa denominação, seu nome fantasia, foi dada devido à bela visão que se tem de um conjunto de montanhas, em que se destaca o morro do Moxuara, com seus 724 metros de puro granito.

O Colégio Panorâmico foi autorizado a ministrar a Educação Infantil pela Resolução CEE nº 63/84; de 1ª a 4ª série, Resolução CEE nº 03/85; de 5ª a 8ª série, Resolução CEE nº 76/00 e reconhecida pela Resolução CEE nº 179/99. É mantida por entidade privada instalada em prédio alugado, construída de alvenaria, piso e madeira.

A instituição localiza-se em zona urbana, na cidade de Cariacica–Sede, e atende em tempo parcial a 263 alunos, entre os dois turnos. É uma escola de porte médio, com dez salas, cozinha, banheiro para funcionários, banheiro separados para os alunos, sendo feminino e masculino, um parquinho com brinquedos, refeitório, almoxarifado e uma quadra coberta.

A escola oferece à comunidade ensino de Educação Infantil (2 a 5 anos), e Ensino Fundamental I e II, do 1º ao 9º ano. Os alunos residem em bairros adjacentes, vêm de escolas estaduais, municipais e particulares, e o deslocamento discente diário é por meio de transporte escolar, de carro particular, de bicicleta e a

pé, sendo que a maioria reside nas proximidades da instituição. A relação dos alunos com os professores e toda a equipe que trabalha na escola é respeitosa e solidária. Em geral, os alunos estão dentro da faixa etária que compreende seu nível de ensino. Os funcionários consideram os alunos educados e solidários. É considerada pela crítica e pela preferência dos pais e alunos como uma escola de excelente nível, que trabalha de forma séria e comprometida com a qualidade do ensino.

### **Professores e funcionários**

A escola tem 20 professores, todos com formação na área educacional e pós-graduados; dois pedagogos, com formação em Pedagogia e pós-graduados, uma diretora, também com formação em Pedagogia. Além desses colaboradores, tem em seu quadro uma secretária com ensino médio completo e curso de Secretaria, duas estagiárias que estão cursando Pedagogia e dois serventes que cuidam da zeladoria da escola.

Os professores que atuam na instituição têm um tempo considerável na área educacional e na escola. Alguns professores trabalham na escola desde sua formação universitária, totalizando 20 anos de docência nesse ambiente.

A equipe mantém uma boa relação de amizade e comprometimento com a escola, mostram-se motivados ao trabalho e aos desafios propostos pelos pedagogos. É perceptível o amor que todos demonstram pela escola e pelos alunos. Os funcionários, em geral, se esforçam bastante para se comprometer com o sucesso da escola, na busca de novos alunos e para manter o status de excelência da escola na comunidade. A preocupação com os alunos e o contato com os pais é bem próximo, o que gera confiança e segurança para as famílias que optam pela escola.

Desde a secretaria, portão de entrada da escola, até o pessoal responsável pela limpeza, existe um comprometimento e cuidado com os alunos. A parte pedagógica possui um olhar atento aos professores e aos alunos, auxiliando-os no desenvolvimento de seus trabalhos e colaborando para a aprendizagem dos alunos. O contato com os pais também é feito de maneira diferenciada, há interação entre a equipe e a família, demonstrando que o aluno não é apenas um número na pauta, mas um ser em desenvolvimento socioemocional.

Diante do exposto e fundamentado por todos esses dados, teóricos e metodológicos, o trabalho prosseguirá visando corroborar a apresentação dos resultados e a proposta de solução do problema norteador desta dissertação.

#### 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A criação da personagem ficção foi uma estratégia usada pela professora regente que, ao se deparar com alunos muitas vezes desmotivados com o ensino da Língua Portuguesa, em especial da gramática normativa, necessitava de um modelo de ensino que os motivassem e os fidelizassem nos estudos. O conteúdo curricular exigido atualmente nas escolas, em especial, em que a professora lecionava, ainda é um currículo de ensino tradicional e normativo, no qual a gramática padrão é exigida em sua totalidade de conhecimento e execução.

Muitos estudos, hoje, apontam que o ensino da gramática tradicional deve ser repensado nas escolas porque deprecia a forma de falar dos falantes de língua portuguesa em relação a outros grupos sociais, gerando um preconceito linguístico.

Segundo Possenti (1996):

A tese de natureza político-cultural diz basicamente que é uma violência, ou uma injustiça, impor a um grupo social os valores de outro grupo. Ela valeria tanto para guiar as relações entre brancos e índios quanto para guiar as relações entre \_\_ para simplificar um pouco\_\_ pobres e ricos, privilegiados e “descamisados”. Dado que a chamada língua padrão é de fato um dialeto dos grupos sociais mais favorecidos, tornar seu ensino obrigatório para os grupos sociais menos favorecidos, como se fosse o único dialeto válido, seria uma violência cultural. (POSSENTI, 1996, p.18).

Conforme afirma Possenti (1996), não se deve impor a língua padrão de uma determinada classe social a todos os falantes da Língua Portuguesa ou mesmo afirmar que existe um falar certo ou errado, pois o Brasil tem uma diversidade latente, e a variação da Língua Portuguesa é uma característica dessa diversidade. No entanto, os professores de língua portuguesa devem ter a sensibilidade ou mesmo a sensatez de adaptar o currículo oficial, que parece ser engessado, em uma forma mais prática e significativa para o aluno. O ensino da gramática não precisa ser abolido dos currículos escolares, mas pode ser explorado de outra forma, de maneira que o aluno possa aprendê-lo, sem ter obrigação de decorar nomenclaturas, classificar frases, fazer análises sintáticas ou morfológicas, e ser reprovado por isso, caso não obtenha êxito.

O professor precisa se reinventar para ensinar gramática e não torná-la uma ferramenta de preconceito linguístico e de divisão de classes sociais. Possenti (1996) afirma que “A Língua Portuguesa é uma língua tão fácil que qualquer criança

que nasce no Brasil (e em alguns outros lugares) a aprende em dois ou três anos.”, ou seja, os alunos já possuem um conhecimento gramatical internalizado desde seu nascimento, não é necessário focar em nomenclaturas e regras gramaticais, mas no aprimoramento da língua, nas possibilidades que ela oferece e na variedade linguística.

[...] observa-se que a nossa sociedade tem uma longa tradição em considerar a variação numa escala valorativa, às vezes até moral, que leva a tachar os usos característicos de cada variedade como certos ou errados, aceitáveis ou inaceitáveis, pitorescos, cômicos, etc. Todavia se se acredita que e diferentes tipos de situação tem-se ou deve-se usar a língua de modos variados, não há por que, ao realizar as atividades de ensino/aprendizagem da língua materna, insistir no trabalho apenas com uma das variedades, a norma culta, discutindo apenas suas características e buscando apenas o seu domínio em detrimento das outras formas de uso da língua que podem ser mais adequadas a determinadas situações. (TRAVAGLIA,2006, p.41).

Como contribuição para a discussão sobre o ensino da gramática, Travaglia (2006) fala sobre a importância de o professor ensinar Língua Portuguesa não somente privilegiando o ensino da gramática normativa, mas abrangendo as variações linguísticas do idioma e suas diversas possibilidades, de acordo com situação e o ambiente em que o falante se encontra.

Nesse sentido, o importante é ensinar com práticas significativas: com leitura, interpretação, emoção, prazer, motivação. A aprendizagem com prática e com desejo ocorre de forma natural. A professora Maluquinha não surgiu para condicionar os alunos a uma aprendizagem tradicional da gramática normativa, mesmo porque ela é um personagem criado pela influência da mídia, da dinamização de uma geração líquida, que necessita de um ensino mais fluído e menos engessado.

Apesar de a professora regente, por meio de sua personagem ficção utilizar em suas aulas músicas com letras gramaticais, inventar histórias sobre as classes de palavras e criar fórmulas para ensinar os períodos compostos, não é possível afirmar que as aulas sejam totalmente pautadas no ensino padrão da gramática, pois elas descontrolam o ensino tradicional e recriam uma forma de trabalho, no qual desenvolver a competência comunicativa é o mais importante.

A angústia para ensinar gramática foi apenas uma ferramenta precursora de transformação na forma de ensinar, mas que, ao longo dos anos, tornou-se

secundária. A prioridade estava em conduzir uma aula atrativa, motivada e criativa, em que os alunos se tornaram sujeitos ativos do processo de ensino, cujo objetivo principal passou a ser a interação, a fidelização do ensino e o aprendizado.

A professora Maluquinha foi a base para a criação de diversas formas de trabalho na escola. A dinamização de uma educação mais divertida e interativa inspirou alunos a uma aprendizagem mais prazerosa e demais professores a repensar suas práticas e buscar recursos para despertar o aluno em seu processo de ensino. A criação desse personagem gerou diversas possibilidades e ganhou dimensões maiores do que apenas o ensino restrito da gramática, tais como projetos envolvendo a disciplina de Língua Portuguesa, o incentivo à leitura e à literatura, a interdisciplinaridade, as aulas de campo, os debates, entre outros.

A concretização do trabalho ficcional e envolvido entre a professora Maluquinha e seus alunos vai além das notas e evidências gramaticais em avaliações ou atividades fixativas, ele ultrapassa um ensino engessado e convoca os alunos para o saber ativo.

Para exemplificar, as imagens a seguir sobre os festivais de teatro realizados na escola retratam o trabalho desenvolvido, no qual os alunos liam os clássicos da literatura e criavam teatros relacionados às histórias. Além do incentivo à leitura, criava-se um universo lúdico no qual os alunos passavam a fazer parte do livro por meio dos personagens que representavam.

**Figura 1- Teatro: O mágico de Oz. Alunos do 7º ano.**



**Fonte: SCHULTZ, 2012.**

**Figura 2- Teatro: Peter Pan. Alunos do 8º ano.**



**Fonte: SCHULTZ, 2012.**

Os alunos envolveram-se em todo o projeto criacional do Festival: cenário, música, escolha dos personagens etc. A professora regente organizou os ensaios, as dicas de encenação e as coreografias.

**Figura 3 - Teatro: o Fantástico Mistério de Feiurinha. Alunos do 9º ano.**



**Fonte: SCHULTZ, 2015.**

**Figura 4 - Teatro: Alice no País das Maravilhas. Alunos do 6º ano.**



Fonte: SCHULTZ, 2018.

**Figura 5 - Teatro: O auto da Compadecida. Alunos do 7º ano.**



Fonte: SCHULTZ, 2018.



**Figura 6 - Teatro: Finalização do evento**



Fonte: SCHULTZ, 2018.

O Festival de Teatro está em sua 6<sup>o</sup> edição e é esperado na escola com ansiedade por todos os alunos. Os alunos novatos já são informados por seus colegas sobre o evento. Isso demonstra o quão significativo ele se tornou. O anexo C contém os depoimentos dos alunos na íntegra, alguns subscritos pelo pesquisador:

**“O teatro, as apresentações, eu me sinto quando apresento uma estrela, porque eu gosto de dançar, muitas vezes, me dizem que é legal me ver atuando e dançando, então, meio que eu me apresentar, dançando ou atuando, eu me sinto muito especial, eu sou tímida e essa timidez que eu tenho o projeto tira, porque eu sei que eu não preciso ficar com vergonha, então, este projeto me ajuda.”** (Depoimento 2)

**“O festival de teatro e artes que temos em nossa escola é divertido, pois nos fazemos o teatro e nos sentimos estrelas de cinema. Também fazemos outros tipos de projetos como, por exemplo, este ano tivemos um sobre a violência contra a mulher, que foi importante e até passamos no jornal da TV”** (Depoimento 4)

Na sequência de projetos desenvolvidos pela professora regente, ainda no campo literário, será apresentado o Projeto Café Literário, cujo objetivo principal foi incentivar a leitura e a escrita por meio da escolha de um autor para ser homenageado e estudado. Para realizar esse projeto, a professora regente trabalhou de forma interdisciplinar com a professora de Arte.

**Figura 7- Café Literário: Murais. Produto Final. Alunos 6º ao 9º ano**



Fonte: SCHULTZ, 2015.

**Figura 8 – Café Literário: Apresentações. Alunos do 6º ao 9º ano.**



Fonte: SCHULTZ, 2015.

**Figura 9 - Comidas: Café Literário. Lanche compartilhado.**



Fonte: SCHULTZ, 2015.

A homenagem aos autores literários tornou-se pano de fundo de uma proposta mais engajada, o incentivo à leitura. Ao trabalhar dessa forma os alunos ficaram mais envolvidos e motivados com a leitura. Nessa atividade, a biografia do autor é aprendida de forma interativa e dinâmica. O conhecimento é transmitido aos alunos de forma sutil, e eles além de aprenderem, tornam esses momentos inesquecíveis para suas vidas estudantis.

Dessa forma, a personagem ficção consegue impactar o aluno não apenas em relação aos elementos gramaticais, mas se torna a construção de um fazer diferenciado na educação. As músicas com temas gramaticais e as propostas diferenciadas de ensino vão além das salas de aula, ocorre uma convocação para uma escola diferente, no qual o aluno é o protagonista do ensino

A apresentação dos diferentes gêneros textuais também não ficam limitados apenas as explicações teóricas dentro da sala de aula; os alunos, além de terem contato com os diversos gêneros textuais da Língua Portuguesa, são desafiados a transformar o aprendizado em arte.

O Projeto Gêneros Textuais contemplou a leitura e a caracterização de cada gênero pelos alunos, de forma que, por meio dos painéis, todas as turmas pudessem compreender os diversos gêneros textuais existentes na Língua Portuguesa.

**Figura 10 – Gêneros Literários: Produção dos alunos do 6º ao 9º ano**



Fonte: SCHULTZ, 2017.

Figura 11 – Gêneros Literários: Murais: Produto final. Alunos do 6º ao 9º ano



Fonte: SCHULTZ, 2017.

Os trabalhos expostos nas escolas geraram diferentes comentários e denotam a felicidade e o orgulho por parte de todos que os contemplam. Além de aprender sobre as características dos gêneros textuais e ter a oportunidade de lê-los, os alunos sentiram-se importantes quando visualizaram seus trabalhos sendo contemplados e elogiados na escola.

Além disso, , muitos foram os comentários nas redes sociais, conforme consta no ANEXO D.

Os trabalhos com projetos não contemplaram apenas conteúdos da Língua Portuguesa, mas temas considerados importantes pela professora para debater com os alunos. Assuntos como bullying, dengue e violência contra a mulher também formaram a gama de projetos que a Professora Maluquinha sequenciou em sua carreira e, junto com seus alunos, formou uma rede de consciência e reflexão.

O Projeto Bullying (ANEXO E) surgiu da observação atenta da professora regente sobre o comportamento de seus alunos e práticas excessivas de bullying. Nesse contexto, a professora propôs para uma reflexão nas aulas, leitura de textos, filmes com o tema e após várias conversas, ficou decidido, em ação conjunta, envolver toda a escola na conscientização contra o bullying por meio de painéis reflexivos.

**Figura 12 – Bullying: Murais. Produção: Alunos do 6º ao 9º ano**



Fonte: SCHULTZ, 2017.

Figura 13 – Bullying: Murais. Produto Final: Alunos do 6º ao 9º ano



Fonte: SCHULTZ, 2017.

Os temas extracurriculares surgiram por meio de observações da professora, que detectou a necessidade de abordar determinados assuntos na escola, seja porque o processo de aprendizagem dos alunos encontrava-se comprometido, no caso do bullying, ou porque eram problemas de grande proporções sociais, que devem ser trabalhados na escola e debatidos pela comunidade, no caso da dengue e da violência contra a mulher.

Diante dessa realidade, é fundamental a escola trabalhar temas que estão sendo discutidos além dos muros da escola para que os alunos tornem-se agentes transformadores da comunidade em que residem, do bairro, do Estado e também do país.

O Projeto Maluquinhos contra a Dengue surgiu da epidemia de dengue que se alastrou no Estado do Espírito Santo. Os alunos leram uma revista em quadrinho, cujo personagem era O menino Maluquinho, que lutava contra a dengue em sua comunidade. Após a leitura da HQ, dos debates em sala, a professora sugeriu um movimento na escola para conscientizar as pessoas sobre o problema que o Estado estava enfrentado. Após a confecção de todos os painéis, os alunos percorreram o bairro distribuindo panfletos, confeccionados por eles, orientando sobre a prevenção contra a dengue.

**Figura 14 – Dengue: Murais. Produção: Alunos do 6º ao 9º ano**



Fonte: SCHULTZ, 2016.



Os alunos tiveram uma participação ativa em todos os projetos, o envolvimento deles com os temas demonstrou uma complexidade, isto é, de que o ensino não deve ficara compartimentado em caixas e/ou disciplinas, mas que qualquer professor, de qualquer área, pode trazer temas importantes para serem debatidos em sala de aula.

O Projeto Lugar de Mulher é onde ela quiser surgiu devido à intensificação de mortes de mulheres no Estado do Espírito Santo, em especial, na região de Cariacica, local onde a escola está situada.

O projeto começou com a apresentação de um filme com o tema violência doméstica. Em seguida, houve uma roda de conversa com os alunos para refletir sobre o tema e suas consequências na sociedade. Daí surgiu a ideia de montar painéis que conscientizassem as mulheres sobre a importância de denunciar e não aceitar as agressões.

**Figura 15 – Lugar de Mulher é onde ela quiser: Murais.**

**Produção: Alunos do 6º ao 9º ano**



Fonte: SCHULTZ, 2019.

Figura 16 – Lugar de Mulher é onde ela quiser: Murais: Produção: Alunos do 6º ao 9º



Fonte: SCHULTZ, 2019.

Figura 17 – Lugar de Mulher é onde ela quiser: Murais. Produção: Alunos do 6º ao 9º ano



Fonte: SCHULTZ, 2019.

Esse projeto seguiu rumos inesperados e resultou em novas ideias. Foi estendido para além dos muros da escola, pois é um problema social. Assim, outras mulheres precisavam ser conscientizadas e amparadas e, para isso, houve uma culminância com um palestrante, autoridade do assunto, e um convite para a comunidade vir à escola e participar.

Devido à importância do tema, a equipe do Projeto convidou a delegada Dr.(a) Fernanda Diniz, da Delegacia De Defesa da Mulher, em Cariacica-Sede, para palestrar (APÊNDICE A). Era a representatividade da autoridade no assunto, do apoio do Estado, e da demonstração efetiva da nossa preocupação com o social e com a formação de jovens cidadãos críticos e cooperativos nas tarefas sociais.

**Figura 18 – Lugar de Mulher é onde ela quiser: Delegada Palestrante.**



**Fonte: SCHULTZ, 2019.**

Com a confirmação de sua participação, a Dr(a) Fernanda Diniz parabenizou a iniciativa do trabalho, sentindo-se honrada com o convite. Durante as conversas com a Delegada ela mencionava a importância das escolas trabalharem esse tema, pois desde a infância é preciso educar meninas e meninos a não aceitar esse tipo de violência, bem como ensinar os alunos a se defenderem e procurarem ajuda, a não se calarem.

Na palestra, a Delegada reforçou a importância de a mulher denunciar e não ter medo. Não aceitar nenhum tipo de violência seja verbal ou física, e não se submeter a ameaças contra a família. Os alunos e a comunidade assistiram a palestra atentos. No término, a iniciativa foi parabenizada por todos que apoiaram o evento e sua intencionalidade.

Além da palestra da Delegada, houve a realização de uma passeata, que contou com o acompanhamento da Polícia Militar do Estado para (APÊNDICE B), fazendo a segurança e também demonstrando que a causa era apoiada pelo Estado e pelas autoridades. Uma das viaturas que acompanhou a passeata tem o nome de Patrulha Maria da Penha (APÊNDICE C), cujo objetivo é auxiliar as mulheres vítimas de violência, bem como para prender os agressores. A participação da Delegada e da Polícia Militar trouxe credibilidade e engajamento ao Projeto, que aos poucos adquiriu proporções gigantescas. Seus resultados podem ser visualizados no ANEXO G, no qual a comunidade contempla a iniciativa do projeto e da professora que o encabeça.

**Figura 19 – Lugar de Mulher é onde ela quiser: Passeata: Alunos do 6º ao 9º ano**



**Fonte: SCHULTZ, 2019.**

Outro projeto desenvolvido, o Projeto “Lugar de Mulher é onde ela quiser” durou aproximadamente durou meses. No decorrer de sua execução, foi encaminhado um e-mail para a mídia local (APÊNDICE D), pois o tema era importante e poderia incentivar outras escolas a trabalhar o assunto, demonstrando que o papel da escola também é social e vai além das disciplinas, avaliações e currículos a serem seguidos.

**Figura 20 – Lugar de Mulher é onde ela quiser:  
Passeata: Alunos do 6º ao 9º ano**



**Fonte: SCHULTZ, 2019.**

Todo o evento foi televisionado pela Rede Gazeta, com participação no Jornal ES TV 1ª Edição e no Bom Dia, Espírito Santo. A comunidade Cariaciquense foi representada e a voz daquelas crianças ouvidas, e os elogios foram muitos pela iniciativa ao projeto. Somado a isso, ficou evidente no olhar e nas expressões dos alunos a felicidade de ter seu trabalho reconhecido e aplaudido, não apenas nas notas e nos resultados pretendidos, mas na convicção de que é possível fazer diferente.

A professora Maluquinha, esteve presente nesse e em todos os eventos por meio da personificação de sua criadora, a professora regente. O trabalho da personagem ficção possibilitou convocar os alunos ao um aprendizado diferenciado, criativo, valoroso e de potencial e com resultados significativos. Não somente resultados pautados em avaliações, corrigidos e grafados por notas, adjetivados por aprovado e reprovado no final do ano, mas por resultados concretos de aprendizagem, de fazer diferente, de demonstrar que para aprender nem sempre é necessário memorizar, decorar fórmulas, saber nomeclaturas. É preciso sim interagir, solucionar problemas, criar, recriar, envolver-se, participar, crescer como ser humano e cidadão do mundo.

A mídia presente nesse evento impulsionou os alunos a se sentirem reconhecidos e importantes, a geração espetacularizada apareceu, mostrou-se, saiu do anonimato e se enxergou como protagonista do ensino e da luta da violência contra a mulher. Além disso, as aulas de Língua Portuguesa foram, de fato, espetacularizadas, não somente por meio de sua personagem ficção, mas da unificação da persona e do personagem.

Os resultados não se encontram pautados em tabelas, gráficos e avaliações exatas de pesquisa. Eles resultaram de demonstrações de participação, da criatividade, do avanço, da autoestima, da superação e da emoção presente em cada ato, cada passo dado.

Não é possível concretizar o inconcreto, apresentar tabulações de dados com notas, pois as avaliações estão no resultado do trabalho, na dinâmica dos alunos, na interação, no querer e no fazer, na tinta que foi colocada em cada cartaz, na participação dos debates, no grito de guerra pelas ruas, na vontade de estar naquele momento na escola, sendo orquestrado pelos professores.

A maior tabulação feita ao longo deste trabalho foi fazer esses alunos acreditarem que a educação pode ser diferente, que existe prazer em estudar, que é possível aprender sorrindo, de forma leve.

A professora Maluquinha/ professora regente, talvez, não tenha conseguido tabular tantas emoções, talvez porque ainda não é possível materializar sensações com fórmulas matemáticas. No entanto, conseguiu se tornar uma professora inesquecível, como propôs Alexandre Gobbo, ser um show, como brada Paula Sibilia, e tornou suas aulas e sua forma de trabalho um espetáculo, como propôs Guy Debord, e, mais do que isso, muito mais do que isso: a professora Maluquinha conseguiu fazer diferente uma educação que ainda parece engessada nos moldes de séculos passados. Essa afirmação pode ser confirmada ao observar no ANEXO H a percepção da aluna sobre a personagem e o quanto a mídia estava envolvida em seus trabalhos. O fato de a aluna associar a imagem da professora regente a um personagem das mídias comprovou claramente que a ficção pautava o trabalho da professora e alcançava os alunos de forma imediata.

A última “tabulação” para comprovar esta pesquisa é o depoimento de uma ex-aluna, Tainá de Barbi, 1º lugar geral do Ifes de Cariacica, ano de 2016, que nas redes sociais (geração espetacularizada) contemplou e descreveu a professora pesquisadora e os resultados de como seu modo de lecionar influenciaram sua vida ( ANEXO K):

**“ [...] A Bruna Schultz, que me nivelou por altíssimo em Português. Obrigada por ter me ensinado no Fundamental o que é interpretação, porque tem gente formada que não sabe o que é. Obrigada pelas provas super bem feitas e elaboradas, por ter me feito levar o Português a sério, porque eu vou levar isso pro resto da minha vida. Obrigada por ter feito teatros, cafés, por ser uma professora completa em todos os sentidos e sem pleonasmos. Obrigada por ter explorado a minha criatividade. Sem você, hoje eu não seria essa apaixonada por Português e seus derivados que sou, e grande parte de mim, perderia a graça. Em mim, tem muito de vocês duas (fazendo menção à professora de história, início do texto), e terão eternamente, pois a profissão que quero seguir une exatamente o que me transmitiram e o que despertaram em mim da melhor forma possível: com pleno conhecimento e com amor.[...] ( Barbi, 2016.)**

Não é possível tornar esse depoimento um gráfico e medir em números o quão inesquecível a professora regente tornou-se para essa aluna, mas é possível perceber a diferença dessa professora em sua maneira de ensinar e conduzir a disciplina Língua Portuguesa.

Além de todas as imagens apresentadas por um pesquisador influenciado pela mídia e pela geração espetacularizada, tem-se também como “tabulação de dados” as redes sociais e as emoções singelas, apresentadas por elas, mas que carregam um emoção e uma veracidade dos alunos que participaram do processo criacional da personagem ficção, bem como todos aqueles que puderam fazer parte da vida profissional da professora regente no ano de 2017 (ANEXO I) e mais atualmente (ANEXO J).

Essas “tabulações” revelam as diversas emoções provocadas pela professora Maluquinha em seus alunos, e não somente neles, mas em suas famílias. Trata-se de resultados espontâneos, descritos, sem intenção de tabulação, mas que comprovam a Espetacularização do Ensino da Língua Portuguesa e seus efeitos. Demonstram, nesse sentido, o que Paula Sibilia (2008) afirma:

Por isso é preciso converter o próprio eu em um show, é preciso espetacularizar a própria personalidade com estratégias performáticas e adereços técnicos, recorrendo a métodos comparáveis aos de uma grife pessoal que deve ser bem posicionada no mercado. Pois a imagem de cada um é a sua própria marca, um capital tão valioso que é necessário cuidá-lo e cultivá-lo, a fim de encarnar um personagem atraente no competitivo mercado dos olhares. (SIBILIA.2008, p.255).

Concorda-se com a autora, pois é imprescindível se tornar visível na educação, se tornar luz e contribuir cada vez ainda mais para a formação dos alunos, e criar métodos capazes de atrair os jovens para uma educação significativa e motivadora.

Os resultados esperados por esta pesquisa estão repletos de sensações e emoções, de criatividade e envolvimento, de intenção e cooperação, de dinâmica e trabalho em equipe, de vontade de fazer diferente e ser diferente, de crer que é possível, de ser inesquecível, de comprovar que as aulas podem ser um espetáculo! Conforme afirma Sibilia (2008):

É assim como se encena, todos os dias, o show do eu. Fazendo da própria personalidade um espetáculo; isto é, uma criatura orientada aos olhares dos outros como se estes construíssem a audiência de um espetáculo. (SIBILIA.2008, p.258).



Que o show aconteça todos os dias e que a capacidade do homem de se reinventar profissionalmente contribua para aumentar a audiência das aulas e motivar os alunos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa, objeto desta dissertação, demonstrou em todas as suas intenções o quanto é importante reavaliar os métodos de trabalho para lecionar para a geração do século XXI. O objetivo não é influenciar os professores a transformar suas aulas em show e seu papel como profissional da educação em personagem ficção, mas demonstrar o quão importante e significativo é para o aluno o fazer diferente.

A finalidade desta pesquisa é fazer os profissionais da educação repensarem suas aulas, suas formas de lecionar, aplicar seus conteúdos e também se preocupar mais com seu aluno e com o que, de fato, pode ser importante para ele. Não se pretende desmerecer os currículos oficiais, nem as avaliações que precisam ser aplicadas como quantificadoras de aprendizado, mas certamente existe muito mais a ser ensinado, existe muitas formas de ensinar, uma gama de possibilidades; é preciso, sim, que cada um se autoavalie e tente fazer diferente.

Atualmente, a profissão de professor já abarcou muitas responsabilidades: somos pais, mães, amigos, médicos, psicólogos, educadores, disciplinadores e responsabilizados pela sociedade quando tudo vai mal. É preocupante precisar se reinventar tanto e precisar transformar as aulas em show para chamar a atenção dos alunos ao aprendizado, uma vez que a ideia vigente é que estudar e aprender é a obrigação deles.

Entretanto, a sociedade também mudou, os nossos alunos não são como os de antigamente e os professores também não são os mesmos. Tudo mudou, e com tamanha mudança surgiram mais responsabilidades, exigindo mudanças de postura, de prática pedagógica e fazer diferente.

É complicado retroceder, é preciso avançar e criar mecanismos capazes de atrair essa geração espetacularizada, robotizada pela mídia e fluida pelo imediatismo. Pouco adianta ficar esperando e desejando que tudo volte a ser como era e, assim, voltar a ser os professores de antigamente, espelhados, talvez, em nossos professores. Cabe, ao educador de hoje utilizar o bom senso, seu conhecimento para recriar a forma de trabalho para esta época e convocar a geração espetacularizada aos estudos e ao saber.

Os alunos tem muito a oferecer para todos, eles estão repletos de criatividade e vontade de descobrir, desbravar o mundo. Para isso, cada professor precisa estimular e despertar essas mentes criativas e dinâmicas para o aprendizado, de maneira a torná-los sujeitos ativos no processo educacional.

Muitos foram os autores que colaboraram com este trabalho a fim de comprovar cientificamente que a geração atual precisa de ferramentas inovadoras de trabalho, de professores criativos e dinâmicos. Guy Debord (2003), com suas críticas à sociedade espetacularizada, incentiva a reflexão do quão o professor é parte do espetáculo; Paula Sibilia (2008), com suas convicções sobre a vida que se transformou em um show, no qual o espetáculo virou realidade, e que o aparecer é mais importante do que ser; Alexandre Gobbo (2013), que provoca a inesquecibilidade diante dos alunos, e Morin (2004) convida a repensar o modelo fragmentado de ensino e buscar inspiração no saber complexo.

A pesquisa traz em sua totalidade uma série de desafios para uma educação melhor, para a transformação do professor e para impulsionar mudanças e possibilidades que essas mudanças têm a oferecer e facilitar o trabalho docente.

Nesse sentido, a seguir será disponibilizado (APÊNDICE F) o produto gerado por esta pesquisa, uma história em quadrinhos, criada para analisar posturas do professor como profissionais, para refletir sobre as aulas, e para usar como inspiração para recriar práticas educacionais. Trata-se da história da criação da personagem ficção, objeto de estudo deste trabalho, e do desenvolvimento dos alunos no ambiente escolar quando toda a equipe trabalha de forma cooperativa.

A conclusão deste trabalho tem fundamento nos aprendizados obtidos por meio dos estudos realizados por Paula Sibilia (2008), fonte maior de inspiração. Isso permitiu eternizar tudo o que a professora Maluquinha, por meio da criatividade da professora regente, conseguiu fazer com os alunos e continuará fazendo, pois, para ela, ser inesquecível pela educação dada é o local mais alto que se pode chegar. Que a audiência da educação esteja em picos excessivos do IBOPE, e que os alunos sejam os protagonistas deste show, que é a vida!

## REFERÊNCIAS

- ANDERSON, Leon. **Analytic Autoethnography**. *Journal of Contemporary Ethnography*, v. 35, p. 373-395, 2006.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Meio Ambiente e Saúdes-temas transversais**. Brasília: Mec. /SEF, 1997. V 9.
- \_\_\_\_\_. Ministério da Educação - MEC, Secretaria da Educação Básica. **Orientações Curriculares para o Ensino Médio: ciência da natureza, matemática e suas tecnologias**. Brasília, 2002.
- BARBOSA, Alexandre. **Como usar histórias em quadrinhos na sala de aula**. In: BARBOSA, Alexandre; RAMOS, Paulo; VILELA, Túlio; VERGUEIRO, Waldomiro. (Orgs.). 4. Ed. – São Paulo: Contexto, 2010.
- BECHARA, Evanildo. **Ensino da gramática: Opressão? Liberdade?** 9ª ed. São Paulo: Ática, Série Princípios, 1997.
- BENETTI, Alfonso. **A autoetnografia como método de investigação artística sobre a expressividade na performance pianística**. *Opus*, v. 23, n. 1, p. 147-165, abr. 2017. Disponível em: <<http://www.anppom.com.br/revista/index.php/opus/article/download/424/421>> Acesso em: 27 ago. 2019.
- BORGES, Daniele Simões. **Das Inovações do Ensino ao Ensino Inovador: Complexidades e Emergências ao ensino universitário**. 2013. 113 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, em Ciências: Química da Vida e Saúde, Universidade Federal do Rio Grande/FURG, 2013. Disponível em: <<http://www.revistas.udesc.br/index.php/linhas/article/viewFile/1984723819392018167/pdf>> Acesso em: 30 mar. 2019.
- BOCHNIAK, Regina. **Questionar o conhecimento: interdisciplinaridade na escola**. 2ª Edição. Editora Loyola. São Paulo, 1998.
- DEBORD, Guy (1931-1994). **A sociedade do espetáculo**. Digitalização da edição em pdf originária de [www.geocities.com/projetoperiferia](http://www.geocities.com/projetoperiferia) 2003 - Guy Debord Disponível em: <<https://www.marxists.org/portugues/debord/1967/11/sociedade.pdf>> Acesso em: 5 mar. 2019.
- DIAS-DA-SILVA, M. H. G. F. **O professor e seu desenvolvimento profissional: superando a concepção do alçoz incompetente**. *Cadernos CEDES* nº 44, abril, 1998.
- DIESEL, Aline; BALDEZ, Alda Leila Santos; MARTINS, Silvana Neumann. **Os princípios das metodologias ativas de ensino: uma abordagem teórica**. *Revista Thema*, 2017, vol. 14, nº1, p. 268 a 288.204. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.15536/thema.14.2017.268-288.404>>. Acesso em: 23 jul. 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. Saberes necessários à prática educativa. 51ªed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 2015.

FONTANA, Roseli. ; CRUZ, Maria Nazaré da. **Psicologia e trabalho pedagógico**. São Paulo: Atual, 1997.

FORTIN, Sylvie. **Contribuições possíveis da etnografia e da autoetnografia para a pesquisa na prática artística**. Cena: periódico do programa de pós-graduação em Artes Cênicas do Instituto de Artes, Departamento de Arte Dramática da Universidade do Rio Grande do Sul, nº 7,p. 2-12,2009. Disponível em: <<http://ser.ufrgs.br/cena/article/view/11961/7154>>. Acesso em: 27 jun.2019.

GOBBO, Alexandre. **Marketing educacional: desperte seus talentos e torne-se um professor inesquecível**. Rio de Janeiro: Wak Editora,2013.

MALCON, Cristina Feldens. **Ensino de Língua Portuguesa: desafios e encantamentos** 2006.94 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de pós-graduação em Educação, Faculdade de Educação da Pontifca Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Disponível em: <<http://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/3764/1/388464.pdf>>. Acesso em: 13 maio 2019.

MORÁN, José. Mudando a educação com metodologias ativas. In: SOUZA, Carlos Alberto de; MORALES, Ofelia Elisa Torres (Orgs.). **Coleção Mídias Contemporâneas**. Convergências Midiáticas, Educação e Cidadania: aproximações jovens. Vol. II. PG: Foca Foto-PROEX/UEPG, 2015. Disponível em: <[http://www2.eca.usp.br/moran/wp-content/uploads/2013/12/mudando\\_moran](http://www2.eca.usp.br/moran/wp-content/uploads/2013/12/mudando_moran)>. Acesso em: 29 jul. 2019.

MORIN, Edgar. Jornadas Temáticas **A religação dos saberes: o desafio do século XXI**.Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: Unesco, 2000. Título original: Lesseptsavoirs nécessaires à l'éducationdu futur.

NICOLESCU, Basarabet al. Educação e transdisciplinaridade. Brasília: UNESCO, 2000 (Edições UNESCO).

NUNES, Célia Maria Fernandes. **Saberes docentes e formação de professores: um breve panorama da pesquisa brasileira**. Educação & Sociedad, Ano XXII nº. 74 Campinas: CEDES, 2001.Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v22n74/a03v2274>>. Acesso em: 20 jun. 2019.

OLIVEIRA e COURELA, **Mudança e Inovação em Educação: O compromisso dos professores**. Interações nº. 27 p. 97-117, 2013. Disponível em: <<https://revistas.rcaap.pt/interaccoes/article/view/3404>> Acesso em: 2 abr.2019.

PINNO, Rúbia de Cássia Ferreira: **Da teoria à prática no ensino de Língua Portuguesa: a transposição didática do conceito de encadeamento argumentativo para professores dos anos finais do ensino fundamental** / Rúbia de Cássia Ferreira Pinno. 2018. 97 f. Dissertação (Mestrado em Educação)- Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de Caxias do Sul, Rio de Janeiro. Disponível em: <<https://repositorio.uces.br/xmlui/handle/11338/4585>> Acesso em: 25 jun. 2019.

POSSENTI, S. **Por que (não) ensinar gramática na escola**. Campinas: Mercado de Letras, 1996.

POZZO; CORDEIRO: **O processo de Inovação na Educação: Um estudo de caso da rede Marista de Colégios**. In: XXXVIII ENCONTRO DA ANPAD. 2014, Rio de Janeiro Disponível em: <<https://periodicos.feevale.br/seer/index.php/revistagestaoedesenvolvimento/article/view/343>> Acesso em: 23 abr. 2019.

SANTOS, S. M. **O método da autoetnografia na pesquisa sociológica: atores, perspectivas e desafios**. PLURAL, Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP, São Paulo, v.24.1, 2017, p.214-241. Disponível em: <<https://doi.org/10.11606/issn.2176-8099.pcs0.2017.113972>> Acesso em: 27 de ago. 2019.

SIBÍLIA, Paula. **O show do eu: a intimidade como espetáculo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

NUNES. José de Arimateas de Sousa: **Ensino da Língua Portuguesa no Ensino Fundamental: Limites e Desafios**, 2013, 156 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 2013. Disponível em: <<http://recil.grupolusofona.pt/handle/10437/6325>> Acesso em: 5 mar. 2019.

TARDIF, M.; LESSARD, C. **O ofício do professor: história, perspectivas e desafios internacionais**; Tradução de Lucy Magalhães. 6ª.ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2014.

TRAVAGLIA, L. C. **Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática**/ Luiz Carlos Travaglia.ed. São Paulo: Cortez, 2006.

VYGOTSKY, Lev Semynovich. **Psicologia Pedagógica: edição comentada**. Porto Alegre: Artmed, 2003. 311 p.

YAMAMOTO, Iara. **Metodologias ativas de aprendizagem interferem no desempenho de estudantes**, 2016. 101 f. Dissertação (Mestrado em Administração) – Programa de Pós-Graduação em Administração / PPGA, Universidade de São Paulo, São Paulo. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/12/12139/tde-22092016-121953/pt-br.php>> Acesso em: 30 jul. 2019.

## ANEXO A – Solicitação de autorização para a pesquisa



**PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO STRICTO SENSU  
MESTRADO PROFISSIONAL EM CIÊNCIA, TECNOLOGIA E EDUCAÇÃO**  
Reconhecido pela Portaria MEC/CNE nº 256 de 15/02/2017 publicada no D.O.U. de 16/02/2017

### SOLICITAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO PARA PESQUISA

São Mateus (ES), 13 de abril de 2019.

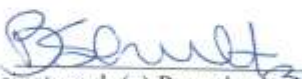
Prezado (a) Senhor (a)

Eu, **Bruna Silveira Schultz**, aluno (a) do curso de **Mestrado Profissional em Ciência, Tecnologia e Educação** da **Faculdade Vale do Cricaré**, solicito ao/a **Diretor(a) do Colégio Panorâmico** de Cariacica – ES, autorização para realizar a pesquisa, com o objetivo de desenvolver trabalho do Mestrado.

Contando com a autorização de V.S.<sup>a</sup> colocamo-nos à disposição para qualquer esclarecimento.

Atenciosamente,



  
Assinatura do(a) Pesquisador(a)

  
Secretária  
**Luzinete Duarte**  
Secretária do Mestrado  
Portaria DG 002/2012  
Faculdade Vale do Cricaré

## ANEXO B – Autorização institucional

### AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL

Eu, Marilza Rosetti Chisté, diretora do Colégio Panorâmico, Razão Social Escola Menino Jesus de Praga Eireli, CNPJ 28540789/0001-92, autorizo Bruna Silveira Schultz, aluna do curso de mestrado em Ciências, Tecnologia e Educação da Faculdade Vale do Cricaré a utilizar nossa instituição como laboratório de pesquisa autoetnográfica, para elaboração da sua dissertação de mestrado: **"A espetacularização do ensino da língua portuguesa como ferramenta pedagógica para alunos do século XXI"**, bem como utilizar imagens dos espaços escolares, divulgar fotos dos projetos realizados ao longo do seu trabalho como professora da instituição.

Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à imagem ou a qualquer outro, e assino a presente autorização.

Declaro serem verdadeiras as informações deste documento.

Cariacica-ES, 15 de abril de 2019

  
(Assinatura do Responsável)


28 540 789 / 0001-92  
Escola Menino Jesus  
de Praga Ltda.  
Colégio Panorâmico  
Av. Walter Guedes 28-800  
Cep. 28120-010 Cariacica-ES  
TEL: (27) 3254-1524

Colégio Panorâmico  
Rua São João 996 Cariacica-ES,  
Mdt. Escola Menino Jesus de Praga Eireli  
Aut. Func. E. 0000000-0000000  
Aut. Func. EP 1170414-1 (Ins. CDE 10000)  
Aut. Func. EA (Ins. 0000) Ins. CDE 10000  
Recontrolemento Ins. CES Nº 124590



## ANEXO C – Depoimentos dos alunos sobre o festival de teatro

Sobre os projetos, eu acho eles super importantes, pois trata de assuntos que envolvem a sociedade, nos faz repensar sobre certas atitudes, já tem outros que envolvem o teatro, a dança e a música, que também são super legais, pois nós aprendemos a trabalhar em conjunto, além de fazer aquilo que gostamos.

◊ Teatro, as apresentações, eu me sinto quando eu apresento uma estrela porque eu gosto de dança, muitas pessoas dizem que é legal me ver atuando e dançando, então me sinto que eu me apresento dançando ou atuando, eu me sinto muito especial eu sou tímida, então essa timidez que eu tenho o projeto tira, porque eu sei que eu não preciso ficar com vergonha então esse projeto me  ajuda.

◊ Eu acho o teatro muito fundamental, uma arte mais importante para mim já que o teatro tem muitas vantagens em zonas públicas, em atividades de lazer as pessoas mais em equipe se ajudando em atividades e muito mais!

◊ Festival de Teatro e Artes que temos em nossa escola é divertido pois, nos fazemos o teatro e se sentimos estrelas de cinema. Também fazemos outros tipos de peças como por exemplo, esse ano tivemos um sobre a violência contra a mulher que foi importante e até passamos no jornal da TV.

## ANEXO D – Vestígios encontrados nas redes sociais: Gêneros



**Aguinaldo Rocha de Souza**

4 de novembro de 2017 ·

Trabalho pedagógico sobre linguagens, desenvolvido pela professora Bruna Schultz - português - vespertino - EMEF PREZIDEU AMORIM e Estudantes das séries finais.

**Parabéns** e obrigado pelo carinho, confiança e compromisso com noss@s Estudantes, Comunidade, Escola e Educação.

Aguinaldo

Diretor da EMEF PREZIDEU AMORIM



Míia Maitan, Ronaldo Chagas Vieira e outras 50 pessoas · 5 comentários

Curtir

Comentar

Compartilhar

Ver mais 1 comentário



**Helen Valladão** Trabalho maravilhosol

Curtir · Responder · 1 a 1



**Silvana Souza Carmo** Parabéns

Curtir · Responder · 1 a 1



**Luciana Silva** Estive lá semana passada e pude apreciar esse trabalho Lindíssimo! Parabéns a professora orientadora de tão belas atividades!

Curtir · Responder · 1 a 1

## ANEXO E – Vestígios encontrados nas redes sociais: Bullying

**Bruna Schultz**  
30 de agosto de 2017 · Vitória · 🌐

Produto final do projeto...Orgulho dos meus alunos!



👍❤️ Eunice Silveira, Vera Messias e outras 23 pessoas · 3 comentários

👍 Curtir · 💬 Comentar · ➦ Compartilhar

**Daniella Lima Show, Bruna Schultz!!!! Parabéns!!!!**  
Curtir · Responder · 2 a · 👍 1

**Vera Messias LindoD+** 👍 1  
Curtir · Responder · 2 a

**Bruna Schultz** Obrigada pelas dicas...  
Curtir · Responder · 2 a

## ANEXO F – Vestígios encontrados nas redes sociais: Projeto

**Colégio Panorâmico**  
16 de maio · 🌐

E vocês podem conferir a reportagem completa aqui!!!



GLOBOPLAY.GLOBO.COM [Sobre este site](#)

**ESTV 1ª Edição | Estudantes participam de bate-papo com delegada em escola de Cariacica, ES | Globoplay**

👍 Curtir    📡 Seguir    ➦ Compartilhar    ⋮

**Eliane Barreto** Linda iniciativa parabéns ao colégio panorâmico  
Curtir · Responder · Mensagem · 20 sem

**Vanessa Bazilio Tavares** Parabéns pela iniciativa Ameiiii  
Curtir · Responder · Mensagem · 20 sem

**Mariamadalena Coradine Barcelos** Parabéns pela iniciativa.  
Curtir · Responder · Mensagem · 20 sem

**Benegilda Coradini** Parabéns pela iniciativa...do Colégio Panorâmico!!  
Curtir · Responder · Mensagem · 19 sem 👍 1

**Ana Paula F. Santana** Que lindo! Parabéns pela iniciativa de apoio desse projeto! Que orgulho dessa escola 🍌🍌❤️  
Curtir · Responder · Mensagem · 20 sem

**Daniele Barbosa** Linda iniciativa parabéns 🍌🍌😊  
Curtir · Responder · Mensagem · 20 sem

**Marcos Eliani** Isso que é uma manifestação.. Isso que é uma luta.

## ANEXO G – Vestígios encontrados nas redes sociais: Passeata






 Curtir
  Seguir
  Compartilhar
  ...

Lugar de Mulher é onde ela quiser!!!





 Assista junto com amigos ou com um grupo
 [Iniciar watch party](#)



**1.223** Pessoas alcançadas
 **304** Envolvimentos
[Impulsionar publicação](#)


 Escreva um comentário...
 







Pressione Enter para publicar.


**Danuza Matos** Parabéns aos organizadores e aos alunos... Show de bola... 🍌🍌🍌🍌🍌🍌🍌🍌🍌
  1



[Curtir](#) · [Responder](#) · Mensagem · 20 sem


**Jessika Ribeiro** Adorei, parabéns 🥳❤️ muito orgulho dessa escola.
  1


[Curtir](#) · [Responder](#) · Mensagem · 20 sem


**Romaria Dos Homens Cariacica** A Comissão da Romaria Dos Homens Cariacica parabeniza a todos(as) envolvidas neste ato envolvendo pais e alunos deste Colégio Panorâmico. Parabéns 🍌🍌
  1

[Curtir](#) · [Responder](#) · Mensagem · 20 sem


**Gramsede Cariacica** Estamos orgulhosos de vocês. Parabéns organizadores, pais e alunos do Colégio Panorâmico.
  1

[Curtir](#) · [Responder](#) · Mensagem · 20 sem


**Eliane Barreto** Linda iniciativa parabéns ao colégio panorâmico

## ANEXO H – Vestígios encontrados nas redes sociais: Mídia

Vamos levar este grito a todos os cantos.,  
Lugar de Mulher é onde ela quiser!!!



Assista junto com amigos ou com um grupo Iniciar watch party

Curtir Seguir Compartilhar ...

**1.223** Pessoas alcançadas **304** Envolvimentos Impulsionar publicação

34 4 comentários 7 compartilhamentos

Curtir Comentar Compartilhar ...

Mais relevantes ▾

Escreva um comentário... 😊 📷 GIF 👍  
Pressione Enter para publicar.

 **Cleuzinea Rizzi** Foi maravilhoso!  
Curtir · Responder · Mensagem · 20 sem  
↳ 1 resposta

 **Ronaldo Chagas Vieira** Show...  
Curtir · Responder · Mensagem · 19 sem

**ANEXO I – Vestígios encontrados nas redes sociais: Professora Maluquinha – Ela Existe (2015)**



## ANEXO J – Vestígios encontrados nas redes sociais: Professora Maluquinha (2017)

**Bruna Schultz** está com Natalia Rosa e outras 81 pessoas.  
19 de dezembro de 2017 · 🌐

Aqui no colégio Panorâmico você aprende brincando!!!



49 6 comentários · 8 compartilhamentos

**Curtir** **Comentar** **Compartilhar**

**Pedro Lauret** Lembro quando era minha época ❤️  
Curtir · Responder · 1 a

**Rowenna Firme** Muito legal! Até as mães aprendem as músicas dos pronomes! 🎵  
Curtir · Responder · 1 a

**Mateus Lopes** A ante até após com contra desde para per perante por sem sobre sob trás 🎵  
Curtir · Responder · 1 a

**Bruna Schultz** Kkkk  
Curtir · Responder · 1 a

**Lud Pombal** Kkkk Sdds dessa época 🎵  
Curtir · Responder · 1 a

Escreva uma resposta...

**Joyce Queiroz** Sdds ❤️ ❤️  
Curtir · Responder · 1 a

Escreva um comentário...

**Fechar**

**HAAAAA**  
Curtir · Responder · 4 sem





## ANEXO L – Vestígios encontrados nas redes sociais: Depoimento ex-aluna ( 2016)



**Tainá de Barbi**

27 de abril de 2016 · Cariacica ·



Às vezes bate uma gratidão por tudo que a gente já viveu, o que fez a gente ser a gente hoje... Sentimentos lindos por aquela escolinha em frente a minha casa, por aquele cuidado todo... Hoje eu tenho muito orgulho de estar onde eu estou e ter vindo de onde eu vim, de onde estudei a minha vida toda.

Obrigada pela paixão que me transmitiram. Obrigada por terem me formado como pessoa e como estudante. E obrigada a três pessoas em especial: À Geovana Sutil Costa que me fez amar uma matéria que eu considerava chata até ter aula com alguém a altura da disciplina (e que altura). Com você eu aprendi que sou de humanas porque gosto de humanas e porque sei humanas (graças a você). Obrigada por ter existido na minha vida. Obrigada por ser maravilhosa, sem mais.

À Bruna Schultz, que me nivelou por altíssimo em Português. Obrigada por ter me ensinado no fundamental o que é interpretação, porque tem gente formada que não sabe o que é. Obrigada pelas provas super bem feitas e elaboradas, por ter me feito levar português a sério, porque eu vou levar isso pro resto da minha vida. Obrigada por ter feito teatros, cafés, por ser uma professora completa em todos os sentidos e sem pleonasma. Obrigada por ter explorado minha criatividade. Sem você, hoje eu não seria essa apaixonada por português e seus derivados que sou, e grande parte de mim perderia a graça. Em mim tem muito de vocês duas, e terá eternamente, pois a profissão que quero seguir une exatamente o que me transmitiram e o que despertaram em mim da melhor forma possível: Com pleno conhecimento e com amor.

À minha mãe, que não tem face (e que agora tá se matando pra corrigir provas dos alunos, sortudos, que restaram), mas que me deu uma base perfeita de matemática nessa mesma escola, que me faz passar direto em Robson, que me fez ser boa em matemática mesmo sem gostar e por fim, acabar gostando. Obrigada também por me mostrar o que é responsabilidade e honestidade, e obrigada por cumprir, sem um erro sequer, a tarefa de ser minha mãe e minha professora.

Sou eternamente grata por tudo, tudo. E digo mais, pra quem sabe aproveitar, o Colégio Panorâmico é a melhor coisa do mundo.



47

10 comentários 3 compartilhamentos

## ANEXO M – Aceite do trabalho- University de Aarhus - Dinamarca



AARHUS UNIVERSITY

Global Studies Department - Aarhus University



## VI Jornadas Pedagógicas de Língua Portuguesa

28 a 30 out 2019, Aarhus, Dinamarca

Aarhus, 23 de agosto de 2019.

Prezada Bruna,

Agradecemos seu interesse em colaborar para as **VI Jornadas Pedagógicas de Língua Portuguesa**, a ser realizada na Universidade de Aarhus na Dinamarca entre os dias 28 e 30 de outubro de 2019. Com satisfação informamos que sua proposta de comunicação individual, intitulada **A ESPETACULARIZAÇÃO DO ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA: UMA FERRAMENTA PEDAGÓGICA PARA ALUNOS DO SÉCULO XXI**, foi aceita.

A presente carta de aceitação confirma que **Bruna Silveira Schultz** (Faculdade Vale do Cricaré, Espírito Santo, orientadora Dra. Ivana Esteves) foi selecionada para participar da conferência na cidade de Aarhus. Este documento pode ser apresentado para fins de financiamento institucional e de visto (caso aplicável), bem como para requerer afastamentos e outros acordos necessários para a realização de sua viagem.

Melhores cumprimentos,

Camila Dilli Nunes

Comissão Organizadora das VI Jornadas Pedagógicas de Língua Portuguesa

Página do evento: <http://conferences.au.dk/jplp/>Contato: [6jornadaspedagogicaslo@gmail.com](mailto:6jornadaspedagogicaslo@gmail.com)Facebook do evento: <https://www.facebook.com/groups/2258410887742014/>

## APÊNDICE A – Convite Palestrante

07/10/2019

Gmail - Projeto Pedagógico - Violência contra a mulher



Administração CP &lt;admcolegiopanoramico@gmail.com&gt;

### Projeto Pedagógico - Violência contra a mulher

4 mensagens

**Administração CP** <admcolegiopanoramico@gmail.com>  
Para: elissandra.fritoli@pc.es.gov.br

21 de março de 2019 às 16:18

Boa tarde,

Conforme conversamos por telefone, sou Bruna Schultz, mestranda, professora de língua portuguesa e pedagoga, atuando na área a mais de 10 anos.

Atualmente assumi a direção do Colégio Panorâmico e sou apaixonada por Projetos Pedagógicos, em especial, os que de fato podem contribuir para a sociedade e para a educação do aluno no aspecto social.

Minha intenção no contato com a senhora é que a nossa escola iniciará no mês de abril, um projeto que fala da violência contra a mulher, triste realidade, que a nossa sociedade vive. Neste projeto abordaremos a violência contra a mulher, o ato da denúncia, o emponderamento feminino, e mais, trabalharemos nos meninos, desde a infância, a não prática da violência, o tratamento com a mulher, e com a família em si.

Para tanto, passaremos por uma sequência pedagógica:

Filme: temático que fala da violência contra a mulher ( dentro da faixa etária);  
Debates;  
Roda de conversa;  
Confeção de painéis reflexivos,  
Faixas;

Para a culminância apresentação de cada turma sobre o tema e PALESTRA, ministrada por alguém da área ( assistente social, delegada ou policial) que vivência esse tema e que possa colaborar positivamente com o nosso projeto no engajamento das nossas crianças.

E, este é o meu o meu pedido. Ajuda de vocês para realização desta palestra...

A culminância do projeto está previsto para o dia 16/05/2019 no turno matutino.

Desde já agradeço a sua atenção, e coloco-me a disposição para maiores esclarecimentos, ficarei na torcida para que possam em ajudar.

Att,

Bruna Schultz

Colégio Panorâmico  
Rua São João, 596  
Cariacica-Sede  
32541624

**Administração CP** <admcolegiopanoramico@gmail.com>  
Para: elissandra.fritoli@pc.es.gov.br

16 de abril de 2019 às 11:19

Bom dia,

Estou encaminhando novamente o e-mail para facilitar a sua busca.

Gostaria muito de tê-las em nossa escola palestrando para nossos alunos.

## APÊNDICE A.1 Convite Palestrante

07/10/2019

Gmail - Projeto Pedagógico - Violência contra a mulher

Aguardo retorno  
[Citação ocultada]

**Elissandra Caramuru Fritoli** <elissandra.fritoli@pc.es.gov.br>  
Para: Administração CP <admcolegiopanoramico@gmail.com>  
Cc: Fernanda de Souza Diniz <fernanda.diniz@pc.es.gov.br>

16 de abril de 2019 às 15:52

Boa tarde, Bruna.

A Dra. Fernanda informou que tem disponibilidade nesta data. Solicitou que informe: a idade do público, número de participantes da palestra, se existe alguma especificidade que queira que ela aborde dentro da temática de violência de gênero (ex.: Lei Maria da Penha), horário. Segue os contatos:

email - fernanda.diniz@pc.es.gov.br  
Telefones: 3136-3105 ou 9 9997-2635

**Elissandra Caramuru Fritoli**  
Assistente Social - PCES  
DEAM - Delegacia Especializada de Atendimento à Mulher de Cariacica  
Tel./ fax: 3136-3118

[Citação ocultada]

**Administração CP** <admcolegiopanoramico@gmail.com>  
Para: Elissandra Caramuru Fritoli <elissandra.fritoli@pc.es.gov.br>

17 de abril de 2019 às 07:43

Bom dia,

Que alegria, fomos honrados com a presença de vocês.,  
Vou encaminhar para o e-mail dela o projeto e as especificidades da palestra.,  
Também gostaria de poder falar com ela por telefone, pois nada como um bom diálogo para ajustar as explicações.

Desde já agradeço,

Aguardo vocês aqui.,  
[Citação ocultada]

## APÊNDICE B – Ofício Polícia Militar



**37 anos com você.**

**Mantenedora: Escola Menino Jesus de Praga Eireli**  
**Educação Infantil e Ensino Fundamental**  
**Rua São João, 596 – Cariacica – Sede – ES**  
**Tels.: 3254.1624**  
**Email: colegiopanoramico@gmail.com**

Ofício Circular nº 01

Cariacica, 25 de abril de 2019.

**Ao Senhor Marcelo Monteiro dos Santos**  
**Capitão da 4ª CIA – 7º BPM**

Prezado Senhor,

O colégio Panorâmico atuante há 37 anos na comunidade de Cariacica tem como prática pedagógica, além do ensino regular, trabalhar com projetos extracurriculares que tem como objetivo despertar a consciência cidadã em seus alunos e torná-los cidadãos preocupados com o bem estar social e valorização do outro. Diante de tantas estatísticas negativas a cerca da violência contra a mulher, nossa escola está realizando um projeto que tem como tema a **Violência contra a mulher**. Para isso no mês de abril trabalhamos com vídeos, rodas de conversa, debates, dentre outros.

No dia 16/05/2019 , nós faremos a culminância do nosso projeto com apresentações diversas sobre o tema e com uma palestra da **Dr.(a) Delegada Civil Fernanda Diniz, responsável pela Delegacia de Defesa da Mulher de Cariacica** . Expectativa de 200 convidados

Após a palestra **sairemos em passeata pacífica da escola até a Praça da Igreja Católica de Cariacica - Sede, ocupando apenas uma faixa do trânsito**, com o intuito de conscientizar a comunidade sobre esse problema que a nossa sociedade vive e alertar as mulheres sobre a importância da

## APÊNDICE B.1 – Ofício Polícia Militar

denúncia e do encorajamento de procurar as autoridades para proteção e punição dos indivíduos infratores.

**Para isso venho solicitar-lhe o acompanhamento de uma viatura policial para zelar pela proteção das crianças e responsáveis que estarão envolvidos, bem como dos pedestres e motoristas que fazem parte da via de locomoção.**

O tempo estimado para essa passeata será de aproximadamente 01h30min. Nosso evento iniciará as 07h30min da manhã, internamente na escola, e aproximadamente as 10h00min sairemos em passeata.

Agradecemos desde já e colocamo-nos a disposição para eventuais dúvidas e esclarecimentos.

Atenciosamente,



Bruna Schultz  
Professora  
9 99389893



Marilza Rosetti Chisté  
Diretora Administrador Escolar  
A.L.T.: 019/2009  
3254-1624

**Colégio Panorâmico**  
Rua São João, 504 - Castanheira Esq.  
Praça João Maria, Jd. do Povo, 1111  
At. Func. E. Infantil, Pra. 019/2009  
At. Func. E. E. J. Pra. 019/2009  
Recebimento dos CEI nº 17A79

Obs: Encaminhamos o nosso Projeto para a Rede Gazeta de televisão e os mesmos mostram-se interessados em cobrir o evento. Até o momento não foi confirmada a presença.

## APÊNDICE C – Ofício Polícia Militar: Viatura Maria da Penha



**37 anos com você**

**Mantenedora: Escola Menino Jesus de Praga Eireli**  
**Educação Infantil e Ensino Fundamental**  
**Rua São João, 596 – Cariacica – Sede – ES**  
**Tels.: 3254.1624**  
**Email: colegiopanoramico@gmail.com**

Ofício Circular nº 01

Cariacica, 25 de abril de 2019.

**Ao Senhor Paulo Roberto Schulz Barbosa**  
**Comandante Tenente-Coronel do 7º BPM**

Prezado Senhor,

O colégio Panorâmico atuante há 37 anos na comunidade de Cariacica tem como prática pedagógica, além do ensino regular, trabalhar com projetos extracurriculares que tem como objetivo despertar a consciência cidadã em seus alunos e torná-los cidadãos preocupados com o bem estar social e valorização do outro. Diante de tantas estatísticas negativas a cerca da violência contra a mulher, nossa escola está realizando um projeto que tem como tema a **Violência contra a mulher**. Para isso no mês de abril trabalhamos com vídeos, rodas de conversa, debates, dentre outros.

No dia 16/05/2019 , nós faremos a culminância do nosso projeto com apresentações diversas sobre o tema e com uma palestra da **Dr.(a) Delegada Civil Fernanda Diniz, responsável pela Delegacia de Defesa da Mulher de Cariacica** . Expectativa de 200 convidados.

Após a palestra **sairemos em passeata pacifica da escola até a Praça da Igreja Católica de Cariacica - Sede, ocupando apenas uma faixa do trânsito**, com o intuito de conscientizar a comunidade sobre esse problema que a nossa sociedade vive e alertar as mulheres sobre a importância da



## APÊNDICE C.1 – Ofício Polícia Militar: Viatura Maria da Penha

denúncia e do encorajamento de procurar as autoridades para proteção e punição dos indivíduos infratores.

Diante da temática do projeto solicito-lhe a liberação da Viatura Maria da Penha para que possa nos acompanhar no percurso e se mostrar visível às mulheres como forma de engajamento e empoderamento, além, claro de zelar pela proteção das crianças e responsáveis que estarão envolvidos, bem como dos pedestres e motoristas que fazem parte da via de locomoção.

O tempo estimado para essa passeata será de aproximadamente 01h30min. Nosso evento iniciará as 07h30min da manhã, internamente na escola, e aproximadamente as 10h00min sairemos em passeata.

Agradecemos desde já e colocamo-nos a disposição para eventuais dúvidas e esclarecimentos.

Atenciosamente,



Bruna Schultz  
Professora  
9 99389893



Marilza Rosetti Chisté  
Diretora  
3254-1624  
Administrador Escolar  
AUT.: 019/2009

**Corregio Panorâmico**  
Rua São João, 570 - Caxoeira Esq.  
Moi, São José do Rio Preto - SP  
Av. Paulo de Faria, 170 - Vila União, São José do Rio Preto - SP  
Av. Paulo de Faria, 170 - Vila União, São José do Rio Preto - SP  
Bairro: São José do Rio Preto - SP

Obs: Encaminhamos o nosso Projeto para a Rede Gazeta de televisão e os mesmos mostram-se interessados em cobrir o evento. Até o momento não foi confirmada a presença.

## APÊNDICE D – Convite: Mídia

07/10/2019

Gmail - Violência contra a Mulher -Projeto Pedagógico



Administração CP &lt;admcolegiopanoramico@gmail.com&gt;

### Violência contra a Mulher -Projeto Pedagógico

3 mensagens

Administração CP <admcolegiopanoramico@gmail.com>  
 Para: cdomingues@redgazeta.com.br  
 Cc: csousa@redgazeta.com.br

17 de abril de 2019 às 13:38

Boa tarde,

Eu me chamo Bruna Schultz, sou pedagoga do Colégio Panorâmico, mestranda e funcionária atuante a 10 neste estabelecimento e a 14 na educação.

Meu trabalho na Educação pauta-se na valorização do próximo e na expectativa de formar cidadãos críticos a do bem, que percebam a educação como forma de crescimento pessoal e profissional e no desejo de fazer algo pelo outro.

Gosto muito de trabalhar com projetos pedagógicos que possam estimular nossos alunos a fazer diferente, por isso, diante de tantas notícias e estatísticas que estamos tendo acesso sobre a violência contra a mulher, tive a ideia de trabalhar este tema em nossa escola, e mais do que isso, envolver a comunidade e auxiliar as mulheres que sofrem com esse tipo de violência.

Para isso criei o projeto : **Lugar de mulher é onde ela quiser**, que tem como objetivo engajar nossas alunas, desde a adolescência a não aceitar qualquer tipo de violência para que, quando adultas, possam buscar a lei para ampará-las e não ter medo de denunciarem.

Também trabalharemos com os alunos, o respeito, a valorização da mulher, a conscientização de que ela não é um objeto e que ela, como o homem, tem direitos e deveres que devem ser respeitados.

Durante o mês de abril estamos trabalhando este tema em diversas disciplinas : filme, debates, estatísticas, rodas de reflexão, confecção de cartazes informativos, dentre outros.

**No dia 16/05/2019 às 08:00 será a nossa culminância** . Neste dia teremos a apresentação de um coral de alunos que cantará a música Maria, Maria de Milton Nascimento, a declamação de um cordel que fala sobre a mulher e a apresentação de um grupo de dança, e **a participação honrosa de uma delegada atuante na Delegacia de Defesa da Mulher de Cariacica que palestrará sobre o tema.**

**O público alvo são nossos alunos que possuem idade entre 10 e 15 anos, os pais que serão convidados e a comunidade.**

O tema da palestra é justamente a vivência da delegada sobre o assunto: relatos pessoais, engajamento as meninas e conselhos para os meninos que serão os futuros homens, espero que não violentos....

Após as apresentações e a palestra, **vamos sair da escola, com cartazes reflexivos, entregando panfletos para a comunidade até a Praça Central da Igreja Católica e retornaremos para a Escola. Neste dia, em especial é o dia em que acontece a feira de Cariacica, e neste local conseguiremos atingir as pessoas da Sede e dos Bairros adjacentes.**

Sobre a passeata já encaminhamos ofício para a delegacia de Cariacica, temos um pai de aluno que é policial e está nos orientando e fazendo toda a intermediação com o Capitão.

Segundo ele, teremos uma viatura que seguirá os alunos no trajeto, e na frente da passeata ele está tentando conseguir uma viatura que tem o Nome Maria da Penha, para demonstrar ainda mais a comunidade nosso engajamento na luta contra a defesa da Mulher. Esta viatura ainda não está confirmada.

Encaminho o projeto pedagógico em anexo para que vocês possam ter uma noção exata dos trabalhos e movimentos que a nossa escola está fazendo.

**Por fim, gostaria muito que a imprensa pudesse cobrir este evento com o intuito de motivar outras escolas a trabalharem projetos pedagógicos e estimularem nossas crianças desde cedo a terem este espírito empreendedor, valoroso e responsáveis pelo futuro do nosso país. Gostaríamos, em especial, que este renomado veículo de comunicação, que é a Rede Gazeta, cobrisse nosso evento, pois temos a certeza de vocês fazem um jornalismo pautado na qualidade e no engajamento de informar e mobilizar a comunidade sobre diferentes temas.**

Coloco-me a disposição e agradeço desde já a atenção disponibilizada.

## APÊNDICE D.1 – Convite: Mídia

07/10/2019

Gmail - Violência contra a Mulher -Projeto Pedagógico

**Informações Gerais:** Colégio Panorâmico

**Contato:** Bruna Schultz ( Pedagoga e administração escolar)

**Endereço:** Rua São João, 596, CEP: 29156-175 - Cariacica- Sede-ES

**Ponto de referência:** ao lado dos Correios de Cariacica-Sede

**Telefone:** 3254-1624 / 9 99389893

**Data do evento :** 16/05/2019

**Horário:** início às 08:00 e finalização às 11:30

**Nome do Projeto:** Lugar de Mulher é onde ela quiser

**Palestrante:** Delegada da Delegacia de Defesa da Mulher de Cariacica ( não fui autorizada a divulgar o nome ainda, pois ela pedirá autorização aos superiores para eventuais divulgações da mídia)

Att,


Bruna Schultz

Colégio Panorâmico  
Rua São João, 596  
Cariacica-Sede  
32541624/ 9 99389893

Att,

Bruna Schultz

Colégio Panorâmico  
Rua São João, 596  
Cariacica-Sede  
32541624

 **Projeto Violência contra a mulher.doc**  
2997K

Administração CP <admcolegiopanoramico@gmail.com>  
Para: cdomingues@redegazeta.com.br

9 de maio de 2019 às 11:38

Bom dia,

Encaminho novamente o projeto e toda a introdução...


Já obtivemos a confirmação da Delegada Fernanda Diniz da delegacia de defesa da mulher de Cariacica, bem como o suporte da polícia que nos acompanhará no percurso.

Aguardo a confirmação de vocês.

[Citação oculta]



Livre de vírus. [www.avast.com](http://www.avast.com).

 **Projeto Violência contra a mulher.doc**  
2997K

Camila Sandrini Domingues <cdomingues@redegazeta.com.br>  
Para: Administração CP <admcolegiopanoramico@gmail.com>

9 de maio de 2019 às 11:46

Bom dia,

Agora sim! Recebido.

Att.,

## APÊNDICE E – Autorização para uso da imagem e depoimento de pesquisa

AUTORIZAÇÃO	
Eu, _____	portador (a)
do RG nº: _____	autorizo meu (minha) filho(a)
a _____	da turma
_____ participar da pesquisa acadêmica para conclusão do curso de mestrado em Ciências, Tecnologia e Educação da Faculdade Vale do Cricaré da pesquisadora <b>Bruna Silveira Schultz</b> , portadora do CPF 089.649.737.20, funcionária da Instituição de Ensino Escola Menino Jesus de Praga Eireli.	
O trabalho científico consiste na participação do aluno no uso da imagem, como composição de <b>um vídeo a ser gravado na própria escola para servir de modelo em uma História em Quadrinhos e como relato do aluno (a) sobre as aulas de língua portuguesa.</b>	
A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem acima mencionada em todo território nacional e no exterior, podendo ser utilizado ainda das seguintes formas:	
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Folhetos em geral (encartes, mala direta, catálogo, etc.);</li> <li>• Folder de apresentação;</li> <li>• Anúncios em revistas e jornais em geral;</li> <li>• Mídias eletrônicas (painéis, vídeo-tapes, televisão, cinema, programa para rádio, internet, entre outros).</li> </ul>	
Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro, e assino a presente autorização.	
Declaro serem verdadeiras as informações deste documento.	
Cariacica-ES, ____ de _____ de 20__	
_____ (Assinatura do Responsável)	

## APÊNDICE F – Produto: História em Quadrinhos

“A vida é um história em quadrinhos, do qual cada dia é um capítulo e cada um de nós somos meros personagens.”

D. Martins

### SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	141
UMA MALUQUINHA NA SALA DE AULA.....	142
HISTÓRIA EM QUADRINHOS COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA.....	178
REFERÊNCIAS .....	193

## APRESENTAÇÃO

Esta História em Quadrinhos foi criada para demonstrar como o trabalho com a personagem ficção surgiu e como foi o desenvolvimento da conexão entre os alunos e a professora regente, ela representa a eternalização da personagem e da sua história docente.

É importante ressaltarmos como a espetacularização e o show estiveram presente em todo o seu trabalho e didática de ensino e como ela pode ser uma ferramenta de apoio na sala de aula, seja através do incentivo em promover um ensino diferenciado ou seja através da revista em quadrinhos como ferramenta pedagógica de incentivo a leitura ou qualquer outro trabalho que se queira desenvolver.

A História em Quadrinho foi escolhida como produto do trabalho de Mestrado, pois na visão da autora, ela vem para concretizar o fenômeno que a Professora Maluquinha se tornou e como as mídias influenciam as criações.

Irreverente e caricta como sempre apareceu em toda a sua trajetória autoetnográfica, não poderia ter outro produto se não a HQ, que é considerada um tipo de leitura mais dinâmica e atrativa para a geração que chamamos ao longo do trabalho: espetacularizada.

A espetacularização da língua portuguesa transcedeu e eternizou-se nesta história, baseado nos relatos pessoais da professora regente e criou uma atmosfera ficcional e ao mesmo tempo real, pois todos os personagens são pessoas comuns “ *prontas para mostrar o espetáculo cada vez mais estridente: o show do eu*” Paula Sibilia.

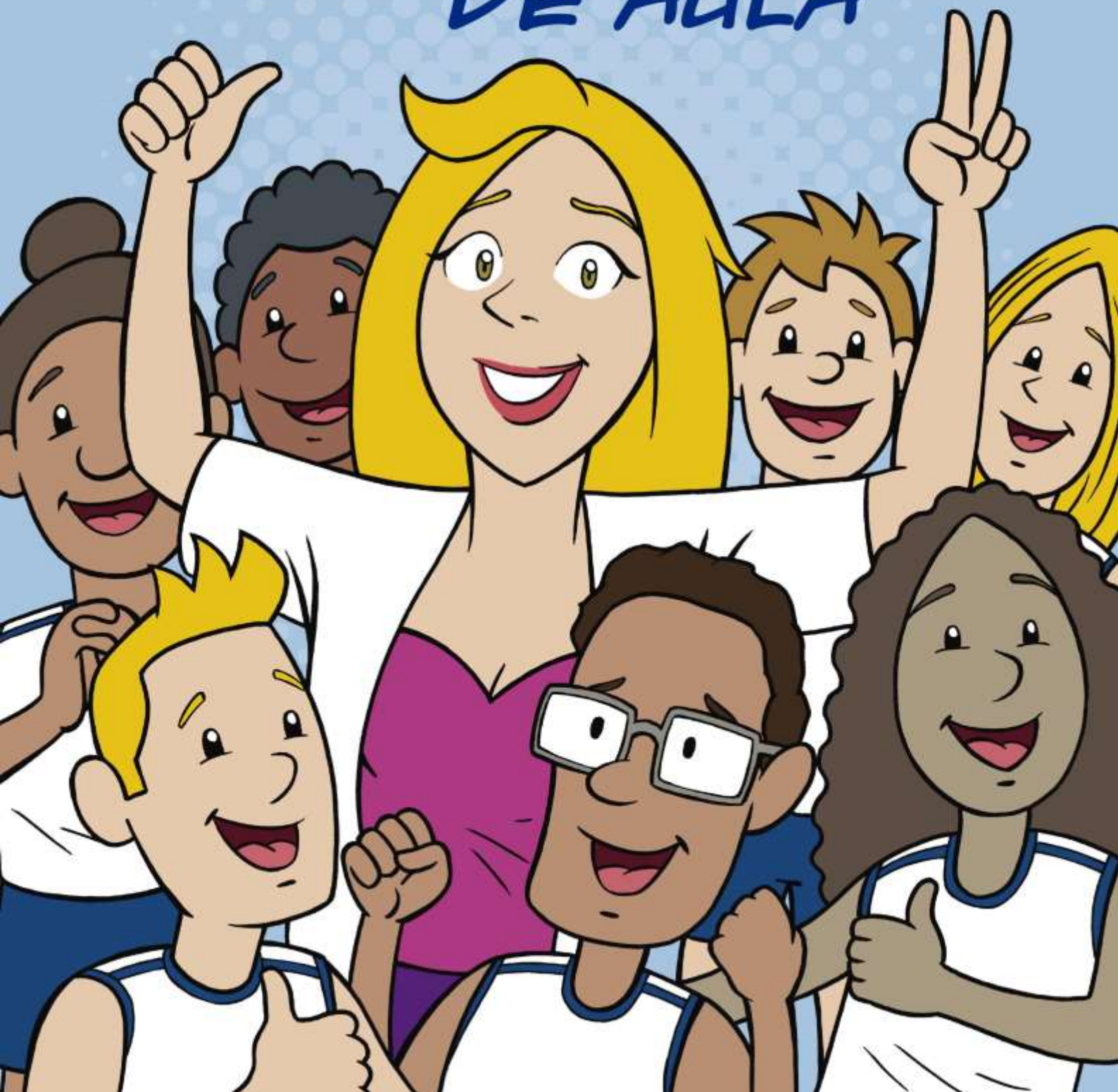
E nesta atmosfera lúdica que mistura o real e a ficção traremos os incentivos necessários para que todos transformem suas aulas em um grande espetáculo!!!

**Bruna Silveira Schultz**

Bruna Schultz

LIMA

# MALUQUINHA NA SALA DE AULA



TEXTO DE BRUNA SCHULTZ

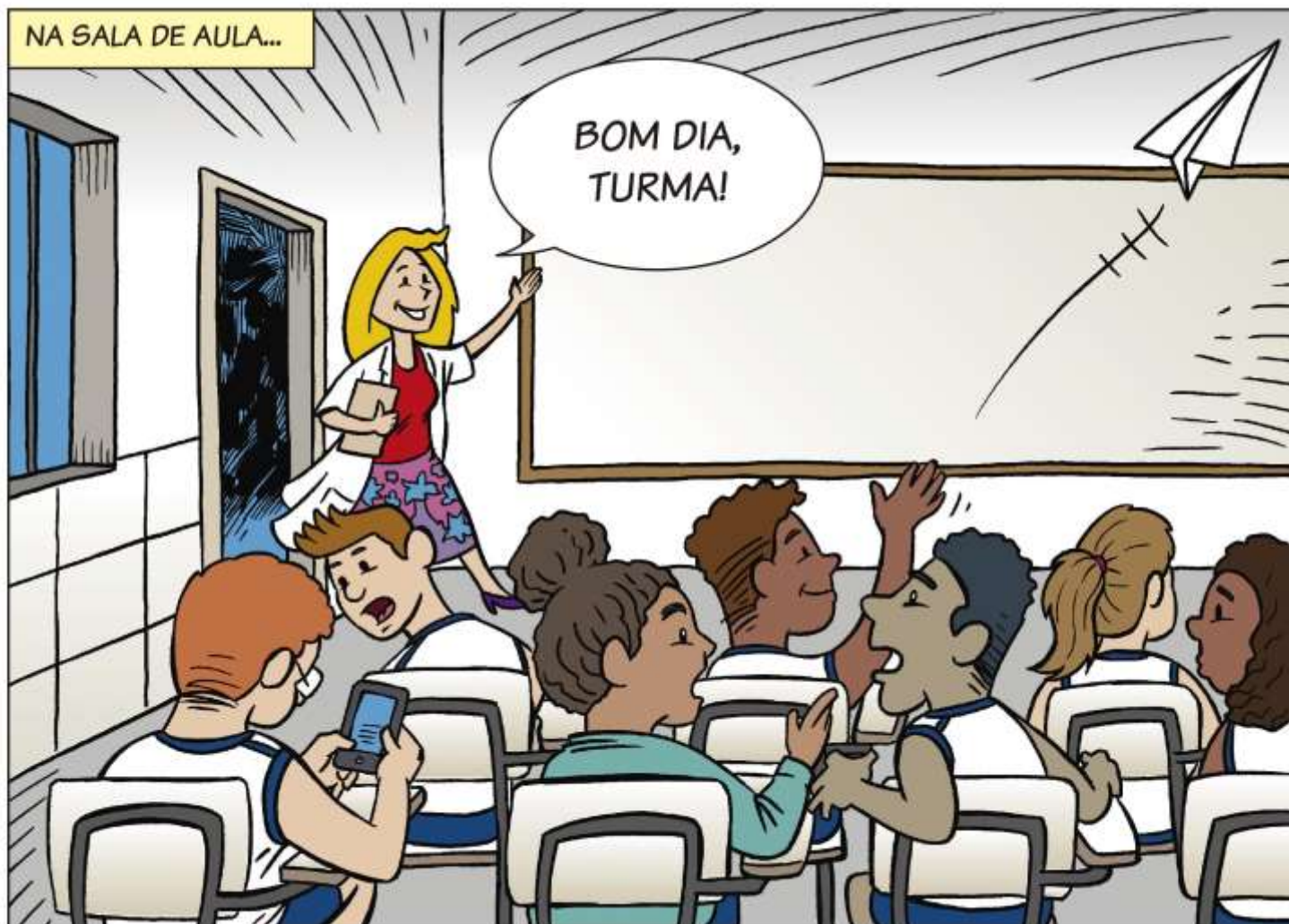
DESENHOS DE ILVAN FILHO

CONTATO:  
[bruna.schultz@hotmail.com](mailto:bruna.schultz@hotmail.com)

ASSISTA AO SHOW DA MALUQUINHA AO VIVO!









MAIS TARDE...

ESTÁ CADA DIA MAIS DIFÍCIL AGRADAR ESTA GERAÇÃO!



O QUE VOCÊ TANTO PENSA AÍ, PROFESSORA?

ESTÁ DESANIMADA? LOGO VOCÊ QUE É TÃO PARA CIMA!



COMO ESTÁ DIFÍCIL CHAMAR A ATENÇÃO DAS CRIANÇAS PARA AULA!

PLANEJO AULAS TÃO LEGAIS E ELES NÃO TÊM INTERESSE NENHUM!

TÃO DIFERENTE DO QUE IMAGINEI QUANDO QUIS SER PROFESSORA!



JÁ ESTOU QUASE ME APOSENTANDO, E PERCEBI COMO A EDUCAÇÃO MUDOU!

ANTIGAMENTE ELES TINHAM MAIS RESPEITO! FAZIAM TODAS AS TAREFAS! ERAM MAIS EDUCADOS E INTERESSADOS!



AGORA PARECE QUE SÓ VÊM PARA ESCOLA PORQUE SÃO OBRIGADOS!



EM OUTRA SALA...



MEU DEUS!  
É EM TODAS  
AS SALAS!

OS ALUNOS  
NÃO ESTÃO NEM  
AÍ PARA O QUE  
TEMOS PARA  
ENSINAR!

ELES SÓ  
QUEREM  
CELULAR, TV,  
JOGOS!...



ONDE A  
EDUCAÇÃO  
VAI PARAR  
ASSIM?

E NÓS,  
PROFESSORES,  
SERÁ O FIM?

SEREMOS  
SUBSTITUÍDOS  
PELOS  
CELULARES?

MAIS TARDE...

EU NÃO ENTENDO NADA QUE AQUELE PROFESSOR FALA!

EU NEM TENTO! PARA QUE PRECISO SABER SOBRE AQUILO? ELE FALA COISA COM COISA!

EU ENTENDO, MAS ME DÁ UM SONO A AULA DAQUELA OUTRA PROFESSORA!

AINDA BEM PORQUE ASSIM VOCÊ PODE NOS EXPLICAR DEPOIS, POIS O JEITO QUE ELES FALAM É ESTRANHO, MAIS DIFÍCIL!

A VERDADE É QUE AS AULAS SÃO MUITO CHATAS!

TODOS OS DIAS A MESMA COISA!

FICAR NO CELULAR É BEM MAIS LEGAL!

PREFIRO FICAR EM CASA E VER VÍDEOS!

QUANTAS DESCOBERTAS EU FIZ HOJE OBSERVANDO OS ALUNOS!

MAS E AGORA QUE EU SEI DE TUDO ISSO O QUE EU POSSO FAZER PARA MUDAR A FORMA DE ENSINAR?

SOU APENAS UMA PROFESSORA DE PORTUGUÊS!









PIRULITO QUE BATE, BATE, PIRULITO QUE JÁ BATEU...



ESCRAVOS DE JÓ JOGAVAM CAXANGÁ!...



LE-PO-TE-CA!...



MARCHA SOLDADO CABEÇA DE PAPELI...



É ISSO! TIVE UMA IDEIA!



MAS SERÁ QUE VAI DAR CERTO?

BOM, SE EU NÃO TENTAR, NÃO VOU SABER!

NO OUTRO DIA...

BOM DIA, PESSOAL!  
ESTIVE PENSANDO NA NOSSA  
AULA DE ONTEM SOBRE  
PRONOMES E GOSTARIA DE  
DESAFIAR VOCÊS!

VOU  
DESAFIAR  
VOCÊS!

ÁÍ, GALERA!  
OLHA A PROF  
CANTANDO  
FUNK!

VAMOS VOLTAR  
A NOSSA INFÂNCIA  
E RELEMBRAR AS  
MUSIQUINHAS QUE  
APRENDEMOS LÁ  
NO JARDIM!

MAS VAMOS  
APENAS UTILIZAR A  
MELODIA DESSAS  
MÚSICAS!

A LETRA EU  
TROUXE PARA  
VOCÊS!

QUAL  
VAI SER O  
DESAFIO?

ÁÊ, PROFESSORA  
AGORA VIROU CANTORA!  
TÁ ATÉ COMPONDO!



## PRONOMES POSSESSIVOS (PARÓDIA LE-PO-TE-CA)



## PRONOMES OBLÍQUOS (PARÓDIA ESCRAVOS DE JÓ)



## PREPOSIÇÃO (PARÓDIA PIRULITO QUE BATE E BATE)



DEPOIS QUE A AULA ACABA...

NEM ACREDITO QUE TRABALHEI OS PRONOMES HOJE E, DE QUEBRA, APROVEITEI PARA RELEMBRAR AS PREPOSIÇÕES!



VOU MELHORAR AINDA MAIS ESTÁ AULA! ACHO QUE TENHO QUE USAR ALGUM ACESSÓRIO PARA DIFERENCIAR A CANTORA DA PROFESSORA!



HUM, JÁ SEI!

NO OUTRO DIA...

BOM DIA, TURMA!



VAMOS FAZER AQUELA AULA COM MÚSICA DE NOVO PROFESSORA?!



DE NOVO?... HUM!...



CLARO!!





## PRONOMES INTERROGATIVOS (REGGAE)



QUE, QUAL, QUANTO,  
COMO, PORQUE?

QUE?  
QUAL?  
QUANTO?  
COMO?  
POR QUÊ?

QUE, QUAL, QUANTO,  
COMO, PORQUÊ? (2X)

## PRONOMES DEMONSTRATIVOS (PARÓDIA SAMBA LELÊ)



SAMBA LELÊ  
TÁ DOENTE, TÁ COM A  
CABEÇA QUEBRADA!

SAMBA LELÊ  
PRECISAVA  
É DE UMA BOA  
ESTUDADA:

ESTE, ESTA, ESTES,  
ESTAS, ISTO

ESSE, ESSA, ESSAS,  
ESSAS, ISSO

AQUELE, AQUELA,  
AQUELES, AQUELAS,  
AQUILO (2X)

NO RECREIO...

ESSA PROFESSORA É MUITO LEGAL!

AGORA EU ATÉ ESTOU ENTENDENDO ESSES TAIS DE PRONOMES!

FORA QUE AS MÚSICAS GRUDAM NA NOSSA CABEÇA IGUAL CHICLETE!



ONTEM EU ME PEGUEI CANTANDO! QUE DOIDO!

DOIDO NADA! ELA QUE É DOIDA! MALUCA!

ELA É A NOSSA PROFESSORA MALUQUINHA!!





NA SECRETARIA...

AS CRIANÇAS ESTÃO TÃO ANIMADAS ULTIMAMENTE! O QUE VOCÊ FEZ?

NADA, APENAS PASSEI A OBSERVAR MAIS OS ALUNOS E PERCEBER COMO ELES QUEREM APRENDER!



E ALUNO TEM QUE QUERER APRENDER?



CLARO! ESSA É UMA GERAÇÃO DIFERENTE DA NOSSA ÉPOCA.

ELES NÃO PERCEBEM A ESCOLA COMO O ÚNICO LOCAL DE APRENDIZAGEM!

ELES APRENDEM DE TANTAS FORMAS!

A MÍDIA É MUITO FORTE NA VIDA DESSAS CRIANÇAS E ISSO INFLUENCIA MUITO!

VERDADE! AGORA, TUDO É CELULAR, TABLETE... COMO AS COISAS MUDARAM!





UM NOVO DIA DE AULA...





DEPOIS, NA SALA DOS PROFESSORES...

OS ALUNOS  
TEM GOSTADO  
BASTANTE DA  
SUA AULA!

ELES ESTÃO  
COMENTANDO!



QUE LEGAL!  
AS AULAS TÊM SIDO  
BEM DIVERTIDAS  
MESMO!

ATÉ O COMPORTAMENTO  
DELES MUDOU! ESTÃO MAIS  
DISCIPLINADOS, AMÁVEIS E  
COLABORATIVOS!



SÉRIO?  
ISSO, SIM, É UM  
MILAGRE!

SE NOS APROXIMARMOS  
MAIS DOS ALUNOS E  
ESTABELECERMOS UMA CONEXÃO  
COM ELES E COM O MUNDO  
DELES, TUDO MUDA!



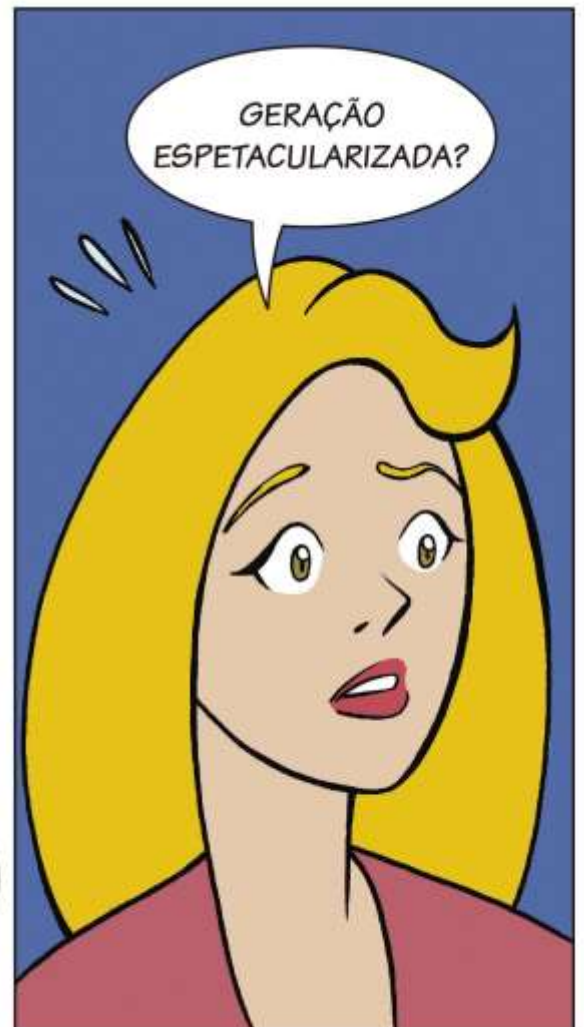
MAS SERÁ  
QUE NÓS TAMBÉM  
CONSEGUIMOS?

EU NÃO  
QUERO CANTAR COM  
UM MICROFONE-  
PINCELI!





MAIS TARDE, MALUQUINHA TOMA UM CAFÉ COM SUA EX-PROFESSORA DE FACULDADE...





NUM OUTRO DIA, EM UMA REUNIÃO DOS PROFESSORES E A PEDAGOGA DA ESCOLA...









ESTE FOI APENAS O PRIMEIRO PROJETO QUE OS PROFESSORES REALIZARAM! MUITOS OUTROS TEMAS FORAM SURGINDO:



ALGUNS MESES DEPOIS...

O TEXTO QUE NÓS VAMOS LER FALA DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER!

PROFESSORA, MINHA VIZINHA APANHA DIRETO DO MARIDO!

EU VI ONTEM NO JORNAL QUE UMA MULHER FOI MORTA PELO SEU MARIDO QUANDO SE SEPAROU!

ISSO MESMO, PESSOAL, A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER ESTÁ CRESCENDO A CADA DIA!

E ISSO É MUITO PREOCUPANTE!

POR QUE NÃO FAZEMOS UM PROJETO SOBRE A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER?

VAMOS FALAR COM A PROFESSORA DE ARTE PARA FAZERMOS UNS CARTAZES!

SERIA MUITO LEGAL!

ESTOU GOSTANDO DESSA IDEIA!

MAS E SE SAIRMOS NAS RUAS DO BAIRRO, COM GRITOS DE ORDEM, DIZENDO NÃO A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER?!

NO MÊS SEGUINTE...

HOJE  
VAMOS FALAR  
DE UM TEMA  
MUITO SÉRIO!

VAMOS DIZER  
NÃO À VIOLÊNCIA  
CONTRA A  
MULHER.

PORQUE  
LUGAR DE  
MULHER...



É ONDE  
ELA QUISER!!



ESTOU MUITO  
FELIZ COM ESTE  
PROJETO, E COM  
O ANO QUE  
TIVEMOS!

HOJE, ME  
SINTO UMA  
PROFESSORA  
REALIZADA!

SEI QUE  
ESTOU FAZENDO  
MAIS DO QUE  
SÓ TRANSMITIR  
MATÉRIAS!

HOJE,  
PERCEBO QUE A  
EDUCAÇÃO FAZ A  
DIFERENÇA PARA  
CADA UM DE  
VOCÊS!

EU QUERO  
MUITO AGRADECER AOS  
PROFESSORES, QUE ACREDITARAM  
NO MEU SONHO MALUCO DE  
TRANSFORMAR A EDUCAÇÃO  
EM DIVERSÃO!!







PARA MIM, CRIAR O VÍNCULO AFETIVO COM MEUS ALUNOS FOI O PRIMEIRO PASSO PARA O SUCESSO! AS OUTRAS COISAS FLUEM NATURALMENTE QUANDO ESTABELECEMOS CONEXÕES ENTRE O MUNDO DOS ALUNOS E O NOSSO MUNDO DIDÁTICO DE EDUCADORES.

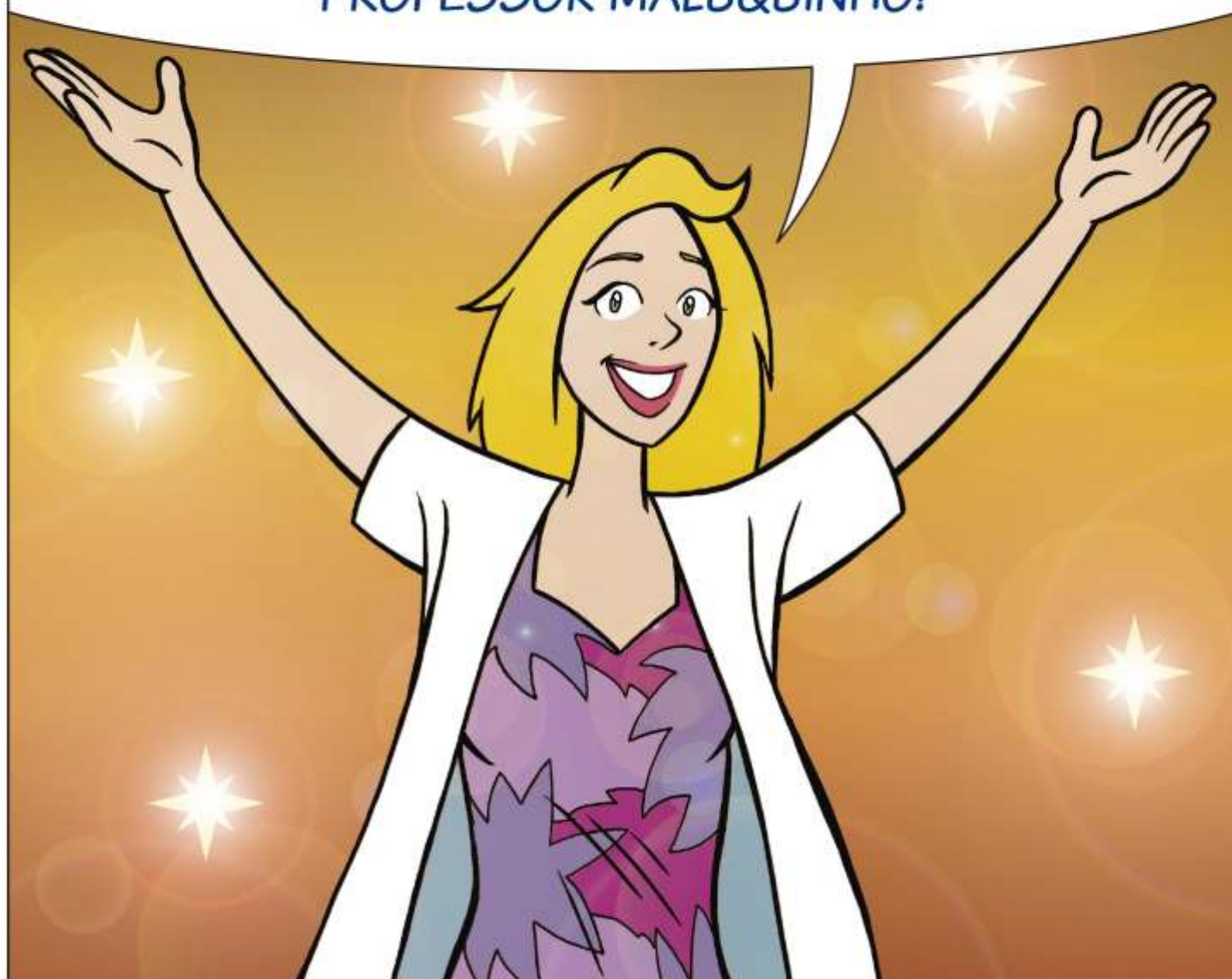
NÃO DEVEMOS OLHÁ-LOS POR CIMA, COMO DETENTORES DO SABER, E ELES COMO CAIXAS VAZIAS A ESPERA DE ALGO. DEVEMOS OBSERVÁ-LOS E PERCEBER ATRAVÉS DAS SUAS ATITUDES O QUE SERIA UMA AULA MOTIVADORA. FOI OBSERVANDO-OS QUE A MALUQUINHA SURTIU, FOI PERMITINDO QUE ELES FALASSEM, QUE ELES CRIASSEM, QUE A MÁGICA SURTIU, QUE A FICÇÃO SE TORNOU REALIDADE E QUE O SHOW COMEÇOU!

TUDO POR MEIO DE UMA BRINCADEIRA, MAS UMA BRINCADEIRA CAPAZ DE ENSINAR!

E A PARTIR DISTO, ESTOU AQUI, FALANDO COM VOCÊ, LEITOR, E TE MOSTRANDO QUE TUDO É POSSÍVEL, INCLUSIVE NA ESCOLA. OBSERVE MAIS OS SEUS ALUNOS, ELES TEM MUITO PARA TE ENSINAR!

E AGORA VAMOS PARA O SHOW, PORQUE O ESPETÁCULO NÃO PODE PARAR, E COMO DIZIA GUY DEBORD: "O QUE APARECE É BOM, O QUE É BOM PRECISA APARECER"

**VENHA VOCÊ TAMBÉM SE TORNAR UM  
PROFESSOR MALUQUINHO!**







UMA  
**MALUQUINHA**  
NA SALA  
DE AULA



## HISTÓRIA EM QUADRINHOS COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA

Atualmente, as histórias em quadrinhos representam um meio de comunicação dinâmico e atraem um público cada vez maior. No entanto, mesmo com a intensificação de diferentes meios de comunicação e mídias cada vez mais modernas, os apaixonados por histórias em quadrinhos permanecem fiéis e ansiosos por novas histórias.

A tecnologia e a profissionalização de pessoas que trabalham nessa área têm se ampliado, resultando em um processo de criação e diagramação cada vez mais moderno, visando manter-se “vivo” no cenário tecnológico global.

Diante desse cenário moderno e ávido por uma leitura dinâmica e atrativa, as HQs foram conquistando cada vez mais leitores e ocupando diferentes espaços, não só de entretenimento, mas de aprendizagem.

Muitos professores já utilizam as HQs como ferramenta no processo de ensino-aprendizagem. No entanto, ainda há muita discussão sobre isso, pois alguns docentes ainda tem a ideia de que as HQs podem tornar os leitores viciados em frases interjetivas e simplórias, limitando-os a um crescimento literário menos complexo e eficaz.

É claro que essa postura relaciona-se bastante com o surgimento das histórias em quadrinhos e os contextos em que elas foram empregadas. Segundo Alexandre Barbosa (2010), as histórias em quadrinhos foram condenadas pelo psiquiatra alemão Frederic Wertham, nos Estados Unidos, que alegou que elas estimulavam os jovens adolescentes a cometer crimes e violência, baseados na leitura dos quadrinhos.

Assim utilizando-se de exemplos escolhidos a dedo e com rigor científico questionável, o psiquiatra tentava provar como as crianças que recebiam influências dos quadrinhos apresentavam as mais variadas anomalias de comportamento, tornando-se cidadãos desajustados na sociedade. (BARBOSA,p.12,2010)

Vários países, influenciados pelos Estados Unidos, criaram essa áurea negativa a respeito dos HQs, alguns países, inclusive, estabeleceram uma legislação para a publicação das histórias com o intuito de restringir qualquer tipo de publicação considerada perigosa.

Adepta dos leitores mais jovens, as HQs por muitas décadas ficaram estigmatizadas como sendo um texto pobre e de baixo status acadêmico. Além disso, muitos

acreditavam que elas influenciavam o baixo rendimento escolar e o relacionamento social, estigmatizando-as e impedindo seu desenvolvimento no mundo acadêmico.

Como, portanto, acreditar que as Histórias em Quadrinhos podem ser consideradas ferramentas pedagógicas?

Com o desenvolvimento tecnológico e os avanços nos meios de comunicação, às histórias em quadrinhos receberam mais atenção da “elite intelectual” e se tornaram uma forma de manifestação artística e com características próprias.

O despertar para as histórias em quadrinhos começou na Europa, e “muitas barreiras contra ela foram quebradas e anuladas”, conforme afirma Alexandre Barbosa (2010), facilitando seu uso no campo educacional rapidamente.

Inicialmente, foram convertidas algumas histórias de livros consagrados da literatura em HQs e, depois, também foram sendo usadas no campo religioso, a fim de fabular ensinamentos e valores às crianças, já que sua leitura é fácil e atrativa. Consequentemente, conquistou seu lugar e passou a ser utilizada em vários campos pedagógicos.

A aparição das HQs inicialmente ocorreu de forma tímida. Primeiramente, foi em livros didáticos com ilustrações de matérias e, posteriormente, adquiriu mais visibilidade, com muitos autores e editoras famosas utilizando esse recurso em suas produções. A partir daí as barreiras foram realmente derrubadas e muitos professores passaram a utilizá-las em suas aulas como elemento agradável e facilitador para explicar conteúdos de suas disciplinas.

Mesmo com algumas rejeições por parte de professores que viveram na época em que as HQs eram depreciadas, hoje, a utilização desse gênero já é reconhecido pela Lei de Diretrizes e Base da Educação e pelos Parâmetros Curriculares Nacionais. Esses documentos legais mencionam a importância desse gênero como ferramenta para aproximar os alunos de sua língua materna e como recurso facilitador que ela pode ser para a aprendizagem.

Os alunos adaptam-se facilmente a essa leitura, pois esse gênero cria uma aproximação com o texto lido, motivando-os ao conteúdo das aulas e desafiando seu senso crítico. A forma como são escritas, os personagens caricatos, as situações vividas por eles, a mistura de sons, imagens e palavras contribuem para a compreensão e o envolvimento com o texto.

Uma série de elementos dentro da história podem ser utilizados como recursos pedagógicos: o texto em si, a legenda, os balões, as características dos personagens etc. É possível utilizar vários elementos dessas histórias e criar infinitas possibilidades de trabalhos pedagógicos.

Além do mais, também iniciar o incentivo à leitura com as HQs e, posteriormente, com os livros. Apesar de se constituir uma linguagem fixa, o texto em quadrinhos requer uma criticidade para ler a história e grande atenção, pois vários elementos estão eliptizados em seus quadros.

Trata-se, portanto, de um gênero textual que pode ser chamado de globalizante, visto que tem a capacidade de incentivar a integração entre diferentes áreas de conhecimento, possibilitando, assim, realizar um trabalho interdisciplinar e com diferentes formas de interpretação.

Muitas são as razões para trabalhar as HQs trabalhadas em sala de aula, não há uma regra ou uma receita mágica, mas sim algumas possibilidades. No entanto, vale destacar que o uso da história em quadrinhos deve ser planejado e pensado previamente pelo professor para que seus objetivos didáticos sejam de fatos alcançados.

A revista em quadrinhos disponibilizada como produto do mestrado pode ser trabalhada de diferentes formas, além da proposta principal, que é incentivar os educadores a criar ferramentas pedagógicas diferenciadas, cuja finalidade mais importante é conduzir e estimular os alunos para um saber ativo. Neste estudo serão citadas algumas possibilidades de trabalho com HQs no ambiente escolar:

É sempre válido ressaltar que o professor tem total liberdade para criar e recriar infinitas formas de trabalhar a revista em quadrinhos e transformar esse momento de entretenimento em aprendizagem.

## Proposta 1

Tema: Gênero textual HQ

Objetivo: Apresentar as características do gênero textual HQ, destacando dentro da Revistinha todos os seus elementos: balões como representação das falas e dos pensamentos, tipos de balões, onomatopeias, espaço, tempo, história em quadros, desenhos, expressões dos personagens, tipos de personagens, quadros, linguagem verbal e não verbal, intertextualidade, ensinamentos possíveis, intenção do autor, narração, interjeições, frases curtas etc.

Como fazer: Pedir para os alunos lerem a história e apontarem alguns elementos textuais típicos da HQ. Com base nisso, o professor e os alunos devem definir as características desse gênero.



## Proposta 2

Tema: Interjeições

Objetivo: Utilizar a história em quadrinhos para explicar sobre as interjeições, a forma de utilizá-las na linguagem oral e sua importância dentro do texto. Informar que as interjeições não aparecem apenas nos textos em quadrinhos, mas em qualquer narração que imita a fala dos personagens em sua essência.

Como fazer: Após o professor explicar para os alunos o conceito de interjeição, auxiliá-los no processo de identificação dentro do texto e estimulá-los a buscar em outros gêneros textuais e em meios de comunicação como propaganda, outdoor etc.



### Proposta 3

Tema: Intertextualidade

Objetivo: Compreender a intertextualidade

Como fazer: O professor pode utilizar a revistinha para exemplificar a intertextualidade existente no texto e mencionar que vários autores utilizam esse recurso linguístico para homenagear outro autor ou para fazer os textos dialogarem, reforçando a ideia de um e de outro. É comum isso ocorrer na Língua Portuguesa e, para que o aluno tenha essa percepção, é necessário um conhecimento prévio acerca de vários textos. Em geral, quando ocorre intertextualidade nas HQs, observa-se que são de textos conhecidos pelo público a que se destinam as histórias.





#### Proposta 4

Tema: Tipos de linguagem: verbal, não verbal e mista

Objetivo: Utilizar a revista para demonstrar como ocorrem os três tipos de linguagem.

Como fazer: Após explicar os tipos de linguagem solicitar ao aluno para encontrá-los no texto e, baseado nisso, dialogar por meio de outros recursos os tipos de linguagem presentes no dia a dia.



## Proposta 5

Tema: Gênero Narrativo

Objetivo: Criar um paralelo entre o gênero Quadrinhos e o narrativo, de modo a facilitar a compreensão de um gênero mais complexo.

Como fazer: Explicar o gênero narrativo e suas características com base na história em quadrinhos. Isso proporcionará ao aluno uma proximidade maior com o gênero e facilitará seu aprendizado. Por meio das características semelhantes do gênero HQ e do narrativo o professor poderá contemplar outras características da narração e iniciar a problematização das diferenças encontradas em cada gênero textual, apresentando também sua unidade.



## Proposta 6

Tema: Sala de aula invertida

Objetivo: Estimular os alunos que já possuem conhecimento prévio do assunto a ser trabalhado pelo professor, a fim de gerar aulas mais produtivas e participativas.

Como fazer: Solicitar aos alunos para pesquisar sobre interdisciplinaridade ou metodologias ativas, citadas no texto e, após essas pesquisas, problematizar o assunto. Após os debates, pedir que leiam a história e identifiquem esses elementos no contexto escolar da Professora Maluquinha.



## Proposta 7

Tema: Reflexão comportamental: alunos e professores

Objetivo: Fazer com que os alunos percebam os diversos conflitos emocionais e sociais vividos pelos personagens da história.

Como fazer: Após a leitura da história, o professor pode estimular debates sobre os aspectos emocionais e comportamentais dos alunos e dos professores. A história também pode ser utilizada como introdução de uma reunião pedagógica ou como análise para a desmotivação de alunos e de professores.



## Proposta 8

Tema: Adequação e inadequação da fala

Objetivo: Demonstrar as diferentes situações de formalidade e informalidade do falante e a importância de adequar a linguagem.

Como fazer: A revista pode ser ponto de apoio para demonstrar a importância de o falante da Língua Portuguesa saber utilizar sua fala de acordo com a situação vivida e também saber exatamente o momento de utilizar uma linguagem mais formal e, em outras situações, a linguagem informal. Há vários trechos na HQ em que a professora mostra o uso da linguagem formal e informal, bem como se utiliza de gírias para criar uma proximidade com seus alunos, a fim de alcançá-los.



## Proposta 9

Tema: Pontuação

Objetivo: Ensinar os diversos sinais de pontuação que utilizados na escrita e suas funções dentro do texto.

Como fazer: O trabalho com os sinais de pontuação podem ser iniciados analisando os quadrinhos e a forma como eles foram empregados. É importante despertar a atenção dos alunos para cada sinal e identificar suas características, problematizando as situações e conduzindo-os a construir as regras de pontuação da Língua Portuguesa junto com o professor com base em suas análises.



## Proposta 10

Tema: Paródias

Objetivo: Explicação do gênero e identificação de suas características com texto HQ.

Como fazer: A história está repleta de paródias e criações; o professor pode utilizar a revista para explicar o gênero paródia e incentivar os alunos a recriar as músicas com novas paródias. Além disso, o professor pode resgatar as cantigas populares que foram usadas como base para criar as paródias da Professora Maluquinha.



## Proposta 11

Tema: Fala e escrita

Objetivo: Demonstrar para os alunos a proximidade entre a fala e a escrita.

Como fazer: Estimulá-los na identificação dos elementos típicos da oralidade presentes nas HQs. Demonstrar que a escrita é a contextualização da fala e que ambas possuem um papel importante na construção dos textos.





## Proposta 12

Tema: Gramática

Objetivos: Trabalhar a gramática por meio dos quadrinhos, destacando a matéria que está sendo trabalhada em sala de aula ou a matéria que os personagens estão aprendendo (pronomes).

Como fazer: A revista traz as músicas com diferentes conteúdos de português que podem ser utilizados pelos professores como forma de interação e aprendizagem significativa para o aluno. Além de aprender com música, os alunos ficarão motivados e perceberão que a história também faz parte do cotidiano deles.



## REFERÊNCIAS

BARBOSA, Alexandre. **Como usar histórias em quadrinhos na sala de aula.**  
In:BARBOSA, Alexandre; RAMOS, Paulo; VILELA, Túlio; VERGUEIRO, Waldomiro.  
(Orgs.). 4. Ed. – São Paulo: Contexto, 2010.